

BOLETIM DA SOCIEDADE NUMISMÁTICA BRASILEIRA

Semestral - 2021 - Nº 79

ISSN 0037-8704



● As moedas da Fazenda Bom Sucesso ● Heróis esquecidos: medalhas da Força Expedicionária Brasileira na 2ª guerra mundial ● Uma medalha nos faz viajar no tempo ● O Curso de Fundamentos de Numismática do Instituto Federal da Paraíba - Campus Picuí ● As moedas bimetálicas da Rainha Victoria "One Penny Model" ● Entre a cruz e a espada: PDF: Qual é o ponto de equilíbrio entre "economizar" e cometer um crime? ● Entrevista com Dr. Ênio Garletti e com Cláudio Schroeder

Associados Remidos Mantenedores

**Ademar Leal Lisboa
Andre Luiz Cortese Leigo
Angelo Lima
Arthur José de Abreu Pereira
Bernd Kohl
Eduardo Antonio Seabra
Enio Garletti
Francisco Felizola Salmito
Francisco José Coutinho Paes
Gilberto Fernando Tenor
Gilberto Manca
Gilmar Divino da Silva
Hilton Aparecido Magri Lucio
Igor Chnee
Israel Miedzigorski
João Alfredo Castelo Branco
João Bosco Freua
Luciano Borges Junqueira
Luiz Felipe Proost Souza
Marcelo Serrano Almeida
Marco Antonio Kroggel Sá
Oswaldo Martins Rodrigues Jr
Silvio Alves
Sylvio Carlos Gomes
Walter José Verzoni
Werner Schmutzler**

Contribuintes até dia 20/05/2021

BOLETIM DA SOCIEDADE NUMISMÁTICA BRASILEIRA

ISSN 0037-8704



Semestral - Nº 79 - 2021

Junho 2021



SOCIEDADE NUMISMÁTICA BRASILEIRA

Fundada em 1924

Rua 24 de Maio, 247 - 2º andar - São Paulo - Brasil - CEP 01041-001

Site: www.snb.org.br | email: snb@snb.org.br

DIRETORIA BIÊNIO 2021/2022

Gilberto Fernando Tenor
Presidente

Bruno Henrique Miniuchi Pellizzari
Vice-Presidente

Ismael Toledo Júnior
Diretor Financeiro

Hélio César Xavier
Diretor Administrativo

Paulo Cesar Fim
Diretor Técnico

Marcelo Augusto Tibúrcio
Diretor Curador

Oswaldo Martins Rodrigues Júnior
Diretor Social e de Divulgação

BOLETIM DA SOCIEDADE NUMISMÁTICA BRASILEIRA | Semestral | Nº 79, 2021

Bruno Henrique Miniuchi Pellizzari

Editor

Edil Gomes

Arte e Diagramação

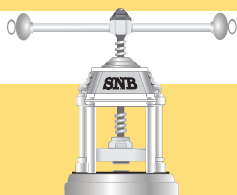
Mundial Gráfica

Impressão

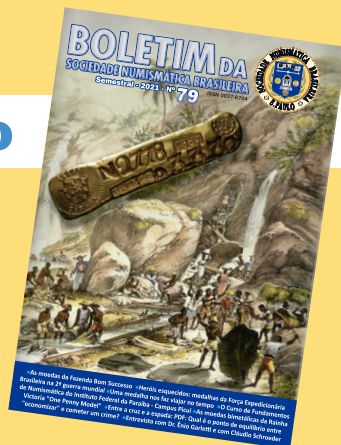
Imagem da capa: "Lavagem do minério de ouro, proximidades da montanha de Itacolomi" - Johann Moritz Rugendas de 1835, com sobreposição da Barra de ouro da coleção Sabará

O teor dos artigos publicados na Revista Numismática Brasileira é de inteira responsabilidade de seus autores. Os artigos enviados para publicação, deverão ser de caráter numismático, observadas as normas no final deste volume. Permite-se a reprodução de partes dos textos mediante referência bibliográfica da fonte.

Capa impressa em Couchê Fosco 300g. com laminação fosca. Miolo impresso em Couchê fosco 115g.



Sumário



07 Palavras do Presidente

08 Palavras do Editor

09 **As moedas da Fazenda Bom Sucesso**

•Francisco Luiz Oliveira Nepomuceno (Xico Luiz)

31 **Heróis esquecidos: medalhas da Força Expedicionária Brasileira na 2ª guerra mundial**

•Douglas de Souza Aguiar Jr.

55 **Uma medalha nos faz viajar no tempo**

•Abrahão Gitelman

60 **O Curso de Fundamentos de Numismática do Instituto Federal da Paraíba - Campus Picuí**

•Alberto Gustavo Paashaus Junior

69 **As moedas bimetálicas da Rainha Victoria “One Penny Model”**

•Reynaldo Mobaid

80 **Entre a cruz e a espada: PDF - Qual é o ponto de equilíbrio entre “economizar” e cometer um crime?**

•César H. Tâmega

88 **Entrevista com Dr. Ênio Garletti**

•Oswaldo M. Rodrigues Jr.

96 **Entrevista com Cláudio Schroeder**

•Oswaldo M. Rodrigues Jr.

101 **REDES SOCIAIS DA SNB**

102 **NOTÍCIAS**

118 **LIVROS RECOMENDADOS**

120 **OUTROS ÍTENS**

122 **NOTAS INFORMATIVAS**





SOCIEDADE NUMISMÁTICA BRASILEIRA

Rua 24 de maio, 247 - 2º andar - São Paulo - SP

Tel.(11) 3222.3534 e 3333-7004

e-mail:snb@snb.org.br

MISSÃO

Atender aos anseios dos associados, na promoção da numismática no Brasil, com ética, responsabilidade e dentro dos preceitos estatutários.

VISÃO

Ser o principal referencial da cultura numismática no Brasil

VALORES

A SNB valoriza:

- A - Satisfação dos associados;**
- B - Ética nos seus atos e relacionamentos;**
- C - Competência profissional;**
- D - Integração entre associações;**
- E - Respeito a todas as “Partes interessadas”.**

Palavras do Presidente



Caros Associados

Estamos abrindo uma nova gestão em nossa Sociedade Numismática Brasileira, composta por dedicados numismatas, sempre em prol da difusão da Numismática. A grande maioria de outras gestões aonde demonstraram sua dedicação a nossa entidade e ao mais novo Diretor Técnico, Paulo Fim, desejamos sucesso.

Criamos os cargos de Coordenadores Regionais, além dos nossos assessores da Presidência, Jurídico, Tecnologia e Relações Exteriores; e nossas Comissões, que também complementam o trabalho de nossa Diretoria Executiva. A todos os membros, nossos sinceros agradecimentos.

Infelizmente continuamos impedidos de retomar 100% as nossas atividades presenciais, visto que a situação da pandemia de Covid-19 ainda não está controlada, impossibilitando a retomada das trocas indiretas presenciais em nossa sede, bem como a realização de grandes confraternizações. Entretanto, esperamos que a leitura desse boletim traga um momento de descontração em tempos tão difíceis.

Enquanto essa realidade não é possível, seguimos com a realização de nossas trocas indiretas virtuais, que tem aproximado associados de todo o Brasil e até do mundo, que aos sábados se reúnem virtualmente para adquirirem peças novas para suas coleções, bem como para manter o contato entre si, servindo como válvula de escape para o momento em que vivemos.

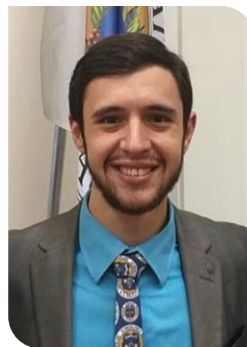
Com grande confiança que tudo isso irá terminar, deixo aqui meu fraterno abraço, aguardando a todos em nossos próximos encontros.

Saudações Numismáticas

Gilberto Fernando Tenor

Presidente da Sociedade Numismática Brasileira

Palavras do Editor



Caros amigos associados,

Chega em suas mãos mais uma edição do consagrado Boletim da Sociedade Numismática Brasileira, o de número 79, mantendo o nosso compromisso com os associados de publicar semestralmente esse importante canal de comunicação e aprendizagem. Uma nova diretoria, com antigos conhecidos, assume a SNB e reafirma o seu comprometimento de sempre trabalhar em prol da SNB e da Numismática. Na nova gestão continuarei responsável por editar o boletim, tarefa que me foi atribuída em 2019 e que desde então venho desempenhando com muito prazer.

Nesta edição vocês encontrarão artigos da mais alta qualidade, escritos por associados e pesquisadores. Mesmo não sendo possível ainda nos “aglomerarmos” como fazíamos, já que ainda não superamos a pandemia de COVID-19, esperamos que esse boletim ajude a manter a chama do conhecimento acesa, não nos deixando desanimar.

Ao mesmo tempo que somos abalados por notícias de internações e, infelizmente, óbitos decorrentes de tão perniciosa doença, compartilhamos da alegria e celebramos junto dos associados que já estão recebendo as doses das vacinas contra o Coronavírus. Nossos votos são de que em breve todos possam estar imunizados para que estejamos todos juntos confraternizando e trocando conhecimento.

Reforçamos a mensagem de que todos os associados e interessados podem, e devem, enviar suas pesquisas para serem publicadas em nossos boletins ou na Revista Numismática e agradecemos a todos os anunciantes por também contribuírem na publicação desse importante boletim. Saúde a todos!

Bruno Henrique Miniuchi Pellizzari

Vice-Presidente da SNB

Editor do Boletim da Sociedade Numismática Brasileira

Coordenador da Revista Numismática Brasileira



As moedas da Fazenda Bom Sucesso

Francisco Luiz Oliveira Nepomuceno (Xico Luiz)

A serra

A história destas moedas se passa em uma serra majestosa: a que chamamos, aqui no Ceará, de Baturité. Serras que completam e contrastam com o sertão mundo afora.

Como sabemos o sertão resseca as entranhas do Nordeste, mas, aqui acolá, faz uma pausa na sua aridez, então, surge uma serra, um serrote, aí, uma fresca se faz presente. O advento das grandes represas, dos açudes, é um fato novíssimo. O refrigério dos homens e dos bichos era mesmo nas serras úmidas ou precariamente em algum poço d'água persistente no leito de um rio ou riacho. As serras são como uns oásis.

A palavra Baturité é de origem indígena e tem o sugestivo significado de “serra verdadeira” ou “serra importante”, topônimo adquirido pela sua amplidão e imponência quando comparada a outras serras do Ceará ou do Nordeste. Podemos mesmo imaginar os índios, em priscas eras, sertão afora, vendo de longe a silhueta da nossa serra ao horizonte dizer: *ibityra ete!* Ou seja, aquela sim, é que é uma serra de verdade! E cometemos mesmo uma redundância quando falamos serra de Baturité, o certo seria dizermos simplesmente Baturité ao nos referirmos a serra que tem a cida-



Publicado no livro “As moedas da Fazenda Bom Sucesso” de Francisco Luiz Oliveira Nepomuceno (Xico Luiz) - Fazenda Alto Alegre, Caridade, Ceará, Brasil. Edição do Autor, 2008.



de de Baturité encravada em um de seus contrafortes ao nascente.

Baturité, não sendo prolixo, é um maciço (conjunto de montanhas grupadas em volta de um ponto culminante) situado na região Centro-Norte do Ceará. Contrasta por seu clima brando e abundância d'água com o sertão ao redor, quente e seco — influência da altitude e de certa proximidade do litoral. Esse mi-

croclima, favorável à cultura do café e outras culturas que exigem clima mais ameno, como a cana de açúcar, as fruteiras, as hortaliças, proporcionou à serra no século XIX e início do século XX um período de prosperidade econômica e de razoável desenvolvimento social e cultural.

Baturité nesta época - a das moedas - tinha ainda o viço da juventude, suas póvoas, seu povo, resplandeciam. A terra era boa e o clima vantajoso.

A cidade de Baturité, sua principal comuna, bem ao pé da serra, ao nascente, com a chegada da estrada de ferro, era o maior entreposto comercial. Chegar até a “Vila dos Índios”, como era chamada, era como chegar à serra sem precisar enfrentar suas penosas ladeiras de alto a pique.

A vila de Guaramiranga talvez seja o lugar onde a serra é mais verdadeira, a temperatura é branda, bem na cumeieira, um clima verdadeiramente “medicinal”. O contraste com o sertão é bem evidente. Antigamente chamada Conceição herda o novo nome do galhardo sítio que a abraça. O sítio Guaramiranga, hoje pertencente à maior patente da serra, o galante Major Hugo a quem peço a bênção e presto continência.

A propósito, a palavra Guaramiranga tem suas sutilezas... Muitos querem que signifique “pássaro vermelho”, o que não corresponde à realidade. Vejamos. Guaramiranga, que é uma palavra indígena, é composta por duas outras palavras: *guara* e *miranga*. As palavras *pitanga*, *piranga* ou *miranga* têm o mesmo sentido e quer dizer vermelho. Já *guara* pode ter muitas traduções: pode ser passarinho (substantivo comum), pode ser uma árvore chamada Guará (substantivo próprio), pode ser o pássaro cha-



guaramiranga 1922

mado Guará (substantivo próprio), pode ser um mamífero chamado Guará (canídeo) e também pode ser barreiro ou a barreira (lugar de se coletar barro, olaria). Quem conhece a serra sabe que em suas matas não existe nenhum pássaro completamente vermelho, nenhum Guará, nem o pássaro, nem

o cachorro selvagem e nem a árvore.

Agora quem conhece a serra sabe que na Guaramiranga e no sítio Guaramiranga, tem pontos de terra vermelha que contrastam com os terrenos ariscados (brancos) ao seu redor. Portanto a nossa Guaramiranga quer dizer indubitavelmente **barreira vermelha**, lugar de terra vermelha, olaria de terra vermelha. Em épocas onde as panelas e outros utensílios domésticos tinham que ser de barro queimado, sem outra opção, a importância de um bom barreiro era máxima. Preconizo mesmo que a tratemos como uma bela dama, como faço — a barreira vermelha. Com certeza, era ali em alguma barreira que os índios da região coletavam barro para fazer suas panelas, seus potes e suas quartinhas. E quanto aos empedernidos defensores do pássaro vermelho, recomendaria uma saída engenhosa e honesta: por que não imaginar um lendário pássaro vermelho encantado nas matas da Guaramiranga etc. e tal... (Recomendaria a leitura dos bons tupinólogos principalmente *Silveira Bueno*).



Pacoti era como se fosse o lugar-tenente da cidade de Baturité. Entreponto emergente, de povo laborioso e progressista, em vários momentos

é elevada ou rebaixada em sua hierarquia com relação à comuna de Baturité. Antigamente era o sítio Pendência, de uns meus avoengos da família Pimenta, família de minha avó Carmen, que ainda hoje estão na serra. Efetiva-se política e economicamente ao raiar o século XX após herdar o nome do rio que a anima, o Rio das Bananeiras.

As vilas de Palmácea e Aratuba (antigas Palmeiras e Coité), e Mulungu sob influência administrativa ora de Pacoti, ora de Baturité, firmavam-se. Seus maiores entraves eram as dificuldades de transportes para escoar suas safras de rapadura, de cereais, de frutas, de café, mas, respondiam com um desenvolvimento perceptível.

E os sítios? Que beleza...

O sítio Bom Sucesso, entre Pacoti e Guaramiranga, do coronel Figueiredo, o nosso velho Manoel — protagonista desta história— era com certeza dos mais desenvolvidos da serra. É um sítio muito bem localizado, bem nas nascentes do Riacho Aracoiaba, hoje terras da Guaramiranga com bastante água corrente que movia um dos principais rodeiros da serra. Era um centro agrícola e comercial naquele regime ainda patriarcal.

O sítio Guaramiranga do coronel Chichiu é o sítio que dá nome a vila. Essencialmente produzia café. Devido a proximidade com vila e a sensibilidade política e humanitária da sucessão de seus donos têm seus destinos unificados. Hoje tudo são flores.

O sítio Uruguaiana, do coronel Dadá e da dona Libanea, o coronel, por morrer ainda novo, deixou o maior reinado para a viúva. E que reino! Das varandas do Uruguaiana eram comandados muitos sítios e fazendas, léguas e léguas de terra, até no Piauí.

O sítio São Luís, do coronel João Pereira Castelo Branco, posteriormente dos Boris e depois de minha família, com sua roda d'água, combinando café e cana, produzia um *moca* e um *mascavo* de primeira. E sua cinematográfica casa-grande com seu alpendre arqueado é com certeza um dos zênites de uma suposta arquitetura serrana.

O sítio Pau d'Alho, junto a Pacoti, do coronel Epifânio Ferreira Lima, posteriormente do coronel Aprígio Alves Barreira Cravo e depois do coronel José Marinho de Góes, também com sua roda d'água e belos baixios de cana. O palacete do Pau d'Alho seria outra referência da arquitetura serrana.

Dizia-se mesmo assim, coronel *praqui*, coronel *pracolá*, assim eram co-

nhecidos, assim eram cumprimentados, assim eram amados, assim eram odiados. Imperavam àquela época. Sob a inspiração de Gilberto Freyre eu diria que se vivia um regime patriarcal muito embora tardio e claro. Tardio, pois a serra foi domesticada mesmo já com o século XIX em andamento e claro pela escassez de negros.

E a gente de Baturité, por estes tempos, se compararmos com o resto do Estado, tinha boas oportunidades econômicas e sociais, para o seu “viver”.

O motor das atividades na serra era, e ainda é, o amanhar a terra e plantar o “de comer”. A serra não se presta à pecuária, apascentar o gado no sertão, bem próximo, é bem mais salubre. Na verdade, àquela época, buscava-se mesmo a serra nos anos mais escassos de chuvas, o sertão era normalmente mais dócil, ou então, demorava-se na serra durante o “verão”, enquanto as chuvas não chegavam, para descer ao sertão, o que se tornou um *modus vivendi* para aquelas pessoas. Ainda vivi a vida assim, da fazenda ao sítio, do Alto Alegre ao São Luís, de Campos Belos à Pacoti, do sertão à serra. Tudo comandado pelas chuvas.

Uma curiosidade. O Dr. Luiz Sampaio, meu avô, chegou a ser prefeito de Pacoti algumas vezes. Em todas as eleições que participou sempre foi candidato único! Não tinha concorrente! E no acordo entre todos os partidos políticos para fazê-lo prefeito ele ainda fazia as suas exigências. Uma delas era que se desse maioria de votos ao candidato a vereador Alarico Ribeiro Guimarães que como o mais votado seria naturalmente o presidente da câmara de vereadores. Não existia vice-prefeito àquela época, o presidente da câmara era o substituto natural do prefeito. Tudo isto porque o Dr. Luiz já deixava bem claro antes da eleição que só seria prefeito no “verão”, no “inverno” seu lugar era no sertão. Dito e feito, quando chovia o seu Alarico tomava conta da prefeitura em sua plenitude e os dois prestavam contas mensalmente. Todos estes acordos eram patrocinados pelo



carregadores de café

maior líder político da serra de todos os tempos, meu padrinho e também padrinho de meu pai, Francisco Alves Linhares Filho, o venerado Dr. Xico Linhares. E tudo dava bem direitinho no final. E mais curioso ainda: Dr. Luiz e Alarico eram adversários políticos! Imaginem se fosse hoje...

O café

O café (*Coffea arabica*), na nossa serra, entra em cena nos meados do século XIX.

A cultura do café na serra, nos seus primórdios, ao contrário do que aconteceu no Sudeste do Brasil, no geral, não estava nas mãos dos grandes proprietários, até mesmo porque ricos e grandes na serra eram poucos. Boa parte da produção cafeeira da serra provinha das plantações de pequenos proprietários, ou melhor, de parceiros ou agregados que faziam seus roçados de café em propriedades rurais o mais das vezes pertencentes a terceiros. Alguns donos de sítio, com o passar do tempo, para regularizar suas terras, tiveram que comprar cafeeiros plantados em suas próprias terras!

Quando falo que ricos e grandes na serra eram poucos, sei que espanto a muitos “românticos”. Vejamos. Em 1889 o conde d’Eu em viagem de reconhecimento à serra, após uma visita ao sítio Pau d’Alho em Pacoti, foi jantar e dormir no sítio Cafundó, hoje Venezuela, terra da família Caracas. Sítio tão importante que foi escolhido para o príncipe jantar, tomar seu chocolate e pernoitar. Mas o que fazer para o príncipe tomar seu banho de ducha? Não havia ducha! A solução foi improvisar um serviçal sobre um andaime a jogar água sobre o príncipe. Parece também que o Príncipe para tomar seu chocolate recorreram a uma humilde cabra que alimentava sua cria e uma criança nas proximidades...

E vejam, no Amazonas, nos seringais, os, aí sim, ricos proprietários acendiam um charuto queimando uma nota de um conto de réis no candeiro!

Não havia ducha e não havia confortos. A vida era dura! Trabalho e muito trabalho. Moagens de cana de açúcar começando uma ou duas horas da manhã, trabalho no eito de sol a sol, e, sempre, como regra, com a participação física do dono do sítio. A serra nunca foi uma Califórnia! Mas, lógico, para apaziguar os ufanistas, e confirmar a regra, haviam exceções.

A vida na serra não era “um mar de rosas”!



Implantava-se a cultura do café por estes tempos.

E quanto aos cafezais, uma curiosidade que me faz afirmar que a cultura do café em nossa serra tem características bem próprias. Dava-se nomes próprios, nomes de gente, aos roçados de café! São muitos os roçados de café na serra com nomes de pessoas, com certeza, os antigos donos, ou então,

os que implantaram os ditos roçados. Pois existe este hábito na serra: dar nome aos roçados de café.

Por exemplo, no sítio São Luís, entre nomes como Olho d'Água, Purgatório, Santo Antônio, temos Antônio Anjo, José Amaro, Casciano (sic), todos nomes de roçados de café. Tenho ainda vetustas escrituras que rezam assim: “um roçado de café...”, outras vezes, “um roçado de maniçoba...”. Tanto outorgadas por quem se dizia “senhor e possuidor” da terra, como por quem se dizia dono apenas dos cafeeiros ou das maniçobas. São as escrituras do coronel João Pereira, homem que fez o sítio São Luís na última metade do século XIX, como quem monta um quebra-cabeça, comprando terras, casas, roçados de café, roçados de maniçobas. Comprando também pés de café e pés de maniçoba!

Os roçados de café eram implantados da seguinte maneira: derrubava-se a mata, procedia-se a queima, a destoca, e plantava-se milho, feijão ou fava, mandioca e café; prosseguindo-se roçando anualmente o café como cultura permanente. O café era cultivado na serra como o algodão arbóreo (algodão mocó) era cultivado no sertão. Era a cultura permanente que persistia nestes roçados após as culturas temporárias (milho, feijão, mandioca) frutificarem. Este seria o modelo agronômico mais praticado, com poucas variantes. As vezes plantava-se a carrapateira (*Ricinus communis*) para fazer sombra ao café nos primeiros anos. Carrapateira é a mesma mamona em moda atualmente para a produção de biodiesel.

A mata era derrubada e aproveitava-se para a carpintaria e para as construções apenas os toros mais fáceis de serem transportados. O res-

to da madeira derrubada era queimada no local da broca. A terra ficava desnuda! A fertilidade da terra, representada por esta madeira, pela ação do fogo, era posta na superfície: a cinza. Sim, a cinza é um bom fertilizante. Mas logo vinha o vento e a chuva carregando tudo de alto acima ou de alto abaixo ficando pouco daquela cinza para fertilizar o solo. Mesmo assim nos primeiros momentos a terra ainda era forte e fertilizada por aquele resto de cinzas cumpria bem o seu papel produtivo. Tudo bem, até a chegada precoce do estorvo da erosão.

Este cafezal produzindo a céu aberto tinha altas produções nos primeiríssimos anos, mas, logo definhava por causa destas práticas. A terra é íngreme e rasa, a rocha quase que aflora. O impacto ambiental provocado pela derruba e pela queima da mata no primeiro instante e a erosão inevitável, decretavam vida breve a estes cafezais.



O advento do café sombreado como hoje ainda vemos na serra é uma solução recente. A introdução da ingazeira e do camunzé para fazer sombra ao cafezal, minimizando as intempéries, mantendo a umidade e fertilizando o solo, dando-lhe vida mais longa, é prática que se generaliza somente no início do século XX. Sabemos que estas e outras leguminosas, tanto fixam nitrogênio do ar para o solo como retiram nutrientes outros das camadas mais profundas do solo para pô-los à superfície. São as folhas que caem e se transformam em humos. Digo mesmo que as ingazeiras são como o manto de Nossa Senhora a proteger os cafezais e a serra.

Sob o manto verde das ingazeiras o cafezal é quase eterno! Os cafezais da serra são centenários.

Mas, naqueles pioneiros cafezais moribundos, abandonados, improdutivos, nascia em profusão a maniçoba, uma produtora de borracha!

Mas antes, imaginemos um cafezal com todo viço, a céu aberto, em plena floração. Sintam o perfume e vejam o que o poeta Quintino Cunha vislumbrou — com certeza veraneando no palacete do sítio Pau d'Alho do

seu amigo coronel José Marinho de Góes — a serra toda branca, tal qual uma virgem, de grinalda e véu...

Àquela época podia-se ver a serra assim, o cafezal não era sombreado como é hoje, os cafeeiros não ficavam amocambados por baixo das ingazeiras e dos camunzés e o branco e o perfume de suas flores ficavam totalmente revelados em sua florada anual.

Mas, deixando de romantismo, o café, ao contrário de outras culturas, necessita de muitos “benefícios”, ou seja, de muitos tratos, antes de chegar fumegante à xícara. A trabalhosa colheita, feita por mulheres e meninos nas escarpas da serra, a secagem sempre difícil, fugindo da chuva, em faxinas de terra batida, precediam a pilagem, passagem mais complexa deste processo. A pilagem, que é a descasca e uma rudimentar classificação dos grãos, era feita com morosidade e trabalho principalmente por quem não tinha a maquinária adequada. Estes, mormente, recorriam aos rodeiros: engenhos, movidos a tração animal, a maioria, a energia hidráulica ou motriz, os maiores, que se especializavam na pilagem do café. E a pilagem é um “ato obrigatório”, por padrão, somente se comercializa o café pilado.



A Fazenda Bom Sucesso, do nosso coronel das moedas, pelas suas boas condições hídricas — às nascentes do rio Aracoíaba — que viabilizavam um potente rodeiro, pela sua localização no centro da serra, pela operosidade e interesse de seu dono, passou a pilar grande parte do café da serra a partir das últimas décadas do século XIX. Mesmo assim, a maquinaria era morosa, a produção da serra crescia e a roda d'água que movia o rodeiro tinha que trabalhar muito e a “toda água” para dar conta de tanto café.

Destarte o Bom Sucesso era procurado por diversos tipos de fregueses: os que desejavam vender, comprar, as vezes apenas pillar o café. Eventualmente também queriam investir em café de uma safra ainda por ser colhida, o que se chama “comprar, ou vender, na flor” e todos tinham condição de sair satisfeitos da casa daquele grande comerciante que na verdade prestava um serviço àqueles agricultores e que incorporaria, como veremos, também as atividades de banqueiro aos seus negócios.

As máquinas de pilar café, quase todas fabricadas em Limeira SP, movida a força motriz a explosão, chegaria após estes tempos à serra.



A borracha

Sabemos que a borracha foi a mola mestra da economia amazônica espetacularmente no século XIX. Época de muita prosperidade econômica. Prosperidade esta que também respingava aqui pelo Nordeste. Porém, no início do século XX, além da concorrência de outros produtores mundo afora, também tivemos o advento da borracha sintética, o que fez com que a borracha vegetal perdesse muito do seu valor. Pois bem, no auge deste verdadeiro rio de dinheiro amazônico, século XIX, a nossa serra vem com uma novidade: a borracha da maniçoba!

Sim, aquela que nascia naturalmente nos cafezais moribundos, baldios. As maniçobas (*Manihot sp.*) são plantas nativas da própria serra. Têm

uma característica marcante: crescem muito rápido e com suas folhas enormes “abafam” o que está ao seu redor, não deixando luz para as outras plantas, impedindo que elas tenham desenvolvimento normal e satisfatório. São típicas das matas secundárias, ou seja, de locais aonde a mata original já foi destruída. Produzem um látex (borracha) semelhante ao da seringueira que os serranos passaram a explorar. Nos roçados abandonados onde morria o café a maniçoba nascia em abundância, e assim, a serra conheceu um “ciclo da borracha” desconhecido de muitos nos dias de hoje.

E sim, teve real importância econômica a borracha extraída da maniçoba para a serra.

A possibilidade de se colher este látex semelhante ao da seringueira e ter uma pequena amazônia aqui no Ceará, fez crescer os olhos de muitos, inclusive do grande capital internacional. Tomemos o Banco de Londres e Boris Frères & Cia. Ltda., estes, comerciantes e capitalistas franceses, como exemplo.

Estas foram as primeiras investidas de instituições creditícias na serra, a farejar lucros fáceis com os olhos na borracha. Facilmente se tomava dinheiro emprestado para negócios com borracha com estas instituições, sempre, lógico, dando-lhes a terra como garantia. Com a crise da borracha, o advento da borracha sintética, surgem as dificuldades financeiras das pessoas envolvidas com sua extração aqui na serra e muitos sítios são perdidos pelos primitivos donos a favor desta coorte estrangeira. O Bank of London e os Boris (Boris Frères & Cia. Ltda.) passam a ser possuidores de muitos sítios na serra. Lembro-me do sítio Carmelino e do Boa Esperança, ambos próximos do São Luiz, adquiridos por Antônio Sales, o bom Caboclo Sales, aos ingleses, que os receberam em pagamento de hipotecas.

Um dos maiores sítios da serra, o São Luís, já citado, adquirido por meu avô Luiz Cícero Sampaio aos Boris, foi pago quase na sua totalidade com borracha e cou-



ro de boi, couro este proveniente do gado abatido para consumo no próprio sítio. Tudo no início do século XX, já em meio à crise econômica que aqui vai relatada. O coronel Zeca Sampaio, meu bisavô, havia arrendado o São Luiz aos Boris, com sua morte em 1922, o arrendamento do sítio passa naturalmente a meu avô Luiz. Muitos grandes da serra se apresentaram aos Boris para comprar o sítio. Um dos que mais insistiram foi o famoso coronel Chichiu do Guaramiranga. Mas os Boris foram firmes, a preferência era do Luís por ser filho do Zeca.

O São Luís foi comprado por cento e oitenta contos de réis, em nove prestações anuais de vinte contos. Como o Dr. Luiz era muito precavido pagou sempre um ano antes do vencimento cada duplicata. Quando o doutor foi liquidar a última prestação em vez de pagar vinte pagou apenas seis contos! Os Boris creditavam ao Dr. Luiz os juros das prestações pagas adiantadamente. As transações entre os Boris e o Dr. Luís envolviam entre outras coisas, mercadorias, como borracha, couro do boi e café, conforme consta em velhos romaneios que ainda escondo das traças. Portanto não sei exatamente porque na escritura de compra do São Luiz pelo doutor consta apenas o valor de quarenta contos.

Entrementes, a seringueira, desde 1876, era levada da Amazônia para a Ásia. Máxime no início do século XX nossa borracha sofreu fortíssima concorrência dos produtores asiáticos e a depreciação foi enorme. A Ásia produzia uma borracha melhor e mais barata que a brasileira. O que dizer de uma borracha de inferior qualidade ainda como a de Baturité? Tudo isso sem falarmos da entrada no mercado da borracha sintetizada a partir do petróleo.

Os que se envolveram com a borracha na nossa serra estavam em maus lençóis, e o nosso coronel Figueiredo era um deles.

O coronel Figueiredo

Nesta serra em transição laborava o coronel Manoel José d'Oliveira Figueiredo — o homem das moedas.

Vivia na Fazenda Bom Sucesso, entre Pacoti e Guaramiranga, português, misto de agricultor e comerciante, danado, com certeza um empreendedor. Pai de muitos filhos, possuidor de algum dinheiro, dono de muitas terras, protagonista de muitas histórias... Um parêntesis: A rigor seria Sítio Bom Sucesso. Na serra nós temos sítios, no sertão temos fa-

zendas. O sitio é de plantar, a fazenda é de criar. Gosto muito de uma definição que acho que tirei de minha cabeça mesmo: no sítio nós cercamos para criar; na fazenda nós cercamos para plantar. Digo fazenda, pois nas moedas está cunhado Fazenda!

Como agricultor tinha propriedades em Baturité, em Uruburetama, nos sertões do Quixadá e do Canindé, era do plantar e do criar. A cada fazenda, lavouras distintas, interesses vários, leitos diversos...

Como comerciante, informa-me o Prof. Vinícius Barros Leal, o verdadeiro conhecedor da história da serra, que o registro número um da junta comercial do Estado do Ceará é uma firma de torrar café na Guaramiranga de sua inspiração. Se juntarmos essa ousadia com a concepção destas moedas, não acredito em ninguém mais arrojado.

Deve ter, por seu labor, usufruído do melhor da serra e do seu tempo... E era um jogador.

E a vida muda o jogo. Voltemos àqueles cafezais constituídos com fogo, naquelas escarpas íngremes de solo muito raso, a mercê da erosão, eles não tinham vida longa: morriam. A técnica de sombreamento do cafezal com a ingazeira ainda não era uma prática generalizada. Todavia, ali nascia a maniçoba, um negócio novo, borracha na serra! O nosso coronel, com sua operosidade, investe preferencialmente nessa nova atividade, até comprando novas terras, redobrando seu trabalho. Contraindo dívidas e canalizando seu capital para a nova atividade enfrenta os novos tempos e se impõe o empreendedor. E o jogo muda a vida.

Pensando no café, para dinamizar o seu mundo de negócios e acredito também para se capitalizar, teve uma ideia genial: criar uma moeda. Passava muito café pelo seu sitio, seu rodeiro trabalhava o ano todo, permanecia café de muitos produtores em seus armazéns.

As moedas teriam como referência o café e sua garantia pessoal. Circularia representando o café enquanto este não era pilado ou colhido. Facilitando as transações comerciais, a colheita do café é anual e o processo



Coronel Manoel José d'Oliveira Figueiredo

de pilagem não é feito com rapidez.

As moedas teriam três valores faciais: um alqueire (128 litros), uma quarta (32 litros) e uma terça (8 litros), tudo medido em “café em coco”, ou seja, café seco antes de ser pilado. Dito e feito. Quem o procurava para pilar café, entrava na fila da pilagem, deixava o café no Bom Sucesso e levava as moedas representando seu café.

As moedas foram cunhadas em bronze com verso e reverso, talvez em Portugal, talvez na Bahia, todas com a data de 1895.



Passaram a circular em toda a serra e no sertão ao redor. Tiveram muita aceitação, o lastro era em café — que se valorizava a cada dia — e a garantia era de um homem muito conhecido, rico e de bem. Ainda não se tinha ideia de inflação e era mais fácil guardar moedas que sacos de café. E, muito importante, facilitava em muito as transações comerciais. Também possuí-las seria mesmo uma poupança! Pela confrontação das datas devem ter tido uma vida útil, da maneira que foram concebidas, de uns 20 anos.

Mas, jogo feito! A borracha perde o seu valor e o coronel ganha dívidas e incertezas.

Correm boatos de sua fraqueza financeira e muitos o procuram para

“trocar” as moedas por café e infelizmente já não existia café suficiente nos armazéns da Fazenda Bom Sucesso para lastrear as moedas. Os credores, possuidores de moedas, batem em profusão a sua porta e o coronel passa a honrar seus compromissos com dinheiro de outras fontes.

Homem correto e probo como era o nosso coronel resolve juntar suas moedas para não ter seu nome sujo já que seus negócios fraquejavam cada vez mais. Tinha medo da posteridade. Toma então uma grave decisão: vender terras para se capitalizar e saldar suas dívidas, honrar e reaver as moedas que tinham seu nome.

Após juntar as moedas, com certeza todas que lhe foram apresentadas, saldar os compromissos assumidos, mas já sem forças e de finanças bem corroídas, dirige-se ao amigo Aprígio Alves Barreira Cravo no sítio Pau d’Alho em Pacoti. Neste encontro presenciado por meu tio avô José



Nepomuceno, o querido José do Chicó, meu ídolo, que era administrador do Pau d’Alho à época, o velho Manoel apresenta e presenteia as moedas já sem valor ao amigo Aprígio, recorda-se de sua longa vida de luta, brama sua honra e volta ao Bom Sucesso.

Fora sua última parada, perdera o jogo. Em seguida põe fim a sua própria vida. Mata-se.

Dentre as várias versões para a morte do coronel Figueiredo, uma das mais fantasiosas é a de que teria colocado uma faca presa na dobradiça de uma porta da sala da casa do Bom Sucesso e jogara-se por cima tendo uma morte cruenta, instantânea.

As moedas

Em 1923 o coronel Aprígio, que herdara as moedas, resolve vender o sítio Pau d’Alho, não morava mais no Ceará e o oferece ao Dr. Luís Cícero Sampaio, meu avô, filho do coronel Zeca Sampaio que era seu procurador na serra. O Dr. Luís não pode comprar o Pau d’Alho porque estava em negociação com os Boris comprando o sítio São Luís já citado. Então o coronel Aprígio resolve vendê-lo ao coronel José Marinho de Góes, seu primo, pai de meu sogro, José Ellery Marinho de Góes, o venerável Zelito.

Mormente presenteia as louças e os talheres da casa do Pau d'Alho, palacete que hospedara em 1889 o Conde d'Eu em visita a serra — e as moedas — ao amigo Zeca.

O coronel Zeca, meu bisavô, arrendara o sítio São Luís dos irmãos Boris em 1915, posteriormente meu avô Luís o compraria conforme já relatei. Quando o Dr. Luís, já casado, vem morar no São Luís, em 1924, traz para cá também os herdados de seu pai. Tudo dentro de uns vetustos baús de couro, marcados com as letras A.A.B.C. que ainda hoje resistem a todas as injustiças do tempo nas despensas úmidas da casa grande do São Luís. As louças e os talheres passaram a ser usadas cotidianamente e as moedas também!

Uma curiosidade: entre a parafernália vinda do Pau d'Alho para o São Luís veio uma escarradeira. Àquela época, cuspiam-se muito! Era uma prática recomendada pelos médicos, tempos de tísica. As casas ricas tinham obrigatoriamente suas escarradeiras. A do São Luís é linda! Toda em ágata, branca com desenhos em rosa e verde, no formato de um balde de uns 20 litros, com uma tampa como se fosse um funil invertido. E o mais curioso, a minha geração, eu também, as pessoas do sítio, não sabiam e não sabem o que é aquilo! Mas ela existe e deve viver ainda a enfeitar algum canto de sala, cheia de flores. Quando eu era menino ela já tinha umas úlceras de um lado que eram sistematicamente escondidas voltadas para a parede e era usada como um jarro para flores. Que tempo...

E quanto as moedas? Aqui no São Luís, até a década de oitenta, nossas moedas serviram e militaram. Serviam de “fichas” para a contagem de balaio de café apanhados na época da colheita. Explicando: ao final de um dia de trabalho, cada apanhador, normalmente mulheres, recebiam as fichas correspondentes aos balaio de café apanhados naquele dia — um uso já bem diverso da concepção original das moedas pelo velho Manoel. Ao final da semana era feito o pagamento

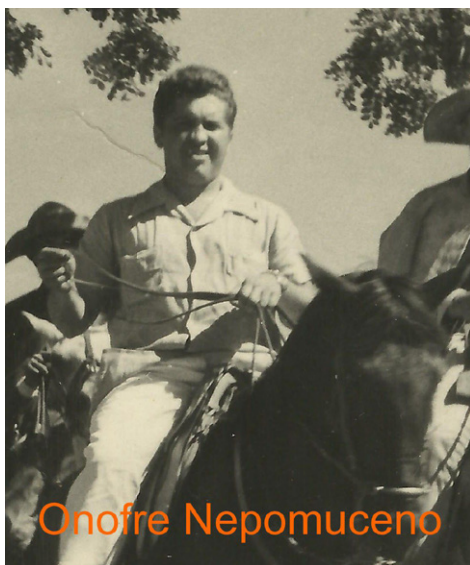


Dr Luís Sampaio e eu

do café apanhado pela contagem das fichas, ou seja, das moedas na mão de cada “apanhadeira”. Aqui no São Luís estas moedas serviram possi-

velmente ao meu bisavô, ao meu avô Dr. Luís, ao meu pai Onofre e a mim Francisco Luiz, quatro gerações. Curioso também é observar que neste novo mister as moedas eram usadas indistintamente como fichas, ou seja, não se respeitavam seu valor facial, eram todas iguais. Ficaram sujas e gastas com o passar do tempo. Todas eram iguais e também ninguém se interessava pelo seu formato nem suas inscrições. Qualquer uma representava um balaio de café. A totalidade das pessoas que as manuseavam não sabiam sua história nem sua origem ou no mínimo não davam a menor importância a isso.

Em 1989 resolvi guardar estas moedas que encheram de fantasia minha meninice. Eu talvez fosse o único que tivesse curiosidade sobre elas.



Passei a investigá-las.

Minha amada avó Carmen, esposa do Dr. Luís e seu irmão José do Chicó, o que presenciou o encontro entre o coronel Manoel Figueiredo e o coronel Aprígio, ambos ainda totalmente lúcidos, deram-me as luzes aqui expostas. Como vemos alguns fatos aconteceram totalmente dentro da nossa família e somente eles poderiam saber. Tive sorte.

Com outras pessoas ainda, como, este sim, um coronel “de verdade” Nestor de Matos Brito e de meu saudoso sogro Zelito, completei esta história ainda não completamente retocada, mas, que tem como personagens vivos as moedas em meu poder, além de documentos, fotos e objetos.

Em 1990 procurei pessoalmente a Sociedade Numismática Brasileira em São Paulo, doeí umas moedas ao museu desta Sociedade, fiz camaradagem com os grandes colecionadores e escrevi com despreensão uma primeira notícia sobre estas moedas e a divulguei no Boletim Notícias da Sociedade, número 21, de abril de 1991, com circulação mundial. Este Boletim é o informativo oficial da sociedade. Até aquela data as nossas



moedas, raras, eram conhecidas e admiradas no mundo fascinante da numismática, o que ninguém conhecia era a sua história.

Em 1995, comemorando os cem anos das moedas, pois todas têm a data de 1895, pus em leilão, em São Paulo, na Sociedade, três moedas. Alcançaram um valor surpreendente, tanto que com o apurado comprei cinco moedas da antiguidade, inclusive uma de antes de Cristo.

A notícia das moedas chegou à Nova Iorque através da publicação da Sociedade, ao Sr. Alexandre de Barros, brasileiro, numismata, economista da ONU, que entrou em contato comigo por carta. O seu interesse pelas moedas nos levou a trocar farta correspondência e desta troca de ideias chegamos a algumas evidências interessantes. O Alexandre, homem de grande cultura, foi quem na verdade me orientou e chamou atenção para o valor especial destas moedas.

As moedas são originais e raras principalmente pela sua concepção, ou seja, as moedas particulares que circularam àquela época serviram para pagar mão de obra nas grandes fazendas — eram os conhecidos borós —, uma espécie de vale. Na verdade, eram vales emitidos por um empregador a ser descontado junto a comerciantes específicos com posterior ressarcimento. Não tinham lastro e a garantia era apenas a honorabilidade do emissor. Nossas moedas não têm nada a ver com os borós.

É até mesmo desconhecido, ou raro, o fato de moedas particulares com lastro em mercadoria com a possibilidade inclusive de capitalizar seu criador. Este é o *it* das moedas da Fazenda Bom Sucesso.

E quanto ao aspecto estético, realmente são muito bem cunhadas e bonitas, se compararmos às outras moedas particulares cunhadas no Brasil ou na América. Na verdade, a maioria das moedas particulares catalogadas no Brasil e nas Américas são moedas oficiais com pequenas marcas que as modificavam o valor. São poucas as moedas cunhadas especificamente para uso privado.

Passei a ter outros olhos para a vida, para o mundo que me cerca

Me dediquei um pouco a numismática, passei a juntar umas moedas e cédulas do Brasil, a curiosidade me absorveu. Hoje tenho uma pequena coleção, de moedas, de cédulas e principalmente de histórias como estas e outras que pretendo contar ainda...

O grande numismata Kurt Prober, em suas obras que já são clássicas, se referindo às moedas particulares, relaciona 278 carimbos aplicados sobre moedas oficiais que circularam no Brasil. São marcas feitas em moedas oficiais, normalmente de pequeno valor, lhes atribuindo um novo valor em espécie (dinheiro) ou gêneros (mercadorias), outras, cunhadas pelo



“proprietário”. Mas tinham credibilidade e aceitação em uma área restrita e eram sistematicamente liquidadas, ou seja, o emissor da moeda estava sempre a reavê-las. Borós, na verdade. As principais moedas particulares, com lastro, cunhadas com requinte, que Kurt Prober faz referência, são as três da Fazenda Bom Sucesso e uma da COMPANHIA NICHTEROI & INHOMERIM do Rio de Janeiro que circulavam nas barcas da Cantareira. Hoje sabemos que existem mais umas poucas moedas particulares genuínas, cunhadas especificamente como tal, mais as do velho Figueiredo são sem dúvida originalíssimas especialmente na sua concepção.

Como vemos estas moedas fizeram história, tiveram vida e têm um ele-

vado valor por sua contribuição real ao progresso de Baturité e do Ceará. Capital que produziu trabalho e gerou riquezas. A elas podemos aplicar a frase do grande Hipócrates que segundo Flaubert deve ser citado sempre em latim, pois escrevia em grego: ARS LONGA VITA BREVIS, ou seja, *a arte é longa a vida é breve*. Em aproximadamente vinte anos de vida útil na concepção original elas se tornaram perenes, vivas para sempre.

O Alexandre de Barros escreveu em 2009 seu “Catálogo Geral de Moedas particulares, Vales e Fichas do Brasil”, obra de fôlego! Estas moedas figuram com destaque em sua obra, já um “clássico” da numismática brasileira.

Esta história

Posso dizer que a história destas moedas ronda por dentro de mim. Existem fatos com relação a elas e ao seu criador que me intrigam. Há muito mistério em torno deles.

Minha família, meu avô, homem esclarecido, advogado brilhante, formado aos 22 anos, pois perdera 2 anos

com um deslocamento de retina, meu pai, ninguém se interessou antes por elas. Elas existiam no São Luís, simplesmente como fixas. Nada mais. Quanto a mim, confesso, desde a primeira vez que as vi, fiquei deslumbrado e curioso.

Uma vez conversava com um amigo, Fernando Studart, no meio da rua, na praça São Sebastião em Fortaleza, quando um senhor olhou pra mim e disse: você é que o homem das moedas! Tomei um susto, quis negar, mas amistosamente entramos em conversação. Era conhecido de vista do Fernando, era dentista, aposentado, descendente do velho Manoel, queria me conhecer, falar das moedas e principalmente saber da história de seu bisavô. Contei-lhe o que sabia. Ficou muito alegre, dei-lhe



uma moeda de presente e nos despedimos. Ele não sabia praticamente nada sobre o bisavô!

Outra vez dirigindo um automóvel de Guaramiranga a Pacoti, em uma curva do caminho, quase me choco com outro automóvel. Quando paramos saiu um cidadão do outro carro e me disse que bom este quase acidente, eu venho de sua casa, nesta época morava em Pacoti, e não fora este incidente não nos encontraríamos! Era um bisneto do velho Manoel. Queria conhecer-me e saber de seu avoengo ilustre!

Um dia um amigo, Evando Holanda, insistiu tanto para que almoçasse com ele no clube dos advogados em Fortaleza, na Praça do Ferreira, que terminei aceitando. Quando chegamos ao restaurante só existia uma mesa com cadeira vazia, duas cadeiras, mas como todos eram advogados, conhecidos, nos dirigimos à mesa. Antes mesmo de nos sentarmos o cidadão já sentado olha pra mim e diz: estava louco para conhecê-lo, sou neto do velho Manoel! Queria saber o que eu sabia de seu avô! Pensei logo que era um encontro combinado com o Evando, mas não, meu amigo não teve nenhuma participação no encontro. Todo coincidência...

Fui a São Paulo para assistir uma exposição agropecuária. Era a primeira vez que ia ao sul do país. E quem está no aeroporto? Sim, um bisneto do velho Manoel a esperar-me. Fui apresentado ao rapaz, chamado Marcelo Farias Figueiredo, pelo Dr. Flavio Saboia, que me aguardava. O Marcelo e seu pai queriam saber do velho Manoel. O ramo paulista da família Figueiredo vem de um filho do velho chamado Paulo que vai embora do Ceará logo após a morte do pai. Este Paulo é avô de um conhecido ator de telenovelas que tem o seu mesmo nome, Paulo Figueiredo.

Outros fatos semelhantes aconteceram comigo anos afora, o que tem me deixado espantado.

Um dia, no São Luís, meio de semana, à tarde, tarde fria, chegou uma senhora já bem idosa, com seu filho, queria conhecer-me e rever minha avó Carmen. Era a viúva de um filho do nosso velho que vinha de São Paulo com uma missão: Incentivar-me a pesquisar sobre a vida do velho. Já minha avó que estava cochilando quando a senhora chegou, do alto de seus 90 anos, não a reconheceu de pronto. E as duas velhas senhoras ficaram a se olhar com indiferença! Todo muito estranho. Mas, após um café e uma boa meia hora, dona Carmen se vira para a visitante e diz:

— Fulana, como vai você? Tudo bem? Anda passeando?

— Tudo bem Carmen, vim revê-la e conhecer seu neto que tem uma missão importante!

Trocaram palavras amáveis e após mais meia hora de prosa a senhora foi embora. Soube que pouco tempo depois morreria em Campinas, São Paulo, onde residia. Dizia que não queria morrer sem me conhecer e pedir algo!

E dona Carmen ao ser perguntada por que quase não a teria reconhecido de pronto, respondeu que estava tudo bem:

— Outro dia tinha ido a casa dela e até almoçado!

Achei que minha querida avó estava sofrendo mesmo o peso da idade... Ela vivia comigo e eu sabia que este encontro não havia acontecido. Ao insistir com dona Carmen ela confirmou:

— Estive lá sim, outro dia, com o Luiz.

Então entendi que este encontro havia sim ocorrido há 50 anos atrás quando meu avô doente da vista foi a Campinas acompanhado de minha avó para tratamento médico.

Não vou mais me alongar, contaria outros fatos semelhantes, mas pergunto, não é muita coincidência? Porque tantas pessoas, eu diria, saindo do nada vêm a mim em busca de notícias sobre o velho Manoel?

Todos os fatos mostram que o velho Manoel foi um grande homem, muitos negócios, muito dinheiro em certa época de sua vida, muitas propriedades, muitas mulheres, muitos filhos, talvez alguns escravos, era português, tinha a fala enrolada, valente, muitos interesses em muitos lugares. Tenho mesmo a impressão que sua vida não terminou ainda! O suicídio...

Seus descendentes não se conhecem e existem muitas histórias a seu respeito. E muitas delas a lhe denegrir. Acho que tenho ainda muito a descobrir para contar sobre ele.

Tenho mesmo a impressão que ele me escolheu para contar a sua verdadeira história. Já que não deu tempo ele mesmo contá-la. Até já me pagou adiantado! Só sei que fico todo arrepiado...



Heróis esquecidos: medalhas da Força Expedicionária Brasileira na 2ª guerra mundial

Douglas de Souza Aguiar Jr.¹

Passados 75 anos do embarque do primeiro escalão da Força Expedicionária Brasileira (“FEB”) para os campos de batalha da Europa, a participação do Brasil na 2ª Guerra Mundial é, hoje em dia, um assunto praticamente desconhecido da maior parte de nossa população. Recebida com grandes festividades quando de seu retorno ao solo pátrio, ao fim da guerra, a FEB e seus veteranos foram alvo, nas décadas seguintes, primeiro de uma exaltação ufanista seguida de um desdém caricato por acadêmicos despreparados e tendenciosos que perdura até hoje, quando o tema é tratado marginalmente na bibliografia escolar.

Originalmente mantendo-se neutro, quando as hostilidades foram deflagradas, em setembro de 1939, o governo brasileiro de Getúlio Vargas (1882-1954) – que comandava o país como um ditador desde o golpe chamado Estado Novo, em novembro de 1937 – foi lentamente sendo arrastado para a guerra.

Em janeiro de 1942, como consequência da Conferência de Chanceleres Pan-Americanos no Rio de Janeiro, o Brasil rompeu relações diplomáticas com os chamados Países do Eixo (Alemanha, Itália e Japão) e, após o afundamento de vários navios mercantes brasileiros, finalmente foi declarada guerra em 22.08.1942. Como parte do acordo com os Aliados (em especial os EUA), o Brasil garantiria a construção de bases aéreas em Natal e Rio de Janeiro, o fornecimento de matérias-primas essenciais ao es-

¹Douglas de Souza Aguiar Jr., advogado, é curador do Museu de Polícia Militar do Estado de São Paulo.



Foto do 1º Pelotão de fuzileiros da 1ª Companhia do 6º Regimento de Infantaria da FEB, 1944, comandado pelo 1º Tenente José Gonçalves (1912-2003). Cortesia do Prof. Cesar C. Maximiano.



Soldados brasileiros desfilam no Vale do Anhangabaú meses antes do embarque para a Itália, em 1944. A demora do Brasil em preparar suas tropas levou a população a dizer que “era mais fácil a cobrar fumar que o Brasil ir para a guerra”. Acervo Arquivo Nacional.



Patrulha brasileira em 1945. As nossas forças foram equipadas com armas e veículos norte-americanos, como se veículo Jeep, capacetes M1, submetralhadora M3 Grease Gun e metralhadora Browning M1919A4. Acervo Arquivo Nacional.

forço de guerra e, por fim, o envio de tropas para o exterior. Seria o primeiro conflito internacional do Exército Brasileiro desde a Guerra do Paraguai (1864-1870).

No entanto, os soldados brasileiros não puderam ser preparados e enviados imediatamente, com dois longos se passando entre a declaração de guerra e o efetivo envio das primeiras tropas para combate. Esse atraso – decorrente de inúmeras razões logísticas e políticas – acabou se tornou motivo de piada entre aqueles que viam a participação brasileira com ceticismo, a ponto de se tornar comum o ditado de que *“era mais fácil uma cobra fumar do que o Brasil ir para a guerra”*. Quando as

tropas do primeiro escalão da FEB embarcaram a bordo do navio de transportes americano USS General Mann, em 02.07.1944 rumo ao teatro de operações italiano, foi justamente essa piada que imortalizaria o símbolo máximo dos soldados expedicionários: a cobra fumando.

Chamada oficialmente de Divisão de Infantaria Expedicionária, constituía-se de três regimentos de infantaria (o 1º RI do Rio de Janeiro, o 6º RI de Caçapava e o 11º RI de São João Del Rei), cada um composto de três batalhões (com quatro companhias cada) os quais incluíam, por sua vez, unidades de apoio, como artilharia, engenharia e cavalaria (no papel de reconhecimento motorizado), todas sob comando do general de exército (mais tarde, marechal) João Baptista Mascarenhas de Moraes (1883-1968). O primeiro escalão desembarcou em Nápoles em 16.07.1944 e, após o envio de quatro outros escalões, a FEB contaria com 25.334 até o fim da guerra.

Quando de sua chegada à Itália, a FEB foi designada para o 4º Corpo do V Exército americano, comandada pelo general Mark Clark (1896-1984). O V Exército encontra-se então severamente desfalcado por conta de várias de suas unidades terem sido designadas para a invasão do sul da França pelo VII Exército, ainda em julho de 1944. Após um breve treinamento em técnicas de combate reais, o 6º RI foi enviado, em 15.09.1944, para a linha de frente onde passou a enfrentar as unidades das Forças Armadas alemãs (a “Wehrmacht”) entrincheiradas na chamada “Linha Gótica”.

A Campanha da Itália foi especialmente brutal, pois as forças aliadas tinham que lutar constantemente contra defesas alemãs alojadas em posições elevadas do terreno montanhoso daquela península. A despeito de dificuldades iniciais, a FEB desempenhou todas as missões a ela designadas e apresentou um desempenho comparável às melhores divisões americanas do 4º Corpo do V Exército – inclusive a famosa 10ª Divisão de Infantaria de Montanha americana. Os expedicionários enfrentariam combates pesados em Monte Castello, Castelnuovo, Soprassasso. Nos combates para liberar a cidade de Montese os brasileiros enfrentaram um combate urbano, desalojando o inimigo casa a casa em quatro dias de combates, sofrendo 426 baixas entre 14 e 17 de abril de 1945.¹

Nos dias finais da guerra, em 29 e 30.04.1945, a FEB realizou uma manobra exemplar de cerco da 148ª Divisão de Infantaria alemã (então a última unidade intacta da Wehrmacht naquele teatro de operações) e das divisões fascistas *Monte Rosa*, *San Marco* e *Itália*. Isso levou à rendição aos brasileiros de dois generais, 800 oficiais e 14.700 soldados inimigos, além de grande quantidade de equipamento bélico. Alguns dias mais tarde, em 02.05.1945, o restante das forças do Eixo na península italiana renderam-se incondicionalmente aos Aliados e a guerra acabou para a FEB.

À essa altura, a FEB tinha estado 239 dias na zona de combate e tinha sofrido um total de 465 mortos em combate (21 oficiais e 444 soldados), 2.722 feridos (dos quais 1.577 em combate), 35 prisioneiros de guerra e 16 extraviados (desaparecidos em ação).

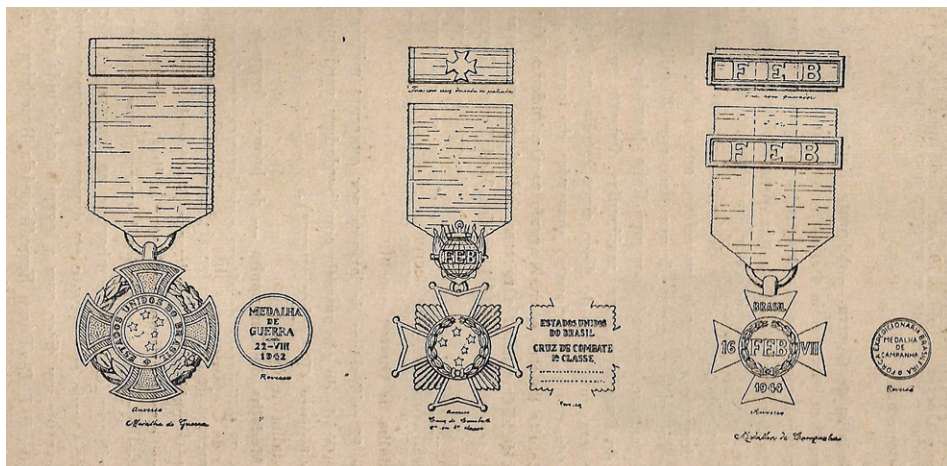
MAXIMIANO, C. C. & BONALUME, Ricardo. “BRAZILIAN EXPEDITIONARY FORCE IN WORLD WAR II”. Men-at-Arms #465 series. Osprey Publishing, Great Britain, 2011.

As Condecorações do Exército na 2ª Guerra Mundial

Como estavam subordinadas a um Corpo de Exércitos dos Estados Unidos, as tropas brasileiras em operações de guerra eram elegíveis às condecorações norte-americanas. Nesse contexto, 163 Bronze Stars e 30 Silver Stars foram outorgadas aos expedicionários – além de uma Distinguished Service Cross (a segunda mais alta condecoração americana por bravura) concedida ao 1º Tenente Apolo Miguel Rezk (1918-1999) do 1º RI.

Mas além das medalhas norte-americanas, o Exército Brasileiro também criou e outorgou suas próprias condecorações relacionadas à sua participação a 2ª Guerra Mundial. Um mês após a chegada do primeiro escalão em Nápoles, o governo Vargas editou o Decreto-Lei nº 6.795 de 17.08.1944, criando três condecorações: a Medalha de Campanha, a Medalha de Guerra e a Cruz de Combate. Detalhes específicos sobre cada uma e respectivos critérios de concessão seriam fixados pelo Decreto nº 16.821 de 13.10.1944.

Mas, também é interessante observar que a criação e entrega destas medalhas não passou despercebida à Sociedade Numismática Brasileira à época, que reproduziu integralmente não apenas a legislação e o desenho das medalhas introduzidas em 1944 (ainda no formato original) na sua Revista Numismática nº 1-4 de 1945 (pp. 259-266).



As medalhas brasileiras tal como originalmente concebidas e retratadas na Revista Numismática nº 1-4 de 1945. Acervo Arquivo Nacional.

A Medalha de Guerra

A Medalha de Guerra foi a primeira medalha introduzida pelo governo brasileiro em agosto de 1944. Era dotada de um desenho muito bonito e elaborado, e destinava-se a condecorar todo e qualquer civil e militar, no Brasil ou no exterior (incluindo a zona de combate) que tivessem prestado serviços relevantes ao esforço de guerra. Esse critério era retroa-



Medalha de Guerra. Cortesia de Marcelo Augusto Tibúrcio.

tivo a 22.08.1942 (data da declaração de guerra) e incluía treinamento e instrução de tropas ou uma designação especial a pedido do governo brasileiro. Inicialmente, em relação aos militares, apenas oficiais seriam elegíveis, mas, posteriormente, a medalha foi também estendida a graduados.

De acordo com a legislação original publicada pela Revista Numismática (p. 260) a Medalha de Guerra era

“(...) de prata dourada; formada por uma cruz do Templo com 38 milímetros de diâmetro, tendo os ramos 19 milímetros nas extremidades e 8 milímetros nas partes mais estreitas; no anverso, cheia de esmalte amarelo com uma orla de verde; os esmaltes separados por uma linha de metal e a cruz contornada por um filete do mesmo, de 1 milímetro de largura; posta sobre uma coroa de louro e de carvalho (valor militar e valor cívico), dourada e lavrada em relevo, que aparece nos intervalos dos ramos, a cruz carregada ao centro de um disco com 20 milímetros de diâmetro, de esmalte azul, contornado por uma linha dourada e pela legenda: Estados Unidos do Brasil, em letras maiúscula, disposta em círculo, tendo no exergo uma roseta; no centro do disco cinco estrelas na disposição do Cruzeiro do Sul (das Armas Nacionais) separadas da legenda por outra linha em círculo. Ao alto da cruz garra e argola para prender a fita; a argola com 13 milímetros de diâmetro. No

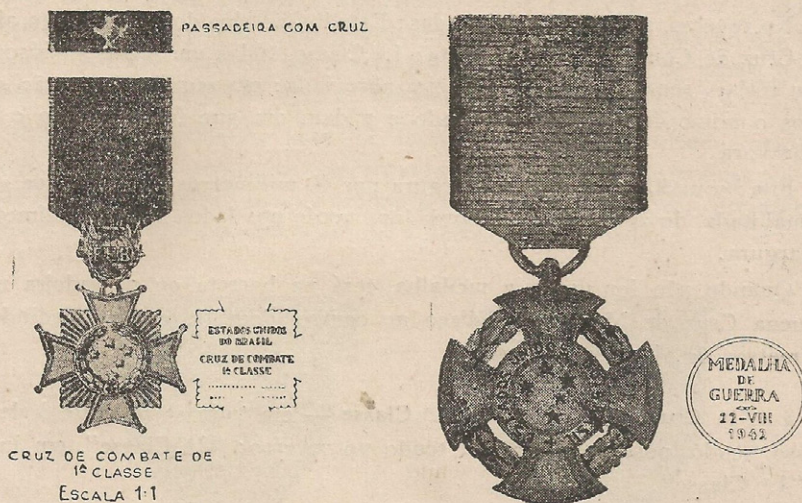
reverso, um círculo correspondente ao disco do anverso, tendo no centro a legenda : Medalha de Guerra, disposta em três linhas, em letras maiúsculas, em seguida ornato de separação e abaixo desta a data: Vinte e dois, traço oito, e abaixo, mil novecentos e quarenta e dois, em algarismos arábicos, sendo o oito algarismos romanos; tudo em relevo.

Fita: com 32 milímetros de largura por quarenta milímetros de altura de seda chamalotada de cor amarela com bordadura verde nos lados, com 2 milímetros de largura (Desenhos anexos)."

(Grafia original)

Ao alto da cruz, garra e argola para prender a fita; a argola com 13 milímetros de diâmetro. No reverso, uma linha em relêvo e em círculo correspondente ao disco do anverso, com os dizeres: Fôrça Expedicionária Brasileira, tendo no exergo uma estrêla e disposta em tórno a legenda: Medalha de Campanha, tudo em letras maiúsculas, em relêvo, nas dimensões proporcionais e disposta em três linhas.

Fita: de seda chamalotada, com 30 milímetros de largura por 40 milímetros de altura, nas côres verde e vermelha, verticalmente dispostas em três partes iguais: a do centro vermelha e as laterais verdes.



metros de altura, nas côres verde e vermelha, verticalmente dispostas em três partes iguais: a do centro vermelha e as laterais verdes.

A Medalha de Guerra sendo apresentada aos membros da Sociedade Numismática Brasileira (1945). Acervo da SBN.



Oficiais brasileiros são condecorados pelo General Mascarenhas de Moraes em solenidade na Itália em maio de 1945, numa das raras ocasiões em que a entrega de medalhas ocorreu antes do retorno ao Brasil. Acervo Arquivo Nacional.

Cunhagens modernas desta condecoração possuem um gancho de fixação da argola da fite bem mais curto e de formato mais quadrado, além de um trabalho de esmalte muito menos detalhado, o que torna as reposições fabricadas mais recentemente bem fáceis de identificar, quando comparadas aos exemplares feitos até o fim dos anos 50.

Cada condecoração foi outorgada com o respectivo diploma. Embora algumas destas medalhas tenham chegado ao teatro de operações antes do retorno da FEB ao Brasil, a maioria não foi entregue até muitos anos após o fim da guerra.

A despeito de seu bonito desenho, essa condecoração não era muito respeitada pelos verdadeiros veteranos de combates, pois muitos oficiais e graduados que nunca viram qualquer ação na linha de frente ou sequer deixaram a segurança do território brasileiro, acabaram recebendo-a, razão pela qual ganhou o apelido de “Medalha Sol e Praia”.

A Medalha de Campanha

A mais comum condecoração da FEB é a Medalha de Campanha. Seu critério de concessão contemplava todo soldado, independente da patente, que tivesse atuado no teatro de operações da Itália, desde que ele(a) não possuísse qualquer infração ou ofensa disciplinar que desabonasse

sua conduta. Militares da ativa e da reserva, voluntários e convocados eram todos elegíveis, assim como membros de forças armadas aliadas atuando junto ao Exército Brasileiro (como oficiais de ligação, tradutores, instrutores etc.). De acordo com a legislação e regulamento que a instituiu e que foi publicada na Revista Numismática nº 1-4 (pp. 260-261), a Medalha de Campanha era



Medalha de Campanha. Cortesia de Marcelo Augusto Tibúrcio

(...) de bronze formada por uma Cruz de Malta com 28 milímetro de altura e de largura as pontas de cada ramo 12 milímetros de altura e de largura, tendo as pontas de cada ramo 12 milímetros de espaço entre si; o anverso terá na cabeça a palavra: Brasil, em letras maiúsculas; nos braços à esquerda (do observador) o número dezesseis, em algarismos arábicos; à direita o número sete, em algarismos romanos, e, no pé o número mil novecentos e quarenta e quatro, em algarismos arábicos (dia do desembarque na Europa da Fôrça Expedicionária Brasileira), tudo em relevo e em dimensões proporcionais; a cruz carregada no centro de um disco com a legenda constituída pelas letras maiúsculas alinhadas: FEB (Fôrça Expedicionária Brasileira), por uma coroa de louro, tudo em relevo. Ao alto da cruz, garra e argola para prender a fita; a argola com 13 milímetros de diâmetro. No reverso, uma linha em relêvo e em círculo correspondente ao disco do anverso, com os dizeres: Fôrça Expedicionária Brasileira, tendo no exergo uma estrela e disposta em torno a legenda: Medalha de Companhia, tudo em letras maiúsculas, em relevo, nas dimensões proporcionais e disposta em três linhas.

Fita: de seda chamalotada, com 30 milímetros de largura por 40 milímetros de altura, nas cores verde e vermelha, verticalmente dispostas em três partes iguais: a do centro vermelha e as laterais verdes.

Passador para fitas e para a barreta ou passadeira quando não se usar a medalha: de bronze, retangular, com 9 milímetros de altura por 34 milímetros de comprimento, vazio, formado por um cordão em relevo, de 2 milímetros de largura, prendendo as letras maiúsculas: F E B (Desenhos anexos)."

(Grafia original)

O desenho da medalha era uma reminiscência da Medalha de Campanha da Guerra do Paraguai (1864-1870), enquanto sua fita repete o mesmo padrão de cores da Medalha de Bravura criada em 1868 para o mesmo conflito. Como ocorreu com todas as condecorações da FEB, a maioria das medalhas foram entregues (sempre com um diploma) após a guerra. Entre os colecionadores, as primeiras cunhagens, feitas até o fim da década de 1950, são as mais desejadas posto que possuem uma qualidade notadamente superior às medalhas feitas posteriormente como reposição para os veteranos ou seus familiares.



Ao contrário do que muitos apregoam, a infantaria da FEB esteve exposta a duras condições de combate. Aqui soldados são retratados lendo suas cartas em uma trincheira, em fins de 1944. Acervo Arquivo Nacional, colorização de Reinaldo Elias.



Corneteiro veterano da FEB, com sua Medalha de Campanha durante solenidade realizada no Brasil em 1946. Acervo Arquivo Nacional.

A Cruz de Combate

A última medalha introduzida durante a 2ª Guerra Mundial foi também a única criada para reconhecer a bravura do soldado brasileiro enquanto e combate contra forças inimigas – daí seu nome ser apropriadamente Cruz de Combate. Hierarquicamente é considerada, ainda hoje, a mais alta condecoração do Exército Brasileiro, embora não mais seja outorgada desde 1945.

Todo e qualquer militar brasileiro, independente de patente, era elegível à Cruz de Combate. Ela consistia de duas classes, sendo a Cruz de Combate de 1ª Classe destinada a premiar atos individuais de bravura ou sacrifício acima e além do dever enquanto engajando forças inimigas; já a Cruz de Combate de 2ª Classe era destinada a reconhecer a bravura praticada em uma ação coletiva durante o combate.

De acordo com o regulamento publicado na Revista Numismática (pp. 261-262) o desenho das Cruzes de Combate, conforme fixado no artigo 3º, parágrafos 3º e 4º do seu regulamento, tinha as seguintes características:

“§ 3º A Cruz de Combate de 1ª Classe - De prata dourada, formada por uma Cruz de Malta, maçaneta de oito pérolas, com 35 milímetros de altura e de largura, tendo as pontas de cada ramo 15 milímetro entre si: no anverso, contornada de um filete em *relêvo*, com 1 milímetro de largura, nos intervalos dos ramos *resplendor canelado*, formando um quadrado com uma ponta em cada vão, medindo 24 milímetros; a cruz carregada no centro de um disco com cinco estrelas na disposição do Cruzeiro do Sul (das Armas Nacionais) tendo em torno uma coroa de louro, tudo em *relêvo*.

Ao alto, por traz da cruz, pequena argola de 6 milímetros de diâmetro, presa a duas garras, uma na cruz, outra em um emblema composto de uma âncora e de um canhão passados em cruz e de quatro bandeiras e quatro fuzis, dois fuzis e duas bandeiras em cada lado, carregados de um globo geográfico medindo 10 milímetros de diâmetro, sobrecarregado das letras maiúsculas: F E B alinhadas, tudo lavrado em *relêvo*, tendo ainda por trás uma garra com uma argola de 13 milímetros de diâmetro para prender a fita.

No reverso as legendas alinhadas: Estados Unidos do Brasil; logo abaixo: relevo, sendo a palavra primeira abreviada: em seguimento virão gravados o nome do combate lembrado e a data em que foi praticado o ato de bravura.

Fita: com 30 milímetros de largura por 40 milímetros de altura, de seda chamalotada de vermelho com bordadura verde nos lados, com 2 milímetros de largura.

Quando não for usada a medalha, terá na barreta ou passadeira uma pequena Cruz de Malta com disco no centro, dourada e lisa, medindo 9 milímetros de altura e de largura.

§ 4º A Cruz de Combate de 2ª Classe- em tudo semelhante à de 1ª Classe, sendo porém, de prata e tendo no reverso: ‘2ª Classe’ em lugar de ‘1ª Classe’.

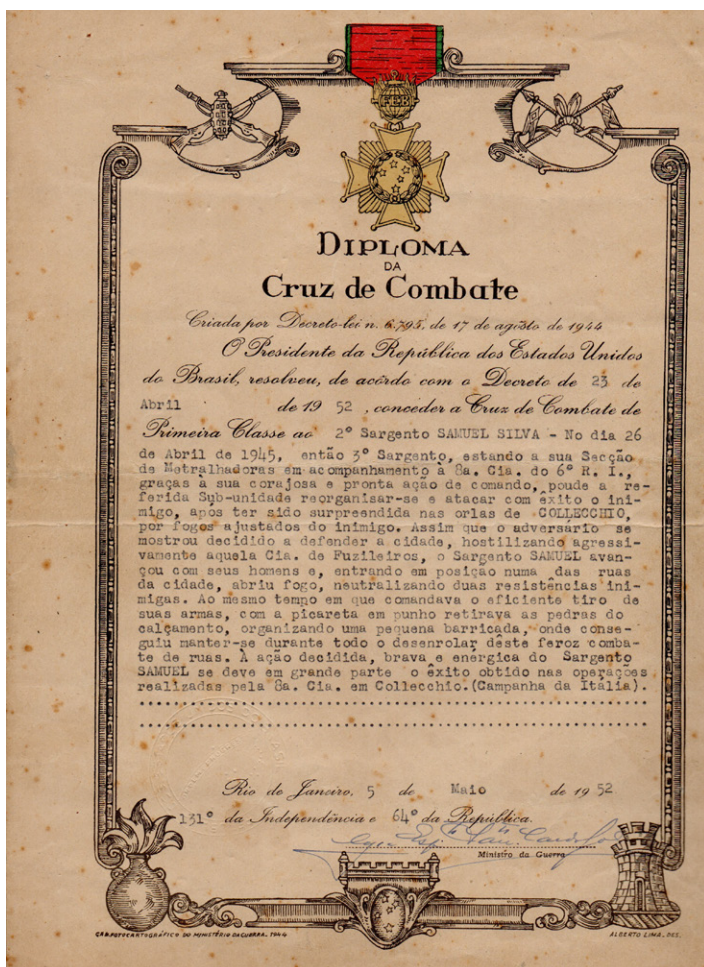
(Grafia original)



Cruz de Combate de 1ª Classe. Cortesia de Marcelo Augusto Tibúrcio.



Cruz de Combate de 2ª Classe. Cortesia de Marcelo Augusto Tibúrcio.



Diploma da Cruz de Combate de 1ª Classe conferida ao 3º Sargento (depois, Major) Samuel Silva por bravura em combate em face do inimigo com a descrição de suas ações. Cortesia de Paulo César Silva e Sr. Samuel Silva Júnior.

Ambas as classes poderiam ser recebidas pelo mesmo soldado, embora seu regulamento não contivesse previsões para a entrega de múltiplas medalhas (ao contrário do que ocorria com as medalhas americanas, por exemplo).

Como visto acima, originalmente havia a previsão legal de que as Cruzes de Combate trouxessem os nome do militar agraciado e a data do ato de bravura que levou à outorga da medalha. No entanto, essa prática nunca foi levada a efeito e nenhuma condecoração até hoje identificada possui tais características. No entanto, os diplomas que acompanhavam a condecoração (em ambas as classes) normalmente traziam a descrição do ato de bravura que havia ensejado a medalha, como é o caso do certificado da Cruz de Combate de 1ª Classe outorgada ao então 3º Sargento Samuel Silva (1921-2012) que ilustra esse artigo e que traz a dramática narrativa de sua atuação face ao inimigo.



O então 2º Sargento Samuel Silva recebendo sua Cruz de Combate de 1ª Classe em 22 de novembro de 1953, quando servia na cidade de Araraquara/SP como comandante o Tiro de Guerra nº 6.

Um estudo primoroso e detalhado desta condecoração, de autoria do tenente-coronel de Infantaria Júlio Cesar Fidalgo Zary, foi publicado na Revista da Sociedade Numismática Brasileira nº 74 (2017)², na qual o autor identifica duas grandes cunhagens desta condecoração. A primeira, feita em fins de 1944 ou início de 1945, compreendeu 600 peças de cada classe (totalizando 1200 medalhas) e foram entregues entre 1945 e 1948. A segunda cunhagem ocorreu no fim de 1951, com outras 600 Cruzes de 2ª Classe e 100 Cruzes de 1ª Classe sendo produzidas – sendo esse estoque suficiente para atender até as últimas outorgas, que ocorreram em 1961. Ainda de acordo com o mesmo artigo, oficialmente foram concedidas 641 Cruzes de Combate de 1ª Classe e 1117 Cruzes de Combate de 2ª Classe.

O histórico de sua fabricação reflete de modo emblemático o já citado problema da entrega tardia das condecorações aos veteranos. A citação de Samuel Silva é datada de 1952 e sua merecida medalha foi-lhe entregue apenas em 22 de novembro de 1953, quando servia na cidade de Araraquara/SP como comandante o Tiro de Guerra nº 6 já no posto de 1º sargento.

As peças produzidas em 1945-48 e 1951 são as únicas consideradas atualmente como colecionáveis. Embora peças de reposição de fabricação atual ainda sejam comercializadas, estas possuem uma qualidade que deixa a desejar em seus detalhes. Por exemplo, o olhal da âncora não existe nas reproduções, bem como seus braços não são distintamente recortados do globo.

A Medalha Sangue do Brasil

A guerra já havia acabado e os primeiros veteranos já retornavam ao Brasil quando o governo brasileiro finalmente criou uma medalha para condecorar os militares que, independente de patente, tivessem sido feridos ou mortos em ação durante a campanha da Itália. Introduzida pelo Decreto-Lei nº 7.709 de 05.07.1945, essa condecoração foi chamada de Medalha Sangue do Brasil.

²ZARY, Lt. Col. Julio Cesar Fidalgo. “CRUZ DE COMBATE: SÍMBOLO DE BRAVURA DO EXÉRCITO BRASILEIRO” na Revista da Sociedade Numismática Brasileira nº 74. São Paulo, Brasil, 2017. pp. 52-65.



Medalha Sangue do Brasil. Cortesia de Marcelo Augusto Tibúrcio.



Pracinha brasileiro não identificado, provavelmente em convalescença de seus ferimentos em 1945, ostentando orgulhosamente a Medalha de Campanha, a Medalha Sangue do Brasil (na posição invertida) e uma Cruz de Combate. Acervo Arquivo Nacional.

O artigo 6º da lei que a criava, estabelecia que a medalha Sangue do Brasil era feita de

“(...) bronze, com as dimensões de 35 milímetros de largura, por 45 de altura. No anverso o sabre das Armas da República, sobre um resplendor cujo foco se encontra na cruzeta e se irradia em todas as direções do campo. Coroando a lâmina do sabre, três estrelas esmaltadas de vermelho representam os três ferimentos recebidos pelo General Sampaio, no dia do seu natalício e sua maior glória, em 24 de maio de 1866, data da Batalha de Tuiuti.

Envolvendo o campo da medalha, dois ramos de “Pau Brasil” lembram a Pátria e origens do seu nome glorioso. Uma caixa arqueada entre os dois ramos e sobre a lâmina, ostenta o dístico: Sangue do Brasil.

O verso de superfície lisa conterá o nome e o posto do galardoado e a data ou datas em que se tenham verificado os ferimentos.

A fita tem a cor vermelha, com um frizo central igual a um sétimo da largura total, dividido em três partes iguais de cores amarelo, verde e amarelo.”

(Grafia original)

Curiosamente, assim como ocorreu com a Cruz de Combate, o regulamento inicial estabelecia que o reverso da medalha deveria trazer o nome do soldado agraciado e a data do ferimento ou do falecimento. Contudo, muito provavelmente nenhum exemplar com essa configuração foi produzido, pois essa provisão foi modificada pelo Decreto-Lei nº 8.502 de 08.10.1945, que estabeleceu o desenho final no artigo 1º como sendo:

“(...) O reverso consta dos mesmos ramos de “Pau Brasil”, já descritos, que envolvem o campo da medalha, onde se ostenta a esfera da Bandeira Nacional. (...)”

(Grafia original)

Ao contrário de uma crença infundada que era muito comum entre os colecionadores brasileiros, essa condecoração nunca foi produzida pela empresa inglesa Spink & Son Ltd. A fabricação foi feita exclusivamente no Brasil (que, à época já manufaturava medalhas muito mais complexas) e foi dividida em dois grandes lotes, sendo o primeiro entre 1946-1948 e o segundo em 1960 (por ocasião do traslado dos mortos do cemitério de Pistóia para o Monumento da 2ª Guerra Mundial no Rio de Janeiro).

Nos anos seguintes não foram produzidas medalhas de reposição nas décadas seguintes e muitos veteranos nunca receberam suas medalhas, em razão da apressada desmobilização da FEB no pós-guerra. A maioria das medalhas ficou armazenada no exército ou em cofres das próprias associações de veteranos até serem finalmente disponibilizadas ao mercado de colecionadores no início da década de 2000. No entanto, novamente, está se tornando um item raro e muito procurado.

Após mais de sete décadas sem ser concedida, a Medalha Sangue do Brasil foi reintroduzida pelo Comandante do Exército, General de Exército Eduardo Villas Bôas em 2015, quando passou novamente a ser entregue a militares feridos ou mortos em ações de intervenção contra o crime ou em missões de manutenção da paz (como no Haiti)³.

³<https://www.facebook.com/profissaomilitar.paginaoficial/videos/ex%C3%A9rcito-reativa-a-medalha-sangue-do-brasil-criada-para-homenagear-os-feridos-em/229946064354756/> (consultada em 05.03.2019)

Cruz de Serviços Relevantes da Guarda Civil de São Paulo

A Cruz de Serviços Relevantes é a menos conhecida e mais rara medalha relacionada à participação do Exército Brasileiro na 2ª Guerra Mundial. A pequena quantidade manufaturada, a outorga realizada mais de duas décadas após o fim da guerra e por ser exclusiva de uma Companhia específica da FEB a tornam única entre as medalhas militares do Brasil.

Até 1943 o Exército brasileiro não possuía uma força policial (Polícia do Exército) própria, sendo que estas funções eram realizadas por unidades de cavalaria. Quando a FEB foi criada, toda sua estrutura foi espelhada na Tabela de Organização e Equipamentos do Exército norte-americano (*U.S. Army Table of Organization and Equipment - TOE*) e isso requeria que os brasileiros tivessem ao menos uma Companhia de *Military Police* (MP), como eram chamados.

A fim de suprir essa carência de modo rápido e eficiente, o general Mascarenhas de Moraes simplesmente requisitou uma companhia policial inteira junto à Guarda Civil do Estado de São Paulo – notoriamente conhecida pelo forte “*esprit du corps*” e rigor nas atividades de policiamento. Desse modo, 78 policiais da Guarda Civil paulista foram incorporados à FEB e enviados para a Itália junto com o primeiro escalão da FEB, tornando-se, assim, os primeiros membros do que seria o embrião da Polícia do Exército. À medida que o efetivo da FEB foi aumentando, o número de MP foi aumentando, chegando ao efetivo de uma Companhia, com os guardas civis formando seu núcleo. Odiados pelo restante da tropa, os MP brasileiros cumpriram com seu dever com o rigor e severidade, ganhando o apelido de “Gestapo brasileira” dos demais soldados.

Eles utilizavam a braçadeira preta com as letras “MP” em branco na manga esquerda do uniforme e capacetes americanos M1, com uma faixa



Cruz de Serviços Distintos (Guarda Civil de São Paulo). Cortesia do Museu de Polícia Militar de São Paulo.



Membros do batalhão de Military Police da FEB desfilam nas ruas do Rio de Janeiro em julho de 1945, quando de seu retorno ao Brasil. Acervo Arquivo Nacional.



Prisioneiro alemão, escoltado por soldados da companhia de Military Police da FEB em 1945. Acervo Arquivo Nacional.

vermelha ao seu redor, a bandeira nacional do Brasil na frente, ladeada pelas letras MP e a insígnia do V Exército no lado direito. Eles também adotaram a insígnia usada pelos equivalentes americanos: um par de pistolas Harper's Ferry modelo 1805 no colarinho, feita de tecido cinza (ao contrário do amarelo dourado dos americanos). Curiosamente, quando eles retornaram ao Brasil, essa insígnia foi mantida e ainda hoje é usada pela sucessora da Guarda Civil, a Polícia Militar do Estado de São Paulo. Por sua vez, o Exército brasileiro finalmente criaria uma Companhia de Polícia permanente após a guerra, nomeando-a Polícia do Exército ("PE").

Muitos anos mais tarde, através do Decreto Estadual nº 48.109, de 12.06.1967, o governo do Estado de São Paulo criou a Cruz de Serviços Relevantes para reconhecer os serviços prestados pelos primeiros 78 policiais que foram combater na 2ª Guerra Mundial. De acordo com o artigo 4º do decreto a medalha:

"(...) será de bronze dourado e terá o formato de cruz lancçada, com 40 mm de altura e igual medida de largura, sôbre a qual se assentam, no anverso, duas palmas em diadema, sendo carregada ao centro pelo emblema da Guarda Civil de São Paulo, em relevo, com 10 mm de diametro, tendo no reverso, ao centro, um disco de 10 mm de diametro, com os dizeres em relevo e em caracteres versais, acompanhando a orla: "Serviços Relevantes"; na extremidade do ramo superior da cruz, se afixa uma esfera de 2 mm de eixo à qual se prende a argola destinada a passagem da fita, com 10 mm de diâmetro, tudo do mesmo metal; a medalha será suspensa de uma fita de gorgorão de seda chamalotada com 34 mm de largura, com sete listas verticais, sendo a do centro preta, com 6 mm de largura, seguida de ambos os lados de uma branca, com 5 mm uma vermelha com 5 mm e uma amarela com 4 mm.

§ 1.º - Acompanharão a medalha, a miniatura, a barreta a roseta e o respectivo diploma.

§ 2.º - A miniatura será uma réplica da peça original, com 17 mm. suspensa de uma fita com 14 mm. de largura."

(Grafia original)

Embora outros indivíduos pudessem ser elegíveis a essa condecoração em razão de serviços relevantes ou bravura, por ato do Comandante da Guarda Civil, não mais que 100 medalhas foram cunhadas e menos de 80 efetivamente entregues, virtualmente todas destinadas à veteranos da guerra. Em 1969 sua concessão já havia cessado e, com a reorganização das forças policiais paulistas em 1970 a Guarda Civil foi unificada com a Força Pública, tornando-se a atual Polícia Militar de São Paulo. Consequentemente, nos dias atuais, essa condecoração é tão rara que o único exemplar localizado para este artigo encontra-se no acervo do Museu da Polícia Militar do Estado de São Paulo.

Insígnias Divisionais da FEB

Após sua criação, a FEB adotou, em 1943, uma insígnia divisional consistindo de um campo de tecido de sarja verde oliva em forma de coração, com a palavra “BRASIL” bordada em algodão branco, em um padrão xadrez típico. De acordo com os regulamentos, deveria ser utilizado na parte superior da manga esquerda de cada uniforme. Apelidado de “coração do Brasil”, dezenas de milhares foram fabricados e disponibilizados quando as tropas ainda estavam em treinamento no Brasil e podem ser vistos em fotos de época dos primeiros desfiles realizados no Rio de Janeiro, pouco antes da partida do primeiro escalão para a Itália.

No fim de 1944, com o intuito de melhorar o moral da tropa – abalado pela teimosa resistência alemã e seus contra-ataques no entorno do Monte Castelo – o oficial de ligação do 5º Exército junto à FEB, major Vernon Walters (1917-2002) – que, entre 1962 e 1967, já como general, seria adido militar dos EUA no Brasil – sugeriu a adoção de uma insígnia mais agressiva e personalizada. Mascarenhas de Moraes ordenou ao major Aguinaldo J. Senna Campos, do quartel-general divisionário, que criasse um novo símbolo.

Usando como base a história de que “a cobra fumou” e seu contexto, como ponto de partida, de início o major Campos tentou utilizar um desenho feito por ninguém menos que Walt Disney, mas este era muito impossível de ser reproduzido pelas confecções existentes na Itália nos dias da guerra. Usando a mesma inspiração, uma nova insígnia que podia ser fabricada localmente foi finalmente concebida por Campos, com o desenho final sendo feito pelo sargento Ewaldo Meyer.



Insígnia do “Coração do Brasil”, na versão usada pela FEB. Coleção do autor.



Insígnia em tecido da “Cobra Fumando”, fabricada por artesãs italianas. Sem dúvida o emblema mais associado à FEB. Cortesia do Ten. Cel. (EB Infantaria) Julio Cezar Fidalgo Zary.



Brasileiros operando um morteiro pesado de 81 mm em ação na Itália em 1944. O soldado à direita ostenta o emblema do “Coração do Brasil”. Acervo Arquivo Nacional.



Uma das insígnias da Cobra Fumando feita em metal estampado às pressas na Itália, a fim de que as tropas regressando ao Brasil pudessem desfilar com o agora famoso símbolo. Coleção do autor.



Cabo Francisco Conceição Leal orgulhosamente ostentando a insígnia da Cobra Fumando em seu uniforme. Ao término da guerra servia na Artilharia Divisionária no III Grupo 105 no 1/2o Regimento de Obuses Auto-Rebocado. Ainda hoje é ativo nos eventos cívicos e militares de Volta Redonda/RJ.

O novo símbolo possuía um formato retangular, com os cantos rebatidos, e um contorno feito em tecido vermelho. A área central era dividida em dois campos: a parte menor no topo trazia a palavra “BRASIL” em tecido branco sobre um fundo azul; o campo maior tinha uma cobra feita fumando um cachimbo, bordada em tecido verde sobre um campo amarelo dourado. Como a maioria destas insígnias foi produzida por pequenas oficinas no interior italiano, vários padrões distintos existiram, mas mantendo a mesma configuração.

A nova insígnia provou-se muito popular entre os brasileiros, mas o modelo antigo permaneceu em uso simultâneo até o fim da guerra. Depois do término do conflito, mas antes de seu retorno para o Brasil, um fabricante foi contratado em Florença para produzir uma versão metálica da

insígnia da cobra fumando. Estas foram distribuídas à tropa ainda na Itália e podem ser vistas em várias imagens dos desfiles comemorativos da vitória aliada no Rio de Janeiro e São Paulo, mas nunca foram tão populares quanto a versão em tecido.

Anos mais, durante a missão de paz da ONU no canal de Suez (1956-1967), a insígnia em forma de coração foi novamente distribuída entre os soldados designados para servir no Oriente Médio, mas sua construção não apresenta o padrão de bordado xadrez das peças da FEB, o que permite uma identificação relativamente fácil.

Epílogo

Em suas memórias, publicadas pela primeira vez em 1947, o agora marechal de campo Mascarenhas de Moraes registrou sua amargura em relação à falha do Exército em não conseguir entregar suas condecorações enquanto os brasileiros ainda lutavam na Itália e como isso impactou negativamente no moral da tropa. A maioria das medalhas foi entregue após a guerra, com o processo de requerimento e concessão arrastando-se por anos, com as últimas sendo outorgadas em 1961.

Após seu retorno ao Brasil, a maioria do contingente da FEB foi rapidamente desmobilizada, numa tentativa do governo Vargas de evitar que tropas que foram ao outro lado do mundo lutar contra as ditaduras nazifascistas agora se sublevassem contra o ditador que tinham em seu próprio país. Vargas estava correto e, a despeito de seus esforços, ele acabaria deposto em um golpe em 29.10.1945, que contou com a participação de vários oficiais que haviam estado em combate na Itália. Pode-se dizer que esse foi o legado final da FEB.

Agradecimentos: o autor gostaria de agradecer ao Diretor do Museu de Polícia Militar do Estado de São Paulo, Coronel-PM Galdino Vieira da Silva Neto, ao Sr. Paulo César Silva, Sr. Samuel Silva Júnior e Sr. Marcelo Augusto Tibúrcio pelo apoio e colaboração nesse artigo.



Emocionante flagrante de expedicionário ao desembarcar no Rio de Janeiro em julho de 1945. Ele claramente está utilizando um dos emblemas metálicos fornecidos à tropa antes de seu regresso ao Brasil. Acervo Arquivo Nacional.



Uma medalha nos faz viajar no tempo

Abrahão Gitelman

Num sábado, há alguns anos, adquirimos uma medalha num leilão da SNB. Até aí, nada demais. Os leilões acontecem e aparecem itens pouco conhecidos, às vezes, fora do comum. Mas raramente ensejam oportunidades de pesquisa, numa peça única, nunca catalogada, como esta (fig. 1).

Trata-se de uma medalha premial, destinada ao 2º colocado numa competição *sur route*. Eram assim designadas (em francês, a língua chique da época) as competições ciclísticas realizadas em vias públicas (ruas ou estradas). Ainda hoje em dia, é famosa a “Volta da França”.

O Premio chamava-se Tiradentes, nome que se evitava pronunciar no regime monárquico até quando passou a ser amplamente divulgado, na República, como “Mártir da Independência”.

A Cruz de Cristo (Cruz da Ordem de Cristo ou Cruz de Portugal), representava uma antiga Ordem dos Cavaleiros de Cristo, criada em 1319. Tornou-se símbolo de Portugal, sendo vista nas naus do tempo dos Descobrimentos e em inúmeras peças heráldicas e numismáticas.

São Vicente, foi a primeira vila fundada no Brasil, em 1532. Também a importantíssima Capitania Hereditária, berço de São Paulo e dos Bandeirantes, por ordem d’el rei D. João III, dois anos mais tarde, sendo o primeiro donatário, Martim Afonso de Souza. Passou também por ali, o Padre José de Anchieta, que dava suas aulas de catecismo aos índios, junto à “Bica da Fonte do Povoado”, conhecida pelo povo como “biquinha”.

Sabemos tudo isso desde os bancos escolares e nós numismatas, mais ainda, por causa da famosa “Série Vicentina” de moedas de 1932. Explica-se portanto, o papel primordial de São Vicente nos festejos do Quarto Centenário de nossa Independência em 1900.



Prata, 37mm, 25g, olhal ornado e argola oblonga para fita (ausente). Trabalho especial, executado em ourivesaria, com inscrições gravadas e aplicações de prata soldadas. Anverso: Cruz de Cristo, soldada ao centro, envolta com a inscrição: Comemoração do IV Centenario da Descoberta do Brazil- São Vicente. Reverso: Premio Tiradentes-Corrida *Sur Route*-21 de Abril de 1900- Ao 2º Vencedor. [759/760]

Existe uma outra medalha, esta sobejamente conhecida, em bronze, alpaca ou prata, com 31mm, da Sociedade Commemoradora do 4º Centenário do Descobrimento do Brasil. A Viscondessa de Cavalcanti, no seu Catálogo de Medalhas (2ª edição), cita esta medalha e atribui-lhe o nº 237. No texto relativo à medalha é citado o Capitão José Leite da Costa Sobrinho, “serventuário-contador vitalício do Fôro de Santos”, como Secretário Geral da instituição.

A mesma medalha é também catalogada por Kurt Prober (KP-1900-36P). Da mesma forma, em Cláudio Amato, nºs 05P e 05B. onde está reproduzida. Nota-se, no símbolo da Cruz de Cristo a Esfera Armilar, nela inscrita. A Esfera Armilar é, não custa repetir, a representação do Universo, na visão de Claudio Ptolomeu, famoso geógrafo da antiguidade (séc. II DC). Nela, a Terra ocupa a posição central; as armilas representam equador, trópicos e círculos polares na horizontal; os meridianos celestes na vertical; a banda do zodíaco na diagonal. A Esfera Armilar tornou-se um símbolo manuelino (do rei Manuel I), do poder marítimo. Nesta segunda

medalha, o olhal é simples ou ornado com dois leões justapostos. Alguns vinham com alfinetes para serem presos à lapela.

Voltemos à medalha inicial. O fato de não constar a Esfera Armilar, parece-nos devido à dificuldade técnica de execução numa oficina de ourives. Chama também a atenção, a data de 21 de abril, comemorativa de Tiradentes e não o dia seguinte, 22 de abril, tal como celebramos hoje em dia o Descobrimento do Brasil. Na verdade, há várias medalhas, de outras origens, comemorativas do 4º centenário do Descobrimento, com a data de 3 de maio e mesmo 6 de maio, diferenças que podemos atribuir à adoção do calendário gregoriano em vez do juliano, e de alguma divergência de interpretação histórica.

Na nossa pesquisa, inicialmente conseguimos o Programma Geral das Festividades da Sociedade, na edição de Segunda-Feira, 16 de abril de 1900, no jornal “Correio Paulistano”, na sua página 1. Com o título: “IV Centenário do Descobrimento do Brasil”, a coluna reproduz o extenso programa, que teve início em 19 de abril e encerrou-se no dia 6 de maio. Foram convidadas inúmeras autoridades, civis, militares, eclesiásticas, incluindo-se representantes de consulados. Estiveram presentes o Presidente do Estado de São Paulo, o Coronel Fernando Prestes e o senador paulista, José Cesário da Silva Bastos, prestigiando às solenidades pois havia rivalidades com outros Estados. Também presentes entidades científicas, como o Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro e o Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo. Este último fundado em 1894, dentro do planejamento para as festividades previstas para 1900. Dentre os eventos vale destacar, as inaugurações de monumento e tela alusivos à Fundação de São Vicente, representações teatrais, exposições histórica e arqueológica, Feira Franca (bazar de compras) e competições nos esportes muito populares na época: regatas e ciclismo.

O centro das festividades (chamado de Grande Recinto), ficava na “praça da biquinha”, atual praça 22 de janeiro (dia do santo padroeiro), onde se encontram o monumento de 10m de altura, desenhado por Benedito Calixto (1853-1927) e pelo belga F. Colpaert, e executado por Augusto Kauschus. A grandiosa tela de B. Calixto, “A Fundação de São Vicente (188 x 379cm), esteve exposta na Escola do Povo, local da exposição e da peça teatral. A tela está atualmente, no Museu do Ipiranga. A participação de B. Calixto, merece ser ressaltada pois o pintor nascido em Itanhaém, foi

também historiógrafo e sua presença era um estímulo para outros setores do evento.

Na notícia do jornal, frisamos o seguinte trecho, que era o que estávamos procurando: *“Às 4 horas da tarde, grande corrida de bicicletas sur route sendo o ponto de partida a ponte nova da avenida Anna Costa e a chegada defronte ao restaurant do Sr. Linares, no Grande Recinto. Serão distribuídas três medalhas aos vencedores em 1º, 2º e 3º lugares”*. Dado o arruamento da época, calculamos que o percurso abrangia cerca de 6 km.

No “O Estado de São Paulo”, de Domingo, 22 de abril de 1900, na página 1, sob o título: “Telegrammas- Serviço Especial de OESP, Santos, 21, 8hs 20m.”, encontramos vasta reportagem sobre os eventos do dia 21, dos quais destacamos: *“(...) realizou-se a grande corrida de bicicletas (...) ganharam: em primeiro lugar o Sr. Lucas Fortunato; em segundo lugar o Sr. Renato Caldeira; em terceiro o Sr. Quintino Ratto. No peito dos vencedores foram colocadas medalhas pela exma. esposa do Sr. Joaquim Duarte. Em seguida, os ciclistas vencedores, de braços com os membros da comissão central e a promotora dos festejos, fizeram uma passeata, precedida pela banda do Corpo de Bombeiros”*. Acrescente-se que o Sr. Joaquim Duarte pertencia à Comissão dos Festejos.

Continuamos a pesquisa, com respeito aos três vencedores e obtivemos êxito parcial. O Sr. Lucas Fortunato, tornou-se uma figura proeminente em Santos, merecendo até a denominação de uma rua onde, curiosamente, localiza-se a Associação Brasileira de Ciclistas. Quanto a Quintino Ratto, tornou-se Corretor de Café no porto de Santos, nomeado em 1906. Tanto Quintino, como Lucas, participaram da histórica partida de futebol (a primeira realizada em Santos), que teve lugar na praia da Barra (atual Boqueirão), no dia 1º de novembro de 1902, conforme depoimento do próprio Quintino ao jornal “A Tribuna”, exatamente no dia em que se comemorava o cinquentenário do evento.

Quanto a Renato Caldeira, não tivemos tanta sorte, mas lembra-se que o patronímico é bem comum na Baixada. O estádio do Santos F. C. chama-se Urbano Caldeira (1890-1933), mas que é natural de Santa Catarina. A Escola Municipal Carlos Caldeira em S. Vicente e a Escola Estadual Coralina Ribeiro dos Santos Caldeira em Guarujá, homenageiam os pais do jornalista e empresário Carlos Caldeira Filho (1913-1993), da “Folha de

São Paulo”, nascido em Santos, que chegou a ser prefeito de sua cidade. Carlos Caldeira, pai (nascido em 1885), era filho de João Rodrigues Caldeira, retratado por Benedito Calixto (Pinacoteca de São Paulo). O mesmo Carlos Caldeira, pai, e o citado Capitão José Leite da Costa Sobrinho, faziam parte dos instrutores do “Tiro Onze”, órgão do Exército, em Santos, integrante do Tiro de Guerra, destinados à formação de tropas da reserva.

Se o leitor tiver algo a acrescentar, ficaremos gratos.

Fazemos votos para que possam, um dia, as três medalhas da competição, reunir-se novamente, ficando sob a guarda de um Museu ou instituição (à prova de roubo e fogo...)

Bibliografia

- Catálogo das Medalhas Brasileiras e das Estrangeiras Referentes ao Brasil**- Viscondessa de Cavalcanti- 2ª ed.-Pariz, 1910.
- Catálogo das Medalhas da República**-Kurt Prober- Rio de Janeiro, 1965.
- Livro das Medalhas do Brasil-(1596-2014)**-Cláudio Amato-São Paulo, 2014.
- Correio Paulistano-16/04/1900**- www.arquivoestado.sp.gov.br
- O Estado de São Paulo-22/04/1900**-<https://acervo.estadao.com.br>
- A Tribuna” de Santos- 01/11/1952**- www.novomilenio.inf.br
- “Fundação de São Vicente” de Benedito Calixto, composição, musealização e apropriação**, tese de mestrado de Eduardo Polidori Villanova de Oliveira-USP, 2018 - teses.usp.br



O Curso de Fundamentos de Numismática do Instituto Federal da Paraíba - Campus Picuí

Alberto Gustavo Paashaus Junior

Introdução

O ato de colecionar, definido como a busca, aquisição, onerosa ou não, de objetos, sua organização, estudo, catalogação e guarda, remonta ao Neolítico, quando o homem passou a fixar-se em vilas (KARP, 2006). Assim, desde há 4.000 anos, colecionar vem proporcionando, seja através de coleções públicas ou particulares, a preservação da memória da Humanidade, guardando para as gerações futuras registros históricos do passado.

As moedas, por sua vez, surgiram há 2.500 anos, no Reino da Lídia, Ásia Menor, como pequenos pedaços de ouro ou de prata oficialmente marcadas para atestar seu peso e teor de metal e por isto aceitas por todos como meio de pagamento. Evidências arqueológicas atestam que desde a Roma Antiga e da Mesopotâmia Medieval moedas têm sido colecionadas. Suetônio, na sua obra *De Vita Caesarum*, escrita no primeiro século depois de Cristo, relata que o Imperador Augusto presenteava amigos e cortesãos com moedas estrangeiras em ocasiões festivas (LINECAR, 1971).

No século XVIII foram desenvolvidas na Europa as bases científicas da Numismática Moderna, e no século XIX surgiram as primeiras associações de colecionadores, o que impulsionou e difundiu o colecionismo numismático pelo mundo através de feiras, exposições e publicações periódicas.

Atualmente, estima-se que no mundo existam entre 25 e 30 milhões de colecionadores e no Brasil, entre 15 e 20 mil colecionadores efetivos, um mercado relativamente pequeno, mas repleto de demandas a serem atendidas. Aqui, este segmento vem potencialmente crescendo, especialmente estimulado pelo aumento da renda da população e por iniciativas do Banco Central na emissão de séries comemorativas. A própria moeda circulante atual, o Real, caiu no gosto do povo e agora é largamente co-

leccionada, especialmente após a série comemorativa dos jogos olímpicos e paralímpicos. O perfil que havia no passado de colecionadores com alta renda passou a se popularizar com colecionadores de várias classes sociais, tornando a numismática brasileira mais democrática e acessível, deixando, assim, de ser um hobby e campo de estudo da elite.

Hoje, o que se tem observado é que cada vez mais o colecionador de moedas brasileiras tem deixado o perfil “analógico” para um mais “digital”, seguindo a tendência do mercado internacional. Mais lojas virtuais têm surgido, popularizando o setor e fazendo com que mais pessoas passem a colecionar moedas. Até redes sociais de colecionadores já existem, tanto em língua inglesa quanto em portuguesa, criando espaços virtuais de convívio e discussão entre colecionadores.

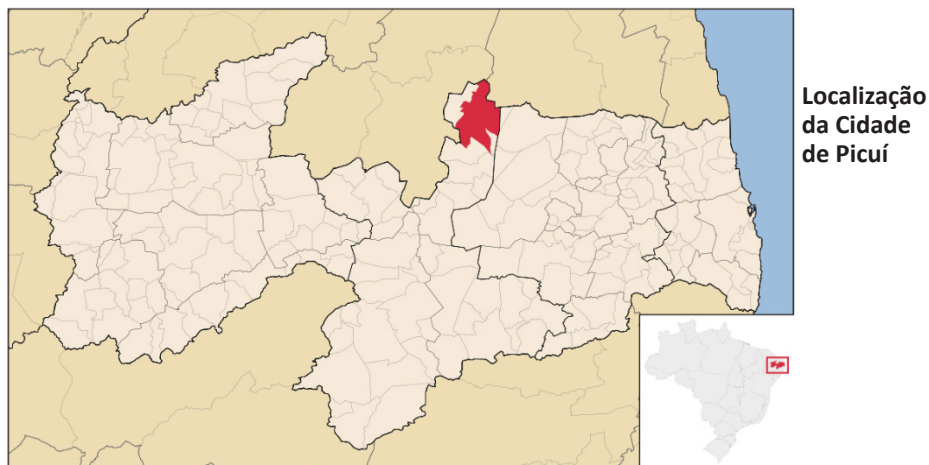
Considerando que a literatura sobre o assunto é restrita e geralmente cara, e que os cursos relacionados ao assunto, quando oferecidos, são quase todos presenciais, possuem vagas limitadas e ocorrem em apenas em grandes centros, sem acesso ao grande público em geral, o Professor Alberto Gustavo Paashaus Junior, do Instituto Federal da Paraíba, Campus-Picuí, idealizou e desenvolveu o Curso de Fundamentos de Numismática em modalidade de Ensino a Distância, para atender essa demanda de colecionadores que precisam especializar-se neste campo de estudo e que estão cada vez mais conectados à Internet.

O IFPB e o Campus Picuí

O Estado da Paraíba encontra-se na Região do Nordeste, estando limitado ao norte com o Estado do Rio Grande do Norte, a leste o Oceano Atlântico, ao sul Pernambuco e a oeste o Ceará. De acordo com o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE, 2019), a Paraíba tem 4.018.127 habitantes numa área de 56.467,239 km², com uma densidade demográfica de 66,70 hab/km². Sua população encontra-se majoritariamente concentrada em áreas urbanas (75%) em relação a áreas rurais (25%).

Conhecida nacionalmente como a Terra da Carne de Sol, Picuí tem um território de 661,657 km² e população estimada de 18.706 habitantes, predominantemente urbana (67%), sendo a segunda maior cidade em número de habitantes da Região Geográfica Imediata de Cuité-Nova Floresta. Limita-se ao norte com o estado do Rio Grande do Norte, ao sul, com os municípios de Nova Palmeira, Pedra Lavrada e Baraúna; ao leste,

com os municípios de Cuité e Nova Floresta; e ao oeste, com o município de Frei Martinho e novamente com o estado do Rio Grande do Norte (IBGE 2019).



A localização espacial do município, interligando os estados da Paraíba e o Rio Grande do Norte através da BR 151, faz da Cidade um polo estratégico para a Região Geográfica Imediata de Cuité-Nova Floresta e a Região Geográfica Imediata de Currais Novos abrangendo uma área de 19 municípios e uma população de mais de 150 mil habitantes.



Identidade Visual do IFPB

O Instituto Federal da Paraíba (IFPB) tem suas origens na Escola de Aprendizes e Artífices, criada na Gestão do Presidente Nilo Peçanha, em 1909. Após sucessivas transformações e fusões de outros órgãos federais de educação no Estado, o IFPB foi criado em 2008, a partir da integração do Centro Federal de Educação Tecnológica da Paraíba (CEFET-PB) e a Escola Agrotécnica Federal de Sousa (EAF Sousa). O IFPB, por meio de seus vinte e três Campi têm como objetivo atender, com cursos de formação profissional e/ou de capacitação, entres

eles os cursos de Formação Inicial e Continuada presencial (FIC), Educação a Distância (EAD), Cursos Técnicos e Graduações Tecnológicas, todos os municípios do Estado da Paraíba nas áreas de abrangência de seus *Campi*.



*O Campus
Picuí do
IFPB*

O Campus Picuí resultou do Plano de Expansão II após a instituição, pela Lei nº 11.892, de 29 de dezembro de 2008, da Rede Federal de Educação Profissional, Científica e Tecnológica, e a criação de trinta e oito Institutos Federais de Educação, Ciência e Tecnologia em todo País. No ano letivo de 2020 estavam regularmente matriculados aproximadamente 2.000 discentes em várias modalidades do ensino como a pós-graduação (Especialização de Gestão de Recursos do Semiárido), graduação (Licenciatura em Letras com Habilitação em Língua Portuguesa), graduação tecnológica (Agroecologia), cursos técnicos integrados (Edificações, Informática, Geologia e Mineração) e subsequentes (Eletrônica), além de vários cursos de extensão na modalidade de Formação Inicial e Continuada.

O Curso de Fundamentos de Numismática

O curso de Formação Inicial e Continuada em Fundamentos de Numismática surgiu no contexto da Pandemia de Covid-19, quando o corpo docente do *Campus* foi conclamado em maio de 2020 pelo Diretor de Desenvolvimento de Ensino, José Hermano Cavalcanti, a criar cursos de extensão no formato online durante a paralisação das aulas.

Além de ambientar os professores no novo contexto de ensino que se prolongaria após a proposta por mais de um ano, o objetivo destes cursos de extensão era trazer a comunidade externa de volta ao *Campus* e mostrar à Sociedade que, mesmo impedidos de trabalhar por conta da Pandemia, os professores não estavam parados. Assim, foram apresentados ao público 11 cursos de extensão, em áreas as mais diversas, desde a Agroecologia a Língua Portuguesa.

Uma vez que os cursos não precisavam estar atrelados à área de ensi-

no do docente proponente do projeto, o Prof. Alberto Gustavo Paashaus Junior, que é professor da área de Gestão de Negócios, Inovação e Empreendedorismo, decidiu sugerir um curso de Fundamentos de Numismática. Em primeiro momento, houve surpresa em relação à proposta, que tinha a maior carga horária e a maior oferta de vagas dentre os 11 cursos oferecidos naquele período letivo de 2020.1, e era totalmente diferente dos outros projetos de cursos de extensão propostos.

Contando com apoio da Sociedade Numismática Brasileira, que estabeleceu uma parceria estratégica para projeto, e com a equipe pedagógica do projeto, composta por Alexandre Cabral da Costa, Bruno Henrique Miniuchi Pellizzari, Gilberto Fernando Tenor e Oswaldo Martins Rodrigues Júnior, foi estabelecido como objetivo geral do curso apresentar aos estudantes os principais conceitos e conteúdos relacionados à Numismática e como objetivos específicos:

- Ensinar métodos e classificações das moedas e objetos monetiformes;
- Explicar as tipologias numismáticas;
- Mostrar a história do dinheiro e meios de pagamento através dos tempos;
- Apresentar a numismática comercial e suas possibilidades enquanto forma de investimento e fonte renda.

A principal ideia é que, ao terminar o curso, os alunos estivessem aptos a conhecer os métodos científicos e de estudo da Ciência Numismática, podendo inclusive trabalhar na identificação e avaliação de espécimes numismáticos e monetiformes, fosse em lojas de numismáticas, na curadoria de exposições ou em museus.

O currículo de disciplinas do curso proposto tem doze módulos, com a carga horária de dez horas cada, a serem divididas entre aulas, atividades e materiais de leitura disponibilizados em Ambiente Virtual de Aprendizagem, conforme a relação abaixo:

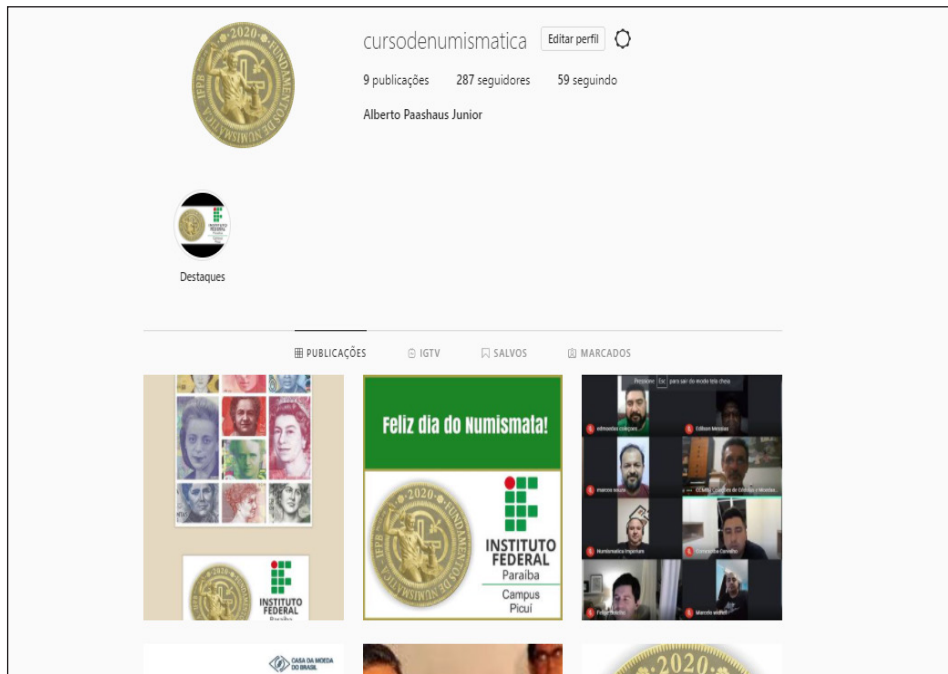
1. Introdução à Numismática
2. Fontes de Pesquisa e Estudo da Numismática
3. Classificação e Métodos
4. A Moeda na Antiguidade Clássica
5. A Moeda na Idade Média

6. A Moeda na Idade Moderna
7. A Moeda na Idade Contemporânea
- 8.a. A Moeda no Brasil (Colônia e Reino Unido)
- 8.b. A Moeda no Brasil (Império e República)
9. Medalhística
10. Notafilia
11. Exonumia
12. Numismática Comercial

Desenvolvimento do Curso – A Turma Pioneira

O edital de lançamento do curso foi publicado em 03 de junho de 2020, com inscrições entre os dias 04 e 09 do mesmo mês e disponibilização de cinquenta vagas iniciais. No dia 12 de junho foi publicado o resultado com a lista de selecionados.

Para divulgação das ações do Curso, foram criados um perfil no Instagram (@cursodenumismatica) e um Canal no Youtube (Curso de Fundamentos de Numismática).

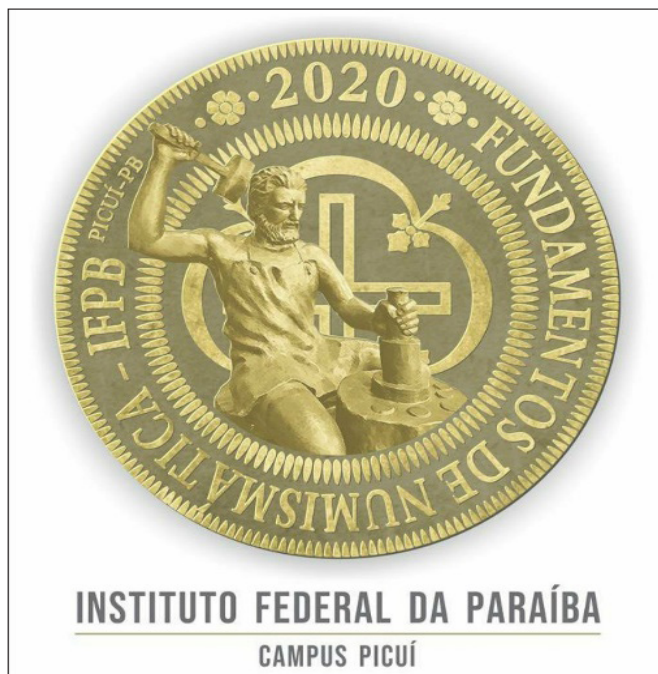


Aspecto da página inicial do Curso no Instagram

A quantidade inicial de vagas previstas de cinquenta candidatos foi aumentada em mais cinquenta vagas, uma vez que foram realizadas 198 inscrições, quase a metade do total de inscrições para todos os onze cursos ofertados pelo Campus.

A primeira semana de atividades foi a de ambientação à plataforma do curso, o Microsoft Teams. Por meio de transmissão no YouTube foi proferida em 15 de junho a aula inaugural por Gilberto Fernando Tenor, Presidente Emérito da SNB, em aula aberta com participação de mais de 250 pessoas.

Cabe destacar que, durante as primeiras semanas de atividades, o aluno Fagner Máximo da Silveira, que é designer gráfico, ofertou ao curso aquela que foi adotada como sua identidade visual, inspirada nas moedas coloniais de ouro de 4.000 réis e na estátua do moedeiro existente no Museu da Casa da Moeda, no Rio de Janeiro.



Identidade Visual do Curso de Fundamentos de Numismática

Fagner ainda propôs a turma os desenhos de uma medalha que teria no anverso o tema da identidade visual do curso e o reverso inspirado nas moedas de 4.000 réis comemorativas ao 4º Centenário do Descobrimento do Brasil, em 1900, e alusão à Turma Pioneira. O Projeto da Medalha foi

desenvolvido pelos alunos Rogério Ferreira (confeção) e César Tâmega (distribuição e logística), que ainda produziram os pins da turma. Foram fabricadas 62 unidades das medalhas feitas por fundição em Zamac com banho bronzado, com 52 mm de diâmetro, 4 mm de espessura e 47,5 gramas.



Medalha da Turma Pioneira do Curso de Fundamentos de Numismática

O curso deveria ter transcorrido em doze semanas consecutivas, com término inicial previsto para 20 de setembro. Contudo, a partir da quinta semana de atividades, situações de ordem pessoal e profissional impediram o Professor Alberto de dar adequada continuidade ao curso, cabendo aqui um agradecimento especial aos alunos que, com muito esforço e empenho, dedicação e paciência, diante de tais dificuldades de calendário, se mantiveram firmes no propósito de finalizá-lo, bem como a Bruno Pellizzari, que em várias oportunidades assumiu a turma, conduzindo-a com as aulas dos módulos de Numismática na Antiguidade, Notafilia e Medalhística.

Em 30 de novembro, no último módulo do Curso, foi proferida a palestra de encerramento por Irlei Soares das Neves, que falou sobre sua carreira na Numismática dentro do contexto da disciplina de Numismática Comercial. Assim, em 05 de dezembro, tivemos o encerramento da parte letiva do projeto, com a entrega da última atividade avaliativa do curso.

O encerramento do projeto, em sua totalidade, se deu em 10 de dezembro, durante o XXIV Congresso Brasileiro de Numismática, por meio



Alunos presentes à Certificação durante o XXIV Congresso Brasileiro de Numismática

de uma certificação simbólica com alguns alunos que atendiam presencialmente ao evento, com a entrega das medalhas.

Para 2021, o Curso deverá ter duas novas turmas, desta vez usando a Plataforma de Ensino Google Classroom, com turmas de 50 alunos em cada edição, mantendo-se a parceria com a Sociedade Numismática Brasileira para apoio e divulgação. A segunda turma já está instalada e em funcionamento desde 29 de março, com 52 alunos inscritos. Melhoramentos nos materiais didáticos, videoaulas e na organização do curso foram planejadas. Uma delas foi o estabelecimento de um canal de contato oficial de e-mail do curso, o numismatica.pc@ifpb.edu.br.

Bibliografia

IBGE. **Picuí**. Em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/pb/picui/panorama>. Acesso em 29 jan 2019.

GARRETT, J. **Coin collecting: how large is the rare coin market?** 2013. Disponível em <http://www.coinweek.com/education/coin-collecting-large-rare-coin-market/>. Acessado em 22 out. 2016.

_____. **Rare Coin Markets – Top 10 Numismatic Predictions for 2015.**

2015. Disponível em <http://www.coinweek.com/education/coin-grading/ngc/rare-coin-markets-top-10-numismatic-predictions-2015/>. Acessado em 22 out. 2016.

KARP, M.G. **In flagrante collecto: caught in the act of collecting.** New York: Abrams Books, 2006.

LINECAR, H. **Coins and coin collecting.** Londres: Hamlyn, 1971.

WILKERSON, D. B. **How to follow the money in rare-coin collecting.** 2012. Disponível em <http://www.marketwatch.com/story/how-to-follow-the-money-in-rare-coin-collecting-2012-09-06?page=1>. Acessado em 22 out. 2016.



As moedas bimetálicas da Rainha Victoria “One Penny Model”

Reynaldo Mobaid

A moeda bimetálica é relativamente recente na numismática moderna. A primeira emissão em larga escala foi a peça de 500 liras italianas, em 1982, cujo processo de produção foi patenteado pelo Istituto Poligrafico e Casa da Moeda do Estado (*Istituto Poligrafico e Zecca dello Stato* — IPZS).



Mas na Inglaterra, no Séc. XIX, já havia circulado uma moeda “Token” bimetálica, produzida por um medalhista britânico chamado Joseph Moore.¹



Tipo: Token (Grã-Bretanha)

Ano: 1844 / 1848

Valor: 1 Penny

Peso: 4.4 g

Diâmetro: 22.2 mm



Espessura: 1.5 mm

Borda: Lisa - Sem serrilha

Composição: Bimetálica
com centro de Ni-Zn em
anel de cobre

¹Nascido em Birmingham, Joseph Moore (1817-1892) era principalmente um designer de medalhas, mas chamou a atenção do público pela primeira vez quando criou o ‘centavo modelo’ em 1844. Moore criou algumas das matrizes usadas por Heaton & Sons para produzir moedas e tokens.

Em 1844, o Governo Britânico discutia provisoriamente alguns planos para substituir a pesada cunhagem de cobre de One Penny e Half Penny, em circulação já há muito tempo.

Essas moedas “modelo” foram produzidas por Joseph Moore entre 1844 e 1848, como uma proposta para substituir a cunhagem de cobre em circulação. Eles foram produzidos em um número tão grande e se tornaram tão populares com o público, que a Casa da Moeda Real teve que fazer um pronunciamento oficial, afirmando que eles não eram responsáveis por sua manufatura.

A parte externa era feita de cobre, e a parte interna era originalmente composta de prata para compensar o pequeno valor intrínseco do cobre - mas na maioria dos casos 60% de zinco e 40% de níquel foram usados.

Esta liga lembra um pouco a alpaca² (cobre+níquel+zinco) de composição e coloração semelhante.

Embora não tenham curso legal, os tokens de Moore foram amplamente divulgados e aceitos pelo valor de face por muitos comerciantes. Apesar de sua popularidade, a Casa da Moeda Real rejeitou a proposta e não reduziu o tamanho do centavo (One Penny) e do meio centavo (Half Penny).



²Sua composição mais usual é de 65% de cobre, 18% de níquel e 17% de zinco. É amplamente usada em muitos países na produção de moedas, devido à sua resistência e semelhança à prata. Neste uso pode haver alteração de sua composição básica, com a substituição ou inclusão de outros metais, a fim de obter outras colorações.

Ainda que Joseph Moore tenha feito inúmeros trabalhos, desenhando e produzindo medalhas e moedas, este artigo irá focar apenas nas peças Modelo de One Penny e Half Penny, que foram as peças que chamaram mais a atenção de todos. Como foram produzidas em grandes quantidades, se tornaram colecionáveis e com preços razoáveis.

Mais tarde, em 1847/1848, a empresa de Moore produziu uma vasta gama de peças de modelos variando de 1/16 de um farthing (6 mm de diâmetro), quarter farthing, half penny, one penny e até coroas (One Crown), bimetálicas e muito ornamentadas. As denominações mais baixas eram muito pequenas em relação à moeda real em vigor no Reino Unido naquela época.

As peças menores foram provavelmente produzidas para aprimorar sua própria experiência e para comercializar as peças maiores.

Moore pretendia que fossem modelos sérios, para serem consideradas moedas e a maioria tem “Modelo” escrito nelas, o que provavelmente o salvou de um processo sob as Leis de Falsificação.



One Penny Model sem data (1844), centro bimetálico de níquel-zinco e borda de cobre.

O Half Penny Model tem uma ligeira diferença no anverso, onde as palavras “VICTORIA” e “REG:” foram retiradas, ficando apenas as iniciais V e R.

O reverso apresenta o valor ½ Penny (Half Penny).



Half Penny Model 1844-1848

Estas moedas não são raras, pois foram produzidas em grande número no período de quatro anos. Mas existem algumas variantes bastante apreciadas e muito raras, fazendo o valor destas peças dispararem no mercado.

Existem inúmeras variantes com diferentes matrizes.

No anverso, os tipos são distinguidos pela letra da palavra “VICTORIA” em relação ao desenho do busto da Rainha. Dependendo do ângulo do rosto, o nariz fica direcionado para uma letra diferente.



Exemplo 2: Nariz apontando para “R”



Exemplo 2: Nariz apontando para “R”

Já com o reverso os tipos são diferenciados pelo número de linhas horizontais dentro do numeral “1”, variando entre 27 e 34 linhas.

Abaixo estão 8 diferentes matrizes reversas conhecidas com diferentes barras horizontais no número 1.



27 linhas



28 linhas



29 linhas



31 linhas



32 linhas



32 linhas (latão)



33 linhas



34 linhas

Também existem outras peças raríssimas, onde a palavra “Penney” foi escrita erroneamente ao invés de “Penny”.



One Penny Model com a ortografia errada “PENNEY”.

Existem seis peças conhecidas com “PENNEY” escrito incorretamente no anverso.

Há apenas um exemplo conhecido com “PENNEY” escrito errado no reverso.

Outra variante raríssima é o One Penny Model com a data escrita 1844.

A foto abaixo mostra uma peça leiloadada em Londres em 24/08/2016 e vendida por £850.



One Penny Model com data (1844), somente três conhecidas.

Algumas moedas destes modelos foram feitas com um só tipo de metal. Ou seja, o centro e o anel externo são feitos do mesmo material. Ficando o termo bimetálico um tanto sem efeito neste caso. Mas são peças muito interessantes, belas e extremamente raras.



One Penny Model sem data de Joseph Moore. Feita em latão niquelado. Única conhecida. Sem circulação.



One Penny Model sem data de Joseph Moore. Feita em prata. Esta é uma peça, supostamente, de apenas seis existentes. Excessivamente raro.



One Penny Model, sem data, de Joseph Moore (1844), feita em bronze
Única conhecida. Sem circulação.



Half Penny Model, sem data, de Joseph Moore (1844), feita em prata, em maravilhoso estado de conservação com pátina. Arrematada em leilão por £300 (Baldwin's)

Outras peças interessantes desenhadas por *Joseph Moore*



Esta moeda também foi desenhada em Birmingham por Joseph Moore como uma proposta para uma cunhagem leve de metal não precioso. Foi cunhado por Hyam Hyams, um ourives de Londres (bem como relojoeiro e cambista). O anel é banhado em prata e o centro é banhado em ouro.



Esta peça recebeu um MS62 da PCGS.



Variante rara Model Crown H. Hyams 1848

Anverso: Anel externo, *VICTORIA QUEEN OF GREAT BRITAIN* e data em algarismos romanos *MDCCCXLVIII*. No centro, busto gótico da Rainha Vitória voltado para a esquerda.

Reverso: *Model Crown* escrito curvado acima;

PUB: BY (São Jorge e dragão) H. HYAMS, letras largas, curvado abaixo.

Anel: banhado a prata.

Centro: banhado a ouro.

Borda: Simples.

Peso: 8,16 gramas.

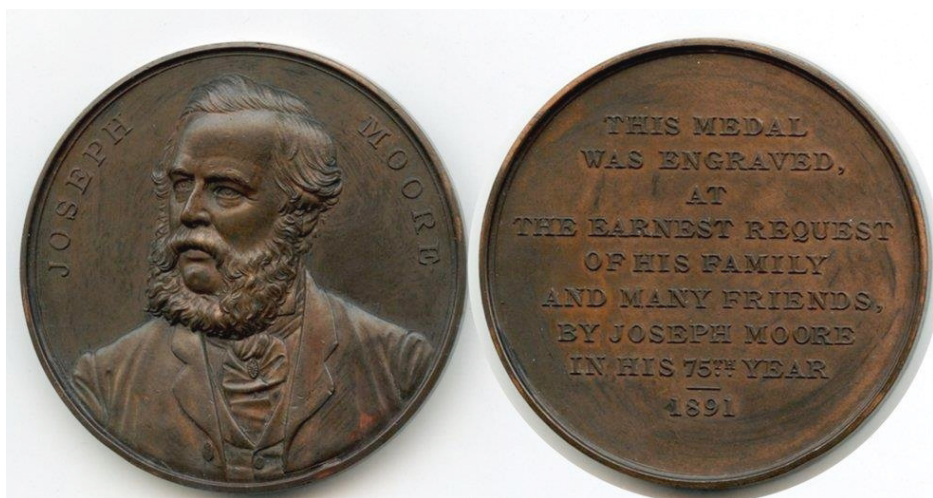
Diâmetro: 26,7 mm.



Model Quarter Farthing Victoria 1848 by Joseph Moore



Exemplo de medalha de Joseph Moore



“Esta medalha foi gravada, a pedido sincero de sua família e muitos amigos por Joseph Moore em seu 75º ano” (1891)

Referências:

Sweeny, JO (1981). A Numismatic History of Birmingham Mint, p.240,245
 Forrer, L (1909) Dicionário biográfico de medalhistas, vol IV, pp136-141
<https://en.numista.com/catalogue/exonumia19751.html>



Entre a cruz e a espada: PDF - Qual é o ponto de equilíbrio entre “economizar” e cometer um crime?

César H. Tâmega*

Primeiramente, precisamos entender que a compra de um livro, de um catálogo, de um boletim, de uma apostila ou de qualquer outra forma impressa de conhecimento não se enquadra como uma despesa, mas sim como um investimento, que facilita imensamente o trabalho dos colecionadores, fazendo com que esse conhecimento lhe permita poupar dinheiro, que certamente seria desperdiçado, caso continuasse leigo naquele tema.

Analisando o mercado literário nacional do ponto de vista numismático, verifica-se uma enorme lacuna, seja devido às baixas quantidades impressas de cada obra já produzida, seja pelos elevados custos para essa produção, os quais desestimulam a manufatura de novos livros. Também precisamos considerar que o mercado nacional ainda é amador, pois faltam cursos específicos e pessoas realmente engajadas em ensinar da maneira correta, baseado na Ciência que a Numismática representa e com todos os seus métodos específicos. Vale ressaltar que o único curso disponível no Brasil, que neste ano de 2021 inicia apenas sua segunda turma, é o de Fundamentos em Numismática, do Instituto Federal da Paraíba, Campus Picuí, que possui como seu mentor o professor Alberto Gustavo Paashaus Júnior. Uma excelente iniciativa, mas que demonstra, porém, a carência de profissionais que o meio apresenta, sendo que a esmagadora maioria continua precisando buscar as informações e os conhecimentos de maneira autodidata.

Retornando um pouco no tempo, para o período anterior à realização das Olimpíadas no Rio de Janeiro, em 2016, o cenário era completamen-

César H. Tâmega, colecionador de cédulas e moedas do Brasil e do Mundo, associado da SNB, formando da primeira turma do curso de Fundamentos de Numismática do Instituto Federal da Paraíba, Campus Picuí, administrador do site www.numismaticatupa.com.br, e um dos autores do Livro "Moedas de A a Z, O Manual do Colecionador".

te diferente do observado atualmente. Os colecionadores eram pessoas com idade mais avançada e, em sua grande maioria, dedicados ao estudo numismático, possuíam uma boa noção do que buscavam, apresentavam fortes vínculos com associações e grupos regionais de colecionadores e se tornavam dependentes dos encontros pessoais para



obter conhecimentos, trocar informações, tirar dúvidas, comprar, vender e até mesmo permutar suas peças repetidas. As obras literárias produzidas eram muito técnicas e refinadas e serviam para aprofundar os estudos dos colecionadores, descobrir e desvendar temas sobre os quais ainda existiam dúvidas e, dessa forma, a Numismática evoluía de maneira lenta, porém com uma controlada qualidade intelectual de seus participantes, que consideravam esse hobby uma paixão para pessoas seletas e abastadas.

Esse cenário começou a mudar quando houve uma explosão descontrolada de “ajuntadores”, que conheceram o colecionismo por meio das moedas comemorativas das Olimpíadas, com valor facial de 1 real, que tiveram o início da sua circulação com a moeda da Entrega da Bandeira Olímpica, em 2012, sendo a produção da série completa, com 17 moedas, concluída nos anos seguintes, até a data do evento. A grande maioria dessas pessoas nunca havia ouvido falar em Numismática, apenas encontrou naquelas moedas a materialização de um sonho e o prazer em colecionar, que inúmeros benefícios traz aos envolvidos. Outro efeito causado pelas moedas olímpicas foi o de despertar o colecionador que se encontrava adormecido em muitos lares, trazendo à tona muitas coleções que permaneciam engavetadas há décadas, simplesmente devido à falta de estímulo, exemplo este no qual me incluo, ou que foram deixadas como herança.

A grande diferença notada foi que, com essas moedas comemorativas circulantes, o prazer em colecionar foi massificado, chegando até pessoas que nunca imaginaram possuir condições financeiras de montar uma coleção cara, porém sentiam o mesmo prazer em colecionar as moedas circuladas do Plano Real. Muitos recriminaram esses novos colecionadores, até debochando deles, mas a realidade é que alguns formaram belas coleções, buscando conhecimento, evoluindo seus horizontes para os demais planos

monetários ou para coleções de peças internacionais e, mais recentemente, também para as moedas anômalas, tornando o mercado mais ativo que a situação verificada anteriormente, principalmente após o surgimento de diversos modelos diferentes de álbuns para acondicionamento das moedas e de novas plataformas de comércio eletrônico.

Essa “nova era” do colecionismo nacional trouxe uma grande quantidade de jovens sem nenhuma experiência, porém interessados em conhecer o mercado numismático e, como a idade média deles é muito menor, o vínculo físico com outros colecionadores é quase inexistente, pois eles não enxergaram a necessidade de ler livros, de participar de associações e de ir a encontros. Eles fazem parte da geração digital e buscam conteúdo de maneira eletrônica. O problema é que a maioria do conteúdo digital disponibilizado atualmente não é de boa qualidade, pelo contrário, presta um serviço de desinformação, baseado no sensacionalismo e em notícias falsas, com a finalidade única de obter visualizações e, dessa maneira, receber dinheiro em troca da visibilidade alcançada. Baseado na mesma finalidade de alcançar o maior número de seguidores possíveis, diversos grupos de *Facebook* e de *WhatsApp* foram criados e, devido à sensação de impunidade que a grande maioria das pessoas ainda possui com relação à *internet*, começaram a disponibilizar obras numismáticas gratuitamente e sem autorização, o que, além de ilegal, é imoral. Isso também prejudica os autores, que deixam de vender seus livros no mercado, o qual já é muito restrito no país, desestimulando novas pesquisas e obras no setor.

Utilizando-se da falta de conhecimento legal da grande maioria dos usuários da *internet*, esses grupos passaram a fazer propaganda do material que era gratuitamente disponibilizado em PDF aos usuários, tornando-se esse argumento uma importante ferramenta para atrair novos integrantes e, assim, concorrer entre eles para atingir o maior número de participantes, alguns dos quais com mais de 200.000 seguidores. Quanto mais seguidores o grupo alcança, maior o *status* dos seus administradores e, consequentemente, maiores as possibilidades de vendas e compras, tornando esse “atrativo”, ilegalmente oferecido, um grande diferencial frente aos demais grupos. Assim a maior visibilidade alcançada é transformada em lucro indireto para os administradores, que obtêm vantagens ao conseguir comprar e vender seus produtos utilizando o argumento de que eles são os “donos” do grupo, tentando, dessa maneira, demonstrar que são confiáveis, conse-

guindo descontos e preferência nas negociações.

Explicado o funcionamento desse mercado paralelo, fica evidente que essa distribuição ilegal de catálogos e livros nas redes sociais, mesmo que de maneira gratuita e sem a cobrança monetária direta, acaba trazendo muitas vantagens e lucros indiretos aos seus administradores, que ainda alcançam renome por estarem contribuindo para os integrantes economizarem recursos, ao conseguirem todas as obras literárias da qual precisam de maneira gratuita.

“O conjunto norma-sanção é tão necessário no mundo digital quanto no real. Se houver essa falta de crédito na capacidade punitiva da sociedade digital, os crimes aumentarão e os negócios virtuais serão desestimulados. Muitas pessoas que não cometem crimes no mundo real por medo de serem pegadas, acabam, de algum modo, interessando-se pela prática delituo-sa virtual.[...] Esses crimes tem um traço cultural que se aproxima do vandalismo.”¹

A atitude aparenta ser, de certa forma, uma maneira de auxiliar na divulgação de conteúdo, como alguns dos administradores alegam, porém causa um enorme prejuízo aos autores, que acabam não conseguindo recuperar seus investimentos aplicados no processo de pesquisa, elaboração, editoração, diagramação, impressão, propaganda, distribuição e postagem do material, desestimulando que novas obras sejam produzidas. Até pouco tempo não existiam casos de condenação judicial pela prática de divulgação e distribuição pública de obras literárias no Brasil, sendo que muitas pessoas justificavam que baixar PDF de um livro para uso particular, e não para a sua venda, não seria crime. Porém, a sua distribuição pública, mesmo que de maneira gratuita, é tipificada como tal.

Esse panorama começou a mudar em 2020, após a condenação em segunda instância (processo nº 1117324-63.2015.8.26.0100)² de um estudante que disponibilizou diversos livros em PDF na internet, para que os colegas de classe não os comprassem na editora. A partir dessa confirmação, os autores lesados possuem jurisprudência para processar a distribuição gratuita de livros sem a devida autorização por escrito dos responsáveis.

Outro aspecto que deve ser levado em consideração é que, legalmente,

¹PINHEIRO, Patrícia Peck. Direito Digital. 3ª Ed. São Paulo: Saraiva, 2009. p. 230.

os administradores de grupos de redes sociais são corresponsáveis por toda ilegalidade ocorrida nesses que estão sob a sua responsabilidade, podendo responder na justiça caso algum integrante distribua livros em PDF ou *links* com tal finalidade em seu grupo.

Além de ilegal, como demonstramos na sequência, esse ato é imoral e deve ser banido por completo, porque poderá acarretar na paralisação de novas pesquisas numismáticas, deixando o mercado nacional estagnado, sem novidades ou comprovações necessárias à evolução do nosso hobby.

Com a finalidade de proteger os autores e seus conteúdos, existe a Lei de Direitos Autorais (Lei nº 9.610, de 19 de fevereiro de 1998), que define o que pode ser considerado como patrimônio intelectual, sendo o responsável legal por esse registro o Escritório de Direitos Autorais, que está em atividade desde 1898 e faz parte da Fundação Biblioteca Nacional.

A Lei nº 9.610/1998³ apresenta suas definições principais nos seguintes artigos:

Art. 5º - Para os efeitos desta Lei, considera-se:

I - publicação - o oferecimento de obra literária, artística ou científica ao conhecimento do público, com o consentimento do autor, ou de qualquer outro titular de direito de autor, por qualquer forma ou processo;

II - transmissão ou emissão - a difusão de sons ou de sons e imagens, por meio de ondas radioelétricas; sinais de satélite; fio, cabo ou outro condutor; meios óticos ou qualquer outro processo eletromagnético;

IV - distribuição - a colocação à disposição do público do original ou cópia de obras literárias, artísticas ou científicas, interpretações ou execuções fixadas e fonogramas, mediante a venda, locação ou qualquer outra forma de transferência de propriedade ou posse; (ou seja, abrange mesmo a transferência gratuita do material).

V - comunicação ao público - ato mediante o qual a obra é colocada ao alcance do público, por qualquer meio ou procedimento e que não consista na distribuição de exemplares;

²<https://esaj.tjsp.jus.br/cposg>

³BRASIL. Lei dos Direitos Autorais. Lei nº 9.610, de 19 de fevereiro de 1998. Altera, atualiza e consolida a legislação sobre direitos autorais e dá outras providências. Diário Oficial da União: Brasília, DF, 1998.

Art. 7º - São obras intelectuais protegidas as criações do espírito, expressas por qualquer meio ou fixadas em qualquer suporte, tangível ou intangível, conhecido ou que se invente no futuro, tais como:

I – os textos de obras literárias, artísticas ou científicas;

VI – as obras audiovisuais, sonorizadas ou não, inclusive as cinematográficas;

VII - as obras fotográficas e as produzidas por qualquer processo análogo ao da fotografia;

XI - as adaptações, traduções e outras transformações de obras originais, apresentadas como criação intelectual nova;

XII - os programas de computador;

XIII – as coletâneas ou compilações, antologias, enciclopédias, dicionários, bases de dados e outras obras, que, por sua seleção, organização ou disposição de seu conteúdo, constituam uma criação intelectual.

Também no art. 29 consta que apenas com a autorização prévia do(s) autor(es) a obra pode ser utilizada ou distribuída de forma integral ou mesmo em partes, incorrendo em crime de violação de direitos autorais a pessoa que não tenha a devida autorização, como fica expresso no art. 184 do Código Penal Brasileiro, que foi atualizado pela Lei nº 10.695⁴, de 1º de julho de 2003, modificando seus §§ 1º, 2º e 3º, que passam a vigorar com a seguinte redação, além de acrescentar o § 4º:

Art. 184. Violar direitos de autor e os que lhe são conexos:

Pena – detenção de três meses a um ano, ou multa.

§ 1º - Se a violação consistir em reprodução total ou parcial, com intuito de lucro direto ou lucro indireto (como explicado no sétimo parágrafo), por qualquer meio ou processo, de obra intelectual, interpretação, execução ou fonograma, sem autorização expressa do autor, do artista intérprete ou executante, do produtor, conforme o caso, ou de quem os represente:

Pena – reclusão de dois a quatro anos e multa.

§ 2º - Na mesma pena do § 1º incorre quem, com o intuito

⁴ Lei nº 10.695, de 1º de julho de 2003. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2003/110.695.htm>. Acesso em: 28 de abril de 2021.

de lucro direto ou indireto, distribui, vende, expõe à venda, aluga, introduz no País, adquire, oculta, tem em depósito, original ou cópia de obra intelectual ou fonograma reproduzido com violação do direito de autor, do direito de artista intérprete ou executante ou do direito do produtor de fonograma, ou, ainda, aluga original ou cópia de obra intelectual ou fonograma, sem a expressa autorização dos titulares dos direitos ou de quem os represente.

§ 3º - Se a violação consistir no oferecimento ao público, mediante cabo, fibra ótica, satélite, ondas ou qualquer outro sistema que permita ao usuário realizar a seleção da obra ou produção para recebê-la em um tempo e lugar previamente determinados por quem formula a demanda (internet), com intuito de lucro, direto ou indireto, sem autorização expressa, conforme o caso, do autor, do artista intérprete ou executante, do produtor de fonograma, ou de quem os represente:

Pena – reclusão de dois a quatro anos e multa.

*§ 4º - O disposto nos §§ 1º, 2º e 3º não se aplica quando se tratar de exceção ou limitação ao direito de autor ou os que lhe são conexos, em conformidade com o previsto na Lei nº 9.610, de 19 de fevereiro de 1998, nem a cópia de obra intelectual ou fonograma, em um só exemplar, para uso **privado** do copista, sem intuito de lucro direto ou indireto.*

(Como explicado anteriormente, a distribuição, mesmo que de maneira gratuita em grupos e sites, caracteriza lucro indireto).

Na sentença analisada os magistrados deixam claramente expresso que a disponibilização gratuita em site (blog) fere a Lei de Direitos Autorais vigente no país, como demonstrado na sequência.

“Com efeito, ainda que inexistia prova da vantagem econômica direta do réu em razão da disponibilização das obras literárias, é certo que tal prática causa impacto na venda dos livros originais, publicados pelas editoras associadas à autora, causando prejuízos a todos titulares dos direitos autorais, fato que enseja a reparação de danos postulada na petição inicial. O quantum indenizatório estabelecido na sentença recorrida deve

ser mantido, em observância ao disposto no artigo 103, parágrafo único da Lei 9.610/98, aplicável também nas hipóteses de reprodução não autorizada de obras.

Nesse sentido, têm-se os seguintes precedentes desta Egrégia Corte:

OBRIGAÇÃO DE FAZER E INDENIZAÇÃO POR DANOS MATERIAIS

Disponibilização gratuita de duas obras literárias, publicadas por editoras associadas à autora, em página de Internet de propriedade do requerido. Sentença de procedência que determinou a retirada das tais obras da página de Internet, a vedação de divulgação destas por qualquer meio e ainda condenou o requerido ao pagamento de indenização correspondente ao valor de mercado de 3.000 exemplares de cada obra, com fundamento no art. 103, § único, da Lei nº9.610/98.”⁵

Todo o material aqui apresentado, além de servir para apreciação e conhecimento, facilita o caminho dos autores que tenham seus trabalhos disponibilizados sem autorização, se sintam prejudicados com isso e desejem resgatar seus direitos na Justiça, com base na jurisprudência aqui exposta.

Frise-se que, no caso citado, a condenação foi ao pagamento de 3.000 vezes o preço de capa de cada obra disponibilizada ilegalmente, um valor bastante considerável, mas que também possui como finalidade o caráter pedagógico, ou seja, para que esse tipo de atitude ilegal não se repita.

Somente por meio da divulgação das sanções a que estão sujeitas as pessoas que cometem esse crime poderemos disciplinar o nosso meio, papel esse de todo colecionador e associação séria e comprometida com o futuro da nossa Numismática, a qual não deve ser resumida ao comércio, mas engrandecida no seu papel principal, que é a pesquisa e a busca pelo conhecimento.



⁵ Páginas 5 e 6, fls. 332 e 333, <https://esaj.tjsp.jus.br/pastadigital/sg/abrirConferenciaDocumento.do>, processo 1117324-63.2015.8.26.0100 e código AC151D6.



Entrevista com Dr. Ênio Garletti

**Da série de entrevistas com numismatas brasileiros,
organizada pelo Diretor Social e de Divulgação da SNB
(2021-2022), Oswaldo M. Rodrigues Jr.**

Dr. Ênio Garletti, numismata. Vai contar o que se deve fazer para o colecionismo.

Nascido em São Paulo, atualmente morando numa cidade calma no Paraná, vamos falar de como me iniciei nesta arte da numismática, que já fez parte do Curso de Filosofia e História da USP. Com a idade de 78 anos, estou nesta atividade há mais de 30 anos, e estou bastante satisfeito de dar umas ideias de como se iniciar nesta arte. A primeira moedinha que ganhei, que eu tive prazer, foi um Duque de Caxias, em bronze alumínio, tinha a imagem do Duque de Caxias. Tinha perto de 10 anos, foi pelo time de futebol, dado pelo colega que estava dando para o time, e achei ela maravilhosa e paguei por ela para ficar com a moedinha. Eu guardei ela por muito tempo. A primeira moeda de Caxias era de 1938, serrilhada, a mais comum.

Outro início que eu tive, mais ou menos o que todos passam, a gente ganha do avô, do pai, eu ganhei uma caixinha de mate Leão, de mate queimado, tinha mais ou menos umas 30 moedas de níquel, de antes do Getúlio e depois. Então eu ganhei essas moedas e guardei de recordação, e juntava uma ou outra moeda que achava bonita. Mas só fui mexer com as moedas mesmo, me interessar pela numismática, quando eu já tinha terminado a Universidade.

A história de também ter vindo para o Paraná é também interessante, pois nasci em São Paulo, cresci em São Paulo, trabalhei como office-boy, na Aços Villares, que eu guardo no meu coração, da família Villares-Dumont, eles eram bisnetos do Santos Dumont, e eram 3 irmãos Dumont se casaram com 3 irmãs Villares. Vim estudar em Curitiba, me formei e voltei para São Paulo. Aí comecei, especializando na Santa Casa, estudando, era perto da praça da República, e eu passei a frequentar a praça, com artesanatos e moeda e tudo, e tinha lá muitos dos que ainda são colegas nossos na numismática, o Amato, o Arnaldo Russo. Foi aí que eu comprei meu primeiro catálogo, do Russo, e levei para casa e comecei



"...ganhei uma caixinha de mate Leão, de mate queimado, tinha mais ou menos umas 30 moedas de níquel, de antes do Getúlio e depois." (foto por Carlos A. M. Rodrigues, 2021)

a pegar as moedinhas de níquel e fui procurando no livro, está tudo organizado, e achei super interessante, era só ir preenchendo, é como se fosse um álbum de figurinha. Esse foi o princípio.

Mas tarde, já formado, já trabalhando, tendo mais recursos, fui comprando algumas moedas de prata muito lindas, comprava moedas também de bronze... e um dia caiu nas minhas mãos uma moeda de cobre linda, linda, muito linda, foi quando me apaixonei. Era como quando se acha a sua namorada, então você se apaixona e está perdido. Comprei muita moeda de prata, e algumas de cobre.

Um dia eu disse "eu gosto mais de moeda de cobre".

Mas por que eu gosto de moeda de cobre?

Porque é a moeda das nossas coleções é que tem mais história. Cada uma que você pegar tem uma história. Vila da Cachoeira... quando eu fui descobrir a história de Vila da Cachoeira, que foi a briga dos Brasileiros com os Portugueses, na Bahia¹, naquele quase um mês completo que se fabricavam as moedas para o pagamento dos soldados que lutavam contra os Portugueses, foi uma porcentagem pequena, feitas de objetos de cobre e bronze derretidos, tanto é algumas são bem toscas. Então é uma história maravilhosa.

¹TAVARES, Luís Henrique Dias. *Independência do Brasil na Bahia*. Salvador: EDUFBA, 2005, p. 122-123.

Então você recordar que o Brasil e outras colônias da África que pertenciam ao Reino de Portugal, aquelas moedas que circularam em Angola, São Tomé, Príncipe, Moçambique, são maravilhosas. O que a gente não estudou no colégio a gente aprende tudo, tudo lendo os nossos livros.

Depois eu fui estudando e estudando.

Eu não me contentava de ter a moeda. Olhava no catálogo e dizia: esta eu tenho esta não tenho. Eu gostava muito de história, então ia pesquisar. Tanto que minha biblioteca numismática, fora a de médico, eu tenho centenas de livros. Todos aqueles livros que eram citados nas bibliografias do Prober² e outros colegas que escreveram bastante a respeito, eu tenho todos eles e leio bastante. Tenho três livros de Álvaro da Veiga³, ele foi professor da Universidade de São Paulo, na Filosofia, ele deu um Curso de Numismática, em 1957 e ele também foi um dos Presidentes de nossa Sociedade Numismática Brasileira. Esse senhor escreveu das aulas dele em livro, e o que tem de ensinamento de numismática em geral, mas em particular do Brasil. Foi um aprendizado muito grande. E tem aí vários livros do Kurt Prober, do Álvaro da Veiga, e outros colegas mais atuais, o Cafarelli⁴.

Depois que começou a se interessar mais pela numismática, comecei a ser mais assíduo na feirinha da Praça da República, os colegas me diziam que eu tinha que ir até a sede da SNB, que fica a uma quadra dali. Mas eu precisava que alguém me apresentasse. Em 1989, eu resolvi fazer uma visita e resolvi ir a um dos congressos, na Brigadeiro Luís Antônio, e encontrei o Sr. Carmelino Gomes, de Curitiba, que me convidou para ir ver a reunião de sábado, o leilão, já dizendo que eu não poderia comprar, era só para sócio. Foi meu primeiro contato, então eu pedi que ele me apresentasse, e eu fui aprovado sem maiores delongas. Na minha carteirinha vem que eu fui admitido em novembro de 1989. Foi a primeira sociedade que eu me afiliei.

Aí, em Curitiba, tinha os amigos lá. Não tínhamos a nossa sociedade estabelecida em Curitiba. Nossa Sociedade Numismática Paranaense foi fundada em 1991, a primeira reunião inaugural. Eram 65 pessoas presentes, eram os sócios fundadores. Então fomos sortear os números de ordem, eu fiquei com o último, meu número não saía.

Dois anos depois, em 1993, fui me associar à Associação Filatélica e Numismática de Brasília, com o Sr. Cleber, de quem tenho grande saudades, que me inscreveu. Essas são as três sociedades de que eu sou sócio. Mas tenho visitado

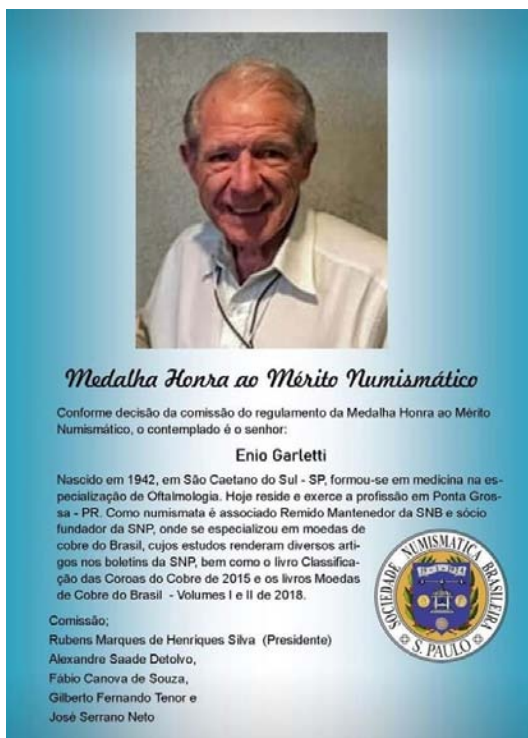
²Schroeder, C. Numismata KURT PROBER morre aos 99 anos. Boletim da Sociedade Numismática Brasileira, ano 13, nº 59, ABR/JUN de 2008.

³Presidente da SNB de 1953 a 1959.

⁴Eugenio Vergara Caffarelli

muitas outras sociedades, a de Santa Catarina, são duas, fui para Goiás, para João Pessoa. O pessoal de João Pessoa é muito amável, receptivo, auxilia sempre, mas veja o seguinte, João Pessoa é meio longinquo, não dá para ir sempre, fiquei como sócio correspondente lá. Hoje temos um grande número de sociedades espalhada pelo país. A gente tem contribuído com doação de livros.

Como eu me filiei à SNB em 1989, tenho o Título de Remido, 25 anos após. E agora tive a felicidade de ser homenageado por um pouco do trabalho que a gente contribuiu, como numismata do ano em 2019 (Medalha do Mérito Numismático). Eu fiquei muito orgulhoso com o reconhecimento do meu trabalho. Esse trabalho começou principalmente por instigação dos colegas.



Eu parti do Catálogo do Amato⁵, uma moeda de cobre de cada tipo são centos e poucos cobs. No catálogo tem tanta variante, e eu comecei a ficar fanático. Peguei o Livro do Vinícius do Amaral⁶, que é um livro muito completo, com todas as variantes do cobre. Pedi autorização do Irlei, usar a sequência dos cobs e juntar com as variantes do José Vinícius na sequência, então coloquei letras

⁵Amato, C.; Soares, I. *Livro das Moedas do Brasil* - 15a.edição, Ed. Do Autor: São Paulo.

⁶Amaral, JVV (1990): *Moedas do Brasil: Cobre e Bronze*, Ed. Autor: São Paulo.



Quadro de Sócios Remidos Mantenedores da SNB e, 2018, onde consta o nome de Ênio Garletti.

junto aos números. O Vinícius traz a questão dos florões oblíquos, verticais, traz também todas as variantes de perolagem. Deu um caderno grande com cópias dos catálogos, e ia nas feiras e falava que queria fazer uma coleção de cobre. Todos falavam que era um negócio bacana, um estudo... e diziam: “você vai morrer um dia, vai jogar fora todo esse trabalho?” Eu pensava em fazer um livro, sei lá. Por felicidade, quando passei a morar no Paraná, encontrei o Rogério Bertapelli, com uma capacidade muito grande em lidar com imagens e o computador, então fiz uma proposta de ficar sócio nessa obra, se der certo a gente faz uma edição. Fizemos um boneco, manual, com papel sulfite e ele fez as fotos e as imagens e saiu o livro⁷. Acabou sendo nosso mérito, meu e do Rogério Bertapeli, as pessoas

⁷Garletti, E.; Bertapeli, R. (2018). *Moedas de cobre do Brasil*. Ed do autor; Curitiba. – 2 volumes.

ficaram contentes e admiradas pela nossa obra e eu ganhei o numismata do ano. Marcou um tento na minha vida, como dizem os futebolistas.

Eu acho que contribui bastante e também satisfiz muito da minha curiosidade numismática, estudei muito história.

Eu me orgulho dessa obra.

São três livros, um sobre as coroas das moedas de cobre, citadas por autores importantes, mas nunca tinham sido classificadas. As moedas tinham três coroas diferentes nas mesmas datas. Esse estudo começou assim: a gente compra bastante, bastante moedas de cobre, tava barato, eu ia num encontro e comprava 60 moedas de cobre. Então colocava tudo numa mesa, uma pertinho da outro para ver o que acontecia. Ficava fácil de comparar as coroas diferentes: alta, média e baixa era fácil de perceber. Não pode juntar tudo num balaio só. Segundo o Prober e o Augusto Carlos Teixeira de Aragão, que era o editor português que fez um livro sobre as moedas de cobre, ele relata que na época de D. José, e D. Maria, casada com Pedro I e ela viúva e até D. João VI, havia 3 equipes de abridores de cunho e se rivalizavam, cada um querendo fazer uma moeda mais bonita. Imagina o rei dizendo que eles fizeram a moeda mais bonita. Quando o



Ênio Garletti, à dir., Rogério Bertapeli ao centro e Oswaldo M. Rodrigues Jr. À esq. Em evento em São Paulo em 2019.

cunho era aprovado toda a equipe se vangloriava do feito, mas havia diferença entre elas.

Como era difícil classificar uma moeda. A gente encontrava uma moeda e tinha dificuldade de dizer se era baixa ou alta a coroa. Então quando se pega as três moedas de mesma data, uma colocada ao lado da outra, como colocamos no livro, e a descrição que colocamos no livro, essa é porque os arcos estão mais fundos, essa é porque é mais reta, e esta é porque está no intermediário, então é a coroa média. E as espículas que têm no meio da coroa, umas chegam mais perto ou mais longe. Então quando se presta a atenção a gente acha as diferenças. No livro tem a descrição sobre o que se deve observar. Geralmente são quatro ou cinco itens que se verificam. E tem a perolagem de cada tipo de coroa. Quando se está muito em dúvida, contamos as pérolas e verificamos em que tipo de coroa e data ela existe.

As diferenças de coroas têm preços que variam muito. As coroas altas geralmente, tem aquelas do final do reinado de Dona Maria, em especial aquelas que não receberam carimbo são de preços altíssimos, tipo assim R\$2500 a sem carimbo e R\$100 a com carimbo de escudete.

Há 20 anos a gente comprava as moedas de cobre a preços acessíveis, hoje estão com precinhos salgados, ainda mais agora em leilão em internet. A concorrência é enorme. A gente fica desinibido para dar lance em cima do outro.

Tem uma história interessante.

Eu fui vítima da gentileza dos colegas. Num encontro em Brasília, tinha uma série de moedas de cobre no leilão, as outras nem me interessei. Aí eu vejo lá a moeda XX, coroa baixa, soberba, sem carimbo, por R\$100. Lembra quando a China resolver fazer moedas cópias? Eles vendiam baratinho... só pode ser feita na China essa. Voltei ao ambiente para examinar a moeda, e cheguei à conclusão que era autêntica. Começou o leilão, e eu achando que só eu tinha percebido. Tinha mais três dando lances... um deu um salto para mil reais... fui tocando mais para a frente, e acho que os três colegas ficaram com dó de mim, e disseram que eu estava angustiado querendo ficar com ela, fotografar e por no livro dele. Aí eles abriram mão de continuar, mas a moeda saiu por R\$2500. Isso cinco ou seis anos atrás. Eu agradei a eles. A moeda não saiu de graça, então o proprietário não pode reclamar, que ele recebeu bem por ela. Isso aí eu não esqueço, foi um gesto de gentileza deles, até hoje quando a gente se encontra a gente se abraça, lembrando do leilão.

Na época do Natal, dias antes, foi um achado fabuloso. Existe uma moeda X, coroa alta, 1805, 35 pérolas. Com essas características não tem outra igual, não tem como confundir. Então um colega de São Paulo, de São Bernardo do Campo,

uma vez nos encontramos e ele gravou que eu gosto de moedas de cobre, e ele mandou mostrando que tinha comprado uma moeda de cobre. “bacana, né... só tem uma outra dessa moeda no mundo, essa e a sua”, disse eu. Quando quiser vender, eu pago o dobro do valor que você pagou agora. Ele se propôs pensar até o dia seguinte e concluiu não sendo um colecionador de cobres, não tinha pretensão de fazer uma coleção completa de cobre, e se propôs vender. Ele foi mais gentil, eu vou mandar a moeda, pega e veja se é mesmo aquilo que você falou, se for mesmo a que só tem uma, não tem problema, trato feito. A moeda chegou. A gente já sabia da história, eu e o Rogério Bertapelli, que essa moeda era super rara. Essa moeda passou por vários colecionadores numismática. Ela passou pelo Vinicius, o Firminiano ficou com ela... e as moedas foram para leilão. E quem a adquiriu foi o Serrano Neto, que agora está em Portugal, e ele fez a gentileza espetacular de enviar de Portugal uma foto da moeda que ele tem que era considerada a única, para por no livro, o que fizemos. Comparando as duas moedas, com lupa, e lendo os detalhes do Prober, tudo bateu. Achei uma moeda que era única no mundo. Fico imensamente grato a este colega que abriu mão do prazer dele. Fiquei eternamente satisfeito.

Uma coleção de cobre, uma de cada tipo, dá quase quinhentas moedas, quando você põe as variantes, chega a 4500 moedas, que tem no livro do Vinicius. Mas a Coleção do Arthur Lerner tinha quase dez mil moedas. O Angelini⁸ ficou com a coleção dele para colocar em leilão, e falou desta quantidade. Eu fiquei com 400 moedas. O Arthur Lerner se gostasse de uma moeda e caísse na mão dele não saia mais. Ele descrevia tudo nos envelopinhos de cada moeda.

Cobre é a moeda que mais mostra a história do Brasil.



Entrevista com Cláudio Schroeder

**Da série de entrevistas com numismatas brasileiros,
organizada pelo Diretor Social e de Divulgação da SNB
(2021-2022), Oswaldo M. Rodrigues Jr.**

Morador de Porto Alegre, fazendo 75 anos em setembro de 2021, sente-se um guri. Estou aposentado.

Está no meio do colecionismo, mas não coleciona moedas, mas sim livros de moedas

No início, ao gostar muito de história, queria saber o que significavam as moedas, a exemplo do Carimbo de Piratini. O Carimbo é raro, então precisava estar registrado, então procurei livros, onde estão as informações. A informação está aí, tem que transformar a informação em conhecimento. Pegar o texto e entender o texto, pegar a parte técnica da época. Cheguei a conclusão de que a numismática ajuda a história.

Isso evoluiu, e estou estudando os símbolos da Revolução Farroupilha. Estou escrevendo um trabalho, pesquisando, desde a época da Revolução Farroupilha até os dias de hoje. Vou editar um livro, mas já estou fazendo palestras a respeito. O livro fica para 2026, a Bandeira faz 90 anos, não vou esperar fazer 100 anos, que não sei se estarei vivo. Já fui a viagens internacionais, a exemplo do Uruguai. A numismática auxiliou contar a história do símbolo do Rio Grande do Sul.

O interesse pela numismática já nem sei mais quando começou. Meu pai era militar, meu irmão nasceu aqui no Rio Grande do Sul, eu nasci em Curitiba e minha irmã nasceu na Guanabara, depois fomos para São Paulo e depois para Porto Alegre, e eu estava com 15 anos.

Com esta questão do Carimbo do Piratini eu esbarrei na numismática e eu queria comprovar isso, fui atrás da documentação. Eu não achei isso, como os numismatas contam. Eu já fiz uma palestra sobre isso na SNB. São 13 tipos de carimbos diferentes, com número, sem número, com a data sem a data, com espada torta ou curva... e procurando a bibliografia sobre o assunto eu achei uma Lei sobre o Recolhimento do Cobre de 1838, da República Riograndense. Essa Lei tem 50 e poucos artigos, e não fala em carimbar a moeda, mas em cortar a moeda falsa. A moeda de cobre foi recolhida, separado o cobre falso do verda-

deiro através do peso. O cobre falso era dado o talho da Lei, e o cobre verdadeiro era devolvido para o proprietário, isso fazia um recibo. Junto com esse cobre entrou uma cédula que é conhecida como “conhecimento”, 1300 cédulas, eu consegui localizar cinco, tenho foto das cinco. Isso vai contra toda esta lenda do Carimbo de Piratini. Estou me alongando com esta história, pois tem a ver com a numismática. Na numismática chama-se “Carimbo de Piratini”, como se fosse da República de Piratini”, mas o nome oficial era República Riograndense. Os imperiais chamavam de República de Piratini como maneira de desprezar a República do Sul, que era só uma cidadezinha, e continua assim, não evoluiu nunca. Foi capital da República Riograndense. E isso vem enganando todo mundo, inclusive na Constituição do Estado do Rio Grande do Sul fala em República de Piratini. O palácio do Governo chama-se de Palácio de Piratini, vem vindo tudo errado e mexe com a parte do símbolo. Essa é a minha busca. Este “conhecimento”, tá na Lei e eram todas numeradas e de vários valores, e foram sorteadas, e depois recolhidos e queimados. Alguns sobraram, esses cinco que tenho a foto, não tenho nenhum exemplar, ainda. Isso ajuda a confirmar que o carimbo na moeda não procede.

Eu tinha 15 anos, mais ou menos, eu nunca parei para pensar sobre isso, eu não me considerava um numismata. A maioria dos comerciantes não gosta de mim porque eu não compro moedas. Eu só queria fotografar e perguntar. Eu acho que me tornei um numismata mais tarde, pois comecei a comprar livros. Mantive contato com o Kurt Prober, fui visitar ele no Rio de Janeiro. Eu tinha uns vinte e poucos anos que eu me senti um numismata. Eu não tenho nenhum patacão!

O primeiro livro que eu consultei, como eu tinha acesso a internet pelo serviço, e trabalhei a vida toda desta forma, tinha aquelas horas que podia pesquisar na internet. Domino um pouquinho de inglês e fui pesquisa lá fora e localizei casas de leilões que faziam leilões de peças brasileiras. Aí entra a Casa Jaques Schumann de Amsterdam, na Holanda. Troquei correspondências, era época da carta, e eu consegui comprar um catálogo de 1970. E tinha tudo e mais um pouco, principalmente medalhas, uma barrinha de ouro e moedas, de um descendente da família real brasileira. Posso dizer que esse foi o primeiro livro de numismática, esse catálogo do leilão. Inclusive com os preços, encadernado em couro. Aí me abriu a página, pois tinha livros de numismática no leilão.

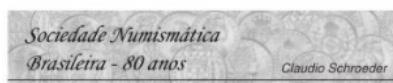
Bibliófilo numismata.

Desde o início fui sócio da Sociedade Gaúcha de Numismática, inclusive fui responsável pelo Boletim, por oito edições: *RG Numismática*, um boletimzinho feito e digitado no word, e feito numa gráfica de xerox e encadernado. Con-

segui fazer 8-9 números, e tem coisas interessante dentro. Eu fiz e não cobrei nada, foi trabalho de amor. Eu ajudei a fundar, e conseguimos comprar uma sala, uma dificuldade para pagar o condomínio, na época, o Presidente o Adelânio Rupphental dizia que precisava ter uma sala para reunir pessoas interessadas nesse bem único. Isso aconteceu com a cidade de taquara, fui sócio lá também, fiz palestras lá.

Além da SNB, sou sócio da Sociedade Paranaense de Numismática, e outros, a de Brasília. As sociedades dependem muito das pessoas e sócios que tocam a sociedade, dar um trabalho de amor.

Quando eu fiquei com segurança para falar sobre o assunto passei a dar palestras. Eu já tinha lido bastante e se formou uma opinião e eu não conseguia alguém para questionar, então saí publicando, publiquei no Boletim da SNB, inclusive quando a Sociedade fez 80 anos, o texto dos 80 anos, contando desde o início, com as medalhas e citando os nomes das pessoas, e com a diagramação do Fábio Souza, contei a história da Casa da Moeda, a evolução do Rio de Janeiro...



Os 80 anos da Sociedade Numismática Brasileira, que foram lembrados durante o corrente ano em diversas atividades têm agora seu evento principal. A reunião da fundação da sociedade ocorreu em 19 de janeiro de 1924 em São Paulo, com a presença de alguns poucos colecionadores, já o encontro de comemoração que agora realizamos para homenagear o ato de criação da SNB e aqueles numismatas pioneiros vai fazer história, pois, conta com outras associações similares e um grupo maior de colecionadores distribuídos pelo Brasil e no exterior. Comparamos o passado recente com o momento atual. Conforme relato na SNB em 1982 havia menos que mil associados entre brasileiros e estrangeiros. Os brasileiros estavam localizados em quase todas as capitais e em muitas cidades do interior, sendo São Paulo e Rio os centros com mais representantes. Realçamos que esse número deveria ser maior, pois nem todos se associam a uma agremiação de colecionadores. Hoje no país há mais de vinte outras entidades de colecionadores e o número de adeptos chega perto de dois mil, realçando novamente entre associados ou não. A aniversariante investiu e trabalhou muito para esse resultado. Nesses oitenta anos de divulgação do ato de colecionar moedas é claro que ocorreram momentos de baixa e alta, alegrias e tristezas. Apesar de tudo, sempre estava presente aquele grupo pequeno, às vezes de dois ou três, que apontavam sempre a direção a ser seguida e iam em frente. Isso resultou hoje numa sociedade estável e reconhecida como a principal entidade particular que incentiva a coleção de moedas no Brasil e talvez na América do Sul. Aponta para essa última citação a realização, pela segunda vez, de um congresso/convenção latino americano em São Paulo. Realçamos aqui que o trabalho da atual diretoria contempla a demanda do colecionismo de moedas atualmente no Brasil. A SNB foi reconhecida de utilidade pública em 1951 e sua atual infra-estrutura social conta com sede própria, conjunto de 245 m² no centro de São Paulo, onde estão biblioteca, museu, salão social e setor administrativo. Divulga suas atividades e estudos dos sócios por meio de seus impressos e na sua página da Internet. Da mesma forma seu corpo

SOCIEDADE NUMISMÁTICA BRASILEIRA - Boletim nº 54

Boletim da Sociedade nº 54

Órgão Informativo da
Sociedade
Numismática Brasileira



Não fui a escolas palestrar, pois numa escola de primeiro e segundo graus, o público é muito desatento, claro que isso tem o tempo da palestra.

Eu procuro falar para o público que é especializado. Participei várias vezes fazendo palestras em São Paulo e tinha pouca gente, 10 pessoas e isso já é muita

gente. E como o assunto é muito técnico, eu procuro não criar uma imagem que o colecionador de moeda é um afortunado. Recentemente, no Pará, acharam um carrinho de mão cheio de moeda¹, e a notícia dizia assim: moeda de ouro e cobre, e não tinha nenhuma moeda de ouro.

Uma outra história, aqui apareceu uma vez, acharam um enterro desses, e o cara colocou assim, telefonando para os comerciantes: quero vender essa moeda, é rara. Aí foi dois comerciantes de Porto Alegre e diziam que eram moedas comuns, que tinham uma caixa para vender. Aí ele foi à TV Bandeirantes, contou toda uma historiazinha, com mapa do tesouro com “x”, apareceu tudo, e cada moeda daquelas valeriam uma fortuna. Isso atçou tudo. Numa época em que o comércio numismático estava a pleno, deve fazer uns sete, oito anos. Outros que tinha uma moeda igual aquelas procuraram os comerciantes, dizendo que a moeda anunciada na Bandeirantes. Isso foi num domingo, e as reclamações foram feitas na TV. Na sexta-feira voltaram a entrevistar o Francisco Parr, que tinha um escritório em Porto Alegre, na época, e disse que estava tudo errado, que a pessoa entrevistada não conhecia nada de numismática. Se vamos falar para um público completamente leigo, ele só vai querer saber isso aí: qual é a moeda mais valiosa, a mais pesada e a mais rara, e não vai querer saber da história. Como a pessoa vai falar de numismática se não conhece o assunto.

Eu só comprei os livros porque eram baratos. Atualmente isso mudou. Antigamente as pessoas compravam as moedas e deixavam os livros, que vinha de mão beijada. Conforme foi mudando e as pessoas se interessaram pelos livros...

O livro mais interessante que eu comprei foi o último.

Dos Boletins da Sociedade Numismática Brasileira eu tenho quase todos, inclusive aquele boletinzinho² feito pelo Cesar Ferrari, e essa é a minha busca.

Essa semana eu comprei uma medalha de 1922, da cidade de Montenegro, que tem o Brasão do Rio Grande do Sul. Que tem uma medalha com o brasão e tem dois tipos, uma com hífen. Isso vai aparecer no meu livro sobre a Bandeira do Rio Grande do Sul.

Eu tenho a coleção da Viscondessa de Cavalcanti, catálogos de leilões clássicos, antigos e alguns outros perdidos aí.

Eu fui a poucos museus. Aqui em Porto Alegre eu já andei por tudo. Estive no Museu Histórico do Rio de Janeiro. Estive no Museu do Banco Central em Brasília, onde participei de uma semana de congresso de numismática. Esses

¹<https://g1.globo.com/pa/para/noticia/2021/01/18/moedas-de-bronze-e-ouro-do-seculo-xix-sao-encontradas-enterradas-em-colaes-no-pa.ghtml>

²“Boletim da SNB”.



principais no Brasil eu fui. Lá fora eu não fui. Mas toda cidade que preserva a história, inclui a numismática.

Eu consegui transformar a informação da numismática em conhecimento. O conhecimento a gente leva para a vida toda. Tira a parte comercial da numismática.

Esse livro que estou preparando eu estou trabalhando desde 1990, os símbolos do Rio Grande do Sul a partir da numismática. Eu estou a 50% de explicar os símbolos do Rio grande do Sul, o brasão, a bandeira.

Tem que comprar primeiro o livro, depois a moeda, assim vai evitar muita dor de cabeça, de comprar caro uma moeda. Assim transformar a informação em conhecimento.

A numismática permite conhecer mãos a história.

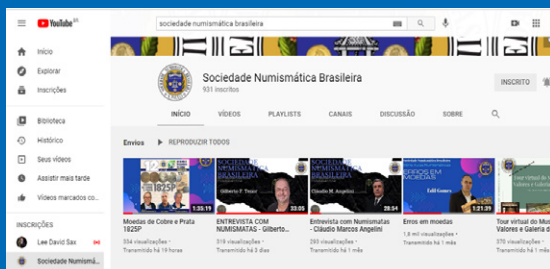
Acompanhe os trabalhos da SNB nas redes sociais



sociedadenumismaticabrasileira



sociedade numismática brasileira



www.snb.org.br



snb.numis





Esse canal de comunicação da diretoria com os associados foi pensado para informarmos a todos sobre os principais acontecimentos da Sociedade. No atual boletim serão noticiados os principais acontecimentos do final de 2020 e primeiro semestre de 2021, bem como os eventos futuros. As principais realizações desse período continuam voltadas para o mundo virtual, devido a pandemia. A Sociedade Numismática Brasileira não parou de trabalhar e não vai parar, sempre pensando em nossos associados.

XXIV Congresso Brasileiro de Numismática

O XXIV Congresso Brasileiro de Numismática foi realizado entre os dias 10 a 12 de dezembro de 2020, no já habitual Novotel Jaraguá, localizado próximo de nossa sede social. A sua realização só foi possível graças a flexibilização do Plano São Paulo, por parte do governo estadual e municipal, que permitiu a realização de pequenos eventos, desde que todas as normas sanitárias fossem seguidas. Essas medidas foram rigorosamente seguidas, com a obrigação do uso de máscaras, higienização de mãos com álcool em gel, controle de entrada nos salões, distanciamento entre as mesas de comercialização e realização somente virtual das palestras. Mesmo com todas essas restrições e o medo dos associados com a contaminação, o evento transcorreu sem nenhum incidente, com todos os presentes respeitando as medidas necessárias para o momento.



Cunho da medalha comemorativa do XXIV Congresso Brasileiro de Numismática

Durante o Congresso tivemos a realização de uma exposição de itens da Segunda Guerra Mundial, em razão da cunhagem da medalha comemorativa dos 75 anos da vitória na Segunda Guerra Mundial. A exposição foi dividida nos seguintes eixos temáticos: Numismática militar; Força Expedicionária Brasileira; O Eixo e condecorações e medalhas dos Aliados. Foi montada com itens da coleção de Gilberto Fernando Tenor e Bruno Pellizzari.



Também foram realizadas 10 palestras por numismatas, responsáveis por museus e pesquisadores do Brasil e do México. Lista das palestras proferidas:

- Colecionismo e a saúde durante a pandemia de COVID-19 – Oswaldo Martins Rodrigues Jr.
- Evolução dos meios de pagamento: do escambo ao Bitcoin – Bruno Pellizzari
- A presença do acervo de Numismática no círculo expositivo do Museu Histórico Nacional – Paula Moura Aranha e Pedro Colares Heringer
- Julius Meili: Vida e obra – Alberto Paashaus
- A circulação da moeda espanhola no Brasil – Pedro Damian Cano Borrego
- Museu de Numismática Bernardo Ramos: 120 anos de história – Denio Mota
- Museu Eugênio Teixeira Leal e a divulgação numismática – Eliene Bina, Euler de Almeida Oliva, Elcineide Simões e Marcela Jaques Marchi
- Manchas de leite (milk spots) em monedas de prata – José Antonio Pimienta
- Identificação de moedas falsas e adulteradas – Paulo Abreu
- As moedas macuquinas – Thomas Ribeiro

Além das palestras, durante abertura do Congresso, tivemos o lançamento do livro “Moedas de A a Z – O manual do colecionador”, dos autores César Tâmega e Jean Vicente e a entrega dos diplomas para os alunos e professores do curso de “Fundamentos de Numismática”, do Instituto Federal da Paraíba e que é coordenado pelo associado e professor, Al-

berto Paashaus. Também ocorreu a cerimônia de descaracterização de cunho da medalha comemorativa da SNB, que foi desenhada por Marcelo Augusto Tibúrcio e celebra os 75 anos da vitória na II Guerra Mundial. Participaram da cerimônia o Coronel PM Galdino Vieira da Silva Neto, diretor do Museu da Polícia Militar de São Paulo; O Coronel Julio Cezar Fidalgo Zary, comandante do 2º Batalhão de Polícia do Exército (2º BPE); Silvio Alves, associado da SNB e filho de um combatente da Força Expedicionária Brasileira; Marcelo Augusto Tibúrcio, associado da SNB e autor da medalha; Rubens Marques de Henriques Silva, presidente da SNB e Gilberto Fernando Tenor, presidente emérito da SNB e futuro presidente. Na sequência o Coronel Zary outorgou a medalha comemorativa dos 75 anos da vitória na 2ª Guerra Mundial, produzida pelo 2º Batalhão de Polícia do Exército (2º BPE).



*Cerimônia de descaracterização do cunho. Na foto:
Coronel Julio Cezar Fidalgo Zary, Coronel PM Galdino Vieira da Silva Neto,
Rubens Marques de Henriques Silva e Silvio Alves.*

Foram homenageados na abertura os associados que completaram 25 anos de associação, sendo eles: Platão de Barros Junior, Jose Carlos Barone, Luiz Antonio Marques, Claudio Matrangolo, Ramiro Silva Matos Neto, Walter Arruda de Menezes, Ary de Arruda Luna, Hilton Aparecido Magri Lúcio, Denis Renaux e Samuel Silva Júnior. E 50 anos de associação, como foi o caso dos associados Flavio Barbosa Rebouças, João Janir Praude e Walter Fernandes. Além disso, tivemos a entrega da Medalha do Mérito Numismático, que agracia o associado que tenha se destacado em seus estudos numismáticos, promovendo assim a Numismática. O agraciado de 2020 foi o Oswaldo Martins Rodrigues Junior, associado remido man-



***Oswaldo Martins Rodrigues Jr. recebe-
do do Presidente Rubens Marques a
Medalha do Mérito Numismático.***

que disponibilizou aos presentes diversos produtos da CMB, como moedas, medalhas, cédulas e souvenirs. Mas, sem dúvidas, o grande destaque do Congresso foi a venda sob ofertas da 2ª parte da Coleção Sabará, que teve 100% de seus 160 lotes vendidos. A 3ª parte será vendida no Encontro Especial de junho de 2021. A Coleção Sabará é composta exclusivamente por moedas de ouro e foi formada durante a segunda metade do século XX por um grande estudioso da numária brasileira.

O nosso próximo Congresso está marcado para os dias 9 a 11 de dezembro de 2021. Esperamos contar com a presença de todos lá!

Nova diretoria da Sociedade Numismática Brasileira

A nova diretoria da SNB foi eleita por aclamação no último dia do XXIV Congresso Brasileiro de Numismática e empossada no dia 20 de fevereiro de 2021. A diretoria é composta pelos seguintes associados:

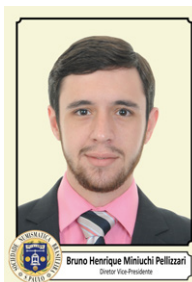


● **Gilberto Fernando Tenor – Diretor Presidente:** Administrador, associado da SNB desde 1987, onde participou da Diretoria Executiva por 26 anos, sendo 8 deles na Presidência. Sócio proprietário da Tenor & Pellizzari Leilões, Embaixador Vitalício da Sociedade Filatélica e Numismática da Paraíba, Membro de Diretorias de 9 entidades culturais de Filatelia e Academias de Letras. Membro das Entidades Numismáticas: Sociedade Numismática Brasileira, Sociedade Numismática Paranaense, Associação Filatélica

tenedor da SNB, na época Assessor de Relações Internacionais e atualmente Diretor Social e de Divulgação da SNB, editor da Revista Numismática Brasileira, pesquisador numismático com diversas obras publicadas e dezenas de palestras proferidas no Brasil e no mundo, além de ser o intermediador do contato da numismática brasileira com a numismática em toda a América Latina.

Contamos com a participação, em nosso salão de comercialização, da Casa da Moeda do Brasil

e Numismática de Brasília, Clube Numismático do Estado do Rio de Janeiro (membro honorário número 1), Sociedade Filatélica e Numismática da Paraíba e do Instituto Uruguayo de Numismática. Representante da Sociedade Numismática Brasileira na Comissão de Filatelia e Numismática do Governo do Estado de São Paulo, durante os anos de 2000 e 2004. Prêmios e homenagens: Medalha Mérito Numismático – Sociedade Numismática Brasileira (2013) e diversas condecorações e comendas por Governo Estadual, Municipal e entidades culturais brasileiras e portuguesas.



●**Bruno Henrique Miniuchi Pellizzari – Diretor Vice-Presidente:** Advogado, Mestre em Direito, Sócio proprietário da Tenor & Pellizzari Leilões, colecionador e pesquisador. Associado desde 2014. Participou como palestrante nos XVIII, XX, XXI, XXIII e XXIV Congresso Brasileiro de Numismática, além de ser expositor no XX, XXIII e XXIV Congresso. Possui cerca de 50 entrevistas para TVs, rádios e jornais, todos tendo como temática a Numismática. Além de diversos artigos publicados nos boletins da SNB. Editor

do Boletim da Sociedade Numismática Brasileira e Coordenador da Revista Numismática Brasileira. Membro da SNB, ANA, AFNB, SNP e SFNJP.

●**Ismael Toledo Júnior – Diretor Financeiro:** Natural de São Paulo - Capital. Formado em Ciências Contábeis. Trabalhou no Mercado Financeiro durante 36 anos. Associado à SNB desde 2002. Já foi Diretor Administrativo e Financeiro da SNB em outra administração. Colecionador de Moedas de prata desde 1990, participou como expositor em diversos congressos.



●**Hélio César Xavier – Diretor Administrativo:** Associado da SNB desde 2007, ocupou cargo de diretoria de 2015 a 2020. Comerciante de Colecionismo - Promotor de eventos de multicolecionismo em São Paulo, Minas e Goiás. Divulgador da numismática durante os encontros nacionais.

●**Paulo Cesar Fim – Diretor Técnico:** Colecionador e comerciante em tempo integral, com foco nas moedas da antiguidade. Bacharel em design de produto. Associado da SNB desde 2017.

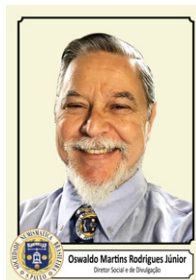




●**Marcelo Augusto Tibúrcio – Diretor Curador:** Associado desde 2007, vice-presidente da SNB na gestão de 2015 a 2018. Empresário, colecionador de medalhas, vice-presidente da Associação do Museu da Polícia Militar do Estado de São Paulo.

●**Oswaldo Martins Rodrigues Júnior – Diretor Social e de Divulgação:** Membro da Sociedade Numismática Brasileira desde 1984; Sócio remido desde 2009;

Diretor Secretário de 1987-89 e 1989-1991; Conselheiro da Comissão de Convenções, Divulgação e Sócios da Sociedade Numismática Brasileira, de 1989 a 1990; Assessor da Diretoria para Relacionamentos Internacionais; Editor da Revista Numismática Brasileira; Recipiente da Medalha de Mérito Numismático 2020; Psicólogo e psicoterapeuta sexual desde 1984, atua em tratamento de disfunções e queixas sexuais e inadequações sexuais de casal desde 1996 atua no Instituto Paulista de Sexualidade, o qual fundou e dirige; Mestre em Psicologia Social PUC/SP, 1996, atualmente coordena as pesquisas e estudos sobre disfunção erétil, disfunções sexuais e parafilias no GEPIPS – Grupo de Estudos e Pesquisas do InPaSex (desde 1996).



Na foto (por ordem de aparição): Hélio Xavier, Ismael Toledo Jr., Oswaldo Rodrigues Jr., Gilberto Tenor, Marcelo Tibúrcio, Paulo Fim e Bruno Pellizzari)

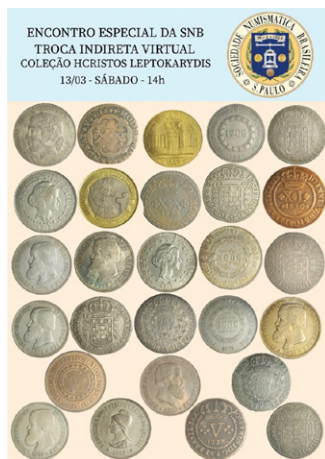
Além da diretoria ainda foram nomeados assessores, membros de comissão e representantes regionais, que auxiliarão o trabalho da diretoria. Os nomeados, até o momento, são os seguintes:

- Assessor Especial da Presidência: Rubens Marques de Henriques Silva
- Assessor Jurídico: Arthur Mosaner Artigas Troppmair
- Assessor de Relações Internacionais: Cristiano de Lima Bierrenbach
- Assessor de Tecnologia: Marcelo Rodrigues Benevides
- Assessor Financeiro: Jose Alberto Borges da Cruz
- Comissão de contas: Marco Antonio Kroggel Sá, Laurence Matuck Jr., Reginaldo Gomes, Salvador Antonio Portela, Claudio Patrick Amato e Jerry Edson da Costa
- Comissão técnica: Alexandre Saade Detolvo, Laurence Matuck Jr., Antonio Eduardo Soeiro de Matos Pereira (Tonyan), Claudio Marcos Angelini, Fábio Canova de Souza e José Serrano Neto
- Coordenadores regionais: Telma Cristina Soares Ceolin, Alberto Gustavo Paashaus Jr. e Emerson Fernando de Rezende Pippi

É importante destacar que todos os associados, não somente aqueles nomeados como assessores, podem, e devem, ajudar a diretoria naquilo que for necessário, para assim podermos construir juntos uma Sociedade Numismática mais forte e cada vez mais presente a atuante.

Encontro Especial da SNB de março

Infelizmente, em decorrência da segunda onda da pandemia de COVID-19 no Brasil, não foi possível a realização presencial de nosso encontro especial de março. Mas o encontro foi realizado de forma virtual, com a realização de trocas indiretas virtuais na quarta-feira, dia 10/03, na sexta-feira, dia 12/03 e no sábado, dia 13/03, com trocas virtuais na parte da manhã e da tarde, com a disponibilização da Coleção Hcristos Leptokarydis. Também houve a inauguração da placa em homenagem a Lafaiete Cintra, que abordaremos mais profundamente à frente. Além disso, foram realizadas duas pa-



lestras no dia 11/03, sendo a primeira sobre “A primeira Casa da Moeda brasileira: Bahia, 1694”, realizada por Cláudio Carlan, Diretor de Relações Internacionais e Interinstitucionais, Professor Associado II de História Antiga e Professor do Programa de Pós Graduação em História Ibérica da Universidade Federal de Alfenas (Unifal-MG). A segunda palestra foi sobre “O signo monetário universal: uma análise do cifrão na história da moeda de papel no Brasil”, realizada por Diego Maldonado.

Placa em homenagem a Lafaiete Cintra

No dia 09 de fevereiro de 2021 a comunidade numismática brasileira ficou em luto. Perdíamos Lafaiete Cintra.

Lafaiete que sempre foi unanimidade em todos os lugares onde estava, deixou-nos abrindo um grande vazio em nossos corações. Nossos encontros serão sempre lembrados por todos.

E por unanimidade foi aprovado pela Diretoria uma homenagem, através de uma bela placa, que teve a arte produzida pelo associado Emerson Julião do Nascimento, para ser afixada no mesmo local onde Lafaiete permaneceu por 3 décadas, nosso

salão de leilões. Lugar melhor não há!

Que quando visitarem nossa sede social e verem esta placa, possam sempre lembrarem daquele que tinha em seu sorriso, sua marca especial: a eterna alegria.

Texto da placa: Quando o jovem Lafaiete Cintra ingressou na Sociedade Numismática Brasileira, em 1964, poucos imaginariam que, durante mais de meio século, a partir dali aquele semblante e, principalmente aquela voz, seriam símbolos dos milhares de encontros, por ele conduzidos, que congregaram numismatas do Brasil e do Mundo. Sua alegria, encontrada como o bronze, preenchia os salões e se espalhava aos presentes; seu compromisso com a Numismática, seguro como a prata, era firme e estável; sua lealdade, valiosa como o ouro, é exemplo para todos nós. Lafa, seu legado, acumulado durante 57 dos 97 anos da SNB, vai muito além do que se pode guardar em qualquer coleção e estará sempre presente em nossos corações.



Infelizmente Lafaiete Cintra foi mais uma vítima da COVID-19. Nesse momento tão difícil, deixamos nossa homenagem aos associados e numismatas que, infelizmente, perderam a vida para o coronavírus:

- † Aldo Flores (Peru)
- † Celso Zimath
- † Deivisson Fernandes
- † Edmilson Jonhsen Collares
- † Fernando Chao (Argentina)
- † Herbert Zimath Junior
- † Humberto Sérgio Pires de Carvalho
- † Idenyldo Silva
- † João Luiz Andrade Sant Anna
- † Lafaiete Cintra
- † Marcos Bauer
- † Mario Nunes de Figueiredo
- † Paulo Gonzales
- † Satio Yamaguchi
- † Wanderley Luis de Paula Moretto

Que nenhuma família mais tenha de passar por uma perda decorrente desse vírus e que os associados que se contaminaram e passaram por internação, tenham uma pronta recuperação para que em breve possamos estar juntos, celebrando a vida.

Encontro Especial de junho

O próximo evento a ser realizado pela Sociedade Numismática Brasileira é o encontro especial de junho, que deve ocorrer, a depender da flexibilização do Plano São Paulo, no Novotel Jaraguá entre os dias 11 e 12 de junho de 2021. O evento contará com mesas de comercialização, palestras virtuais, exposições numismáticas e as trocas indiretas virtuais, com destaque para a 3ª parte da Coleção Sabará. A participação de todos é muito importante.

Mudanças na sede

A SNB está aproveitando esse período em que a sede está com pouco movimento, devido a suspensão das atividades presenciais, para realizar importantes mudanças. As primeiras delas foram a adequação da porta



corta fogo, seguindo as normas de segurança do corpo de bombeiros, bem como a instalação de uma porta interna de vidro, garantindo assim maior segurança para os associados. Também houve a troca dos telefones e computadores da secretaria, eliminando os antigos computadores de torre por novos notebooks, diminuindo assim a quantidade de fios e itens necessários para o trabalho da secretaria, além de garantir maior facilidade para o transporte desses equipamentos para os eventos promovidos pela SNB. Mais mudanças estão programadas para serem realizadas ainda em 2021, buscando a atualização de nossos equipamentos e melhorias em nossa sede.

Coleção Sabará – 3ª parte

A 3ª parte da Coleção Sabará será disponibilizada no Encontro Especial de junho. Ao total serão 190 moedas de ouro brasileiras e estrangeiras, de altíssima qualidade. A listagem impressa e virtual foi disponibilizada para todos os associados.

Conforme anunciado anteriormente a Sociedade Numismática Brasileira apresenta a terceira parte da Coleção Sabará, um dos mais importantes conjuntos numismáticos do Brasil. Foi denominada Sabará para homenagear uma das mais antigas e importantes Casas de Fundição de ouro em Minas Gerais, criadas para arrecadação do Quinto, o imposto devido à Coroa Portuguesa pela extração desse rico minério e produziu uma série de barras de extrema raridade.

Composta exclusivamente por moedas de ouro, foi formada na segunda metade do século XX por um grande estudioso da numária brasileira.

Apaixonado pela arte brasileira, adquiriu as primeiras moedas no final dos anos 50 e logo de início optou em adquirir sempre as peças de melhor qualidade que se apresentavam no mercado. Ao longo dos anos foi melhorando aquilo que parecia ser impossível de ser melhorado, chegando a uma marca impressionante de praticamente 99% de moedas sem circulação.

Nessa 3ª parte a peça mais importante é a barra de ouro, cunhada em Sabará e que, de fato, é o grande motivo para a coleção ter esse nome. A barra foi cunhada em 1807, durante a época colonial. A corrida do ouro em Minas Gerais na virada do século XVIII é o primeiro movimento populacional registrado no sudeste do Brasil. A primeira descoberta registrada de ouro foi feita em 1693 por um bandeirante (colonos portugueses e buscadores de fortunas na época) explorando a área ao redor da atual cidade de Ouro Preto (“Ouro negro”, uma alusão à cor escura dos solos aluviais dos quais o ouro foi extraído). A descoberta causou tanto rebuliço que, em 1697, uma parcela significativa da população do Rio de Janeiro, São Paulo e Bahia se deslocaram para o local das descobertas, aguardando o governo de Lisboa a implementação de uma legislação que evitasse uma emigração em massa para o Brasil. A produção de ouro no Brasil no século XVIII foi tão monumental, que rivalizou com as descobertas coloniais espanholas nas Américas.

Na década de 1670, o ouro em pó circulou como moeda no Brasil colonial e, para regular e tributar a extração de ouro, foram criadas fundições no Rio de Janeiro (1703), Bahia (1714) e Minas Gerais (1724). A Coroa portuguesa permitiu as operações de mineração desde que o quinto (imposto de 20%) fosse devidamente pago. Essa legislação foi efetiva entre 1700-1713, mas, compreensivelmente, não popular. A lei de 11 de fevereiro de 1719 autorizou a tão necessária criação de novas casas de fundição no Estado Novo e ressarciu o quinto para ouro de pó, proibindo a circulação de ouro que não fosse derretido e processado nas Casas de fundição. Essas medidas tinham como objetivo de reforçar o controle da coroa sobre a exploração do ouro, o que resultou numa revolta em 1720 em Vila Rica. Entre as casas de fundição, a de Sabará (Casa de Intendência e Fundição do Ouro da Vila Real de Nossa Senhora da Conceição do Sabará) destaca-se com base em suas operações contínuas desde sua criação inicial (Carta de fevereiro de 1731 que atesta que estava ativa na época). A operação do derretimento do ouro e criação dos lingotes foi muito cuidadosa, cada lingote vinha acompanhado de um certificado detalhado também chamado de Guia, enquanto o próprio lingote também fornecia



todas as informações relevantes: assim, a presente peça de Sabará (com escudo barroco no anverso e esfera armilar no reverso) foi fundida em 1807, tendo o seu número de identificação individual, o 2778. A fineza indicada é de 22 quilates e mais 1 grão (Toque 22 *) e o peso teórico é de 3 onças, 3 oitavas e 30 gramas (indicado como 3 “ 3 “ 30) ou 98,31gr (com peso bruto de 99,20 gramas). Dimensões: 81 mm X 20 mm X 4,7 mm. Tudo isso é certificado pelo desconhecido ensaiador cujo monograma é A P, aplicado no canto superior direito do anverso). Seu valor circulatório foi de Rs.41\$592 e está registrado no catálogo do ilustre numismata Kurt Prober sob número KP045. Difícilmente se encontra um item tão representativo da opulência do ouro que circulou no Brasil. Dentre os 219 lingotes conhecidos, esse é um exemplar excepcional e perfeito e também um dos mais famosos pois está ilustrado desde a 1ª edição no Livro das Moedas do Brasil de Arnaldo Russo. Seu pedigree é incontestável. Essa é a primeira barra disponibilizada pela SNB no séc. XXI. E, como todas as barras fundidas nesse período, ela é única...

Histórico de acordo com Kurt Prober:

“Consta que por volta de 1935 o colecionador, Antonio Baptista Leite, farmacêutico de Belo Horizonte (MG) comprou esta barra de um lavrador de Sabará (MG), que encontrara a peça em sua lavoura. Baptista Leite vendeu a peça imediatamente ao colecionador Dr. J. Santa Cecilia, de Belo Horizonte, vindo este a falecer em 1941. Pouco antes, em 29.05.1941 o Museu Nacional do RJ recebeu dele as duas fotografias da barra, que fora recebida de presente do Diretor Dr. Edgar Roméro, em 1942, depois que já tinha impresso o livro “Circulação etc.”. Só 20 anos depois, em 1961 a coleção acabou sendo vendida, sendo essa barra vendida ao colecionador Jarbas Guerreiro, de São Paulo, que em março de 1963 a revendeu ao Sr. José Eugênio Dias da Silva, de São Paulo.



Em 15.8.1967 o colecionador Eugenio, vendeu a barra ao Sr. Hans Kochmann, São Paulo, não se sabendo a quem ele vendeu a barra. Registrado no catálogo Kurt Prober sob número KP045.

Ilustrado a página 84 do “Catálogo das Moedas do Brasil” de Arnaldo Russo, 6a Ed. 1987.”

Ilustrado na página 469 do livro “Moedas Portuguesas e do Território que hoje é Portugal” de Alberto Gomes sob nº 120.01 - Sabará com ponto (somente 6 exemplares conhecidos).

Registrado no Livro Bentes das Moedas do Brasil sob número 026.

O regulamento se encontra no caderno principal do Encontro. A 4ª e última parte da Coleção Sabará será disponibilizada no XXV Congresso Brasileiro de Numismática, em dezembro, e será a última oportunidade de possuir uma das moedas dessa icônica coleção.

XXV Congresso Brasileiro de Numismática



O XXV Congresso Brasileiro de Numismática está programado para ser realizado entre os dias 09 a 11 de dezembro, no Novotel Jaraguá, em São Paulo. A programação será disponibilizada assim que estiver pronta. Como já é habitual, teremos mesas de comercialização, trocas indiretas especiais, palestras e exposições. Bem como a cunhagem de uma medalha comemorativa e a produção de cédulas fantasias especiais.

Redes sociais

A SNB tem reforçado a sua presença nas redes sociais. Hoje conta com um canal no Youtube, uma página no Facebook e um perfil no Instagram (@snb.numis). No Youtube, onde possui quase 1000 inscritos publica vídeos periodicamente com entrevistas a numismatas conhecidos, pesquisadores e representantes de museus. Além disso, ainda produz vídeos informativos. Na página do Facebook, com mais de 8000 seguidores, publica diariamente informações e notícias numismáticas de todos os tipos. Já no perfil do Instagram, com pouco mais de 1000 seguidores, divulga os principais eventos e palestras realizadas pela SNB. Recomendamos a todos os interessados na Numismática que sigam a SNB nas redes sociais e fiquem por dentro das novidades.

Trocas indiretas virtuais e presenciais

A SNB está realizando de maneira virtual as tradicionais trocas indiretas entre os associados, que antes da pandemia era realizada na sede, as quartas e sábados e agora está sendo realizada virtualmente todo sábado à tarde. A virtualização permite que todos os associados possam participar, independentemente de onde eles estejam, já que são realizadas por meio da plataforma Google Meet.

A primeira troca indireta virtual foi realizada no dia 04 de julho de 2020 e desde então vem sendo realizada todo sábado a tarde. As trocas virtuais têm sido um sucesso, contanto com a participação de dezenas de associados, que compram e vendem peças de qualidade. A listagem e link para acesso é enviado por e-mail para todos os associados.

A SNB está programando a volta gradual das trocas indiretas presenciais para o segundo semestre de 2021. Entretanto, manterá as trocas virtuais, por possibilitarem que todos os associados possam participar. Os comunicados referentes as trocas presenciais serão veiculados assim que os protocolos internos de segurança forem estabelecidos.

Grupo de WhatsApp dos associados

A diretoria criou um grupo no Whatsapp para troca de informações entre os associados no dia 24 de março de 2020, assim que foi decretado o distanciamento social obrigatório e o consequente fechamento de nossa sede social. Para os associados que desejarem fazer parte desse grupo, devem entrar em contato com a secretaria e solicitarem a inclusão.

Revista Numismática Brasileira



A Sociedade Numismática Brasileira dando sequência a Revista Numismática Brasileira (RNB), contando com o associado Oswaldo M. Rodrigues Jr. como seu editor lançará um novo volume da RNB em junho. A publicação da RNB é 100% virtual e traz artigos acadêmicos que versam sobre Numismática. Com isso, já são 4 volumes publicados desde a sua retomada.

A RNB foi um relançamento de uma publicação da SNB que circulou de 1933 a 1954, atualmente conta com uma Comissão Editorial Nacional e Internacional de pesquisadores especializados em numismática que farão a análise dos artigos a serem publicados, conta também com a identificação de ISSN 2675-0155 (International Standard Serial Number), Número Internacional Normalizado para Publicações Seriadas ou Número Internacional Normalizados das Publicações em Série, usado para identificação única de uma publicação em série aceito internacionalmente. Para a continuidade contamos com a colaboração para envio de artigos que devem ser encaminhados nos e-mails da SNB aos cuidados do editor da RNB. snb@snb.org.br / snb@uol.com.br.

Cursos na sede da SNB

Infelizmente os cursos que estavam programados para serem realizados durante o ano de 2020 e primeiro semestre de 2021 tiveram que ser cancelados. Mas serão reprogramados para serem realizados entre o segundo semestre de 2021 e início de 2022. As datas e formulário para inscrição serão divulgados assim que a programação for feita.

Cartagena 2020 2021

Entre os dias 20 a 25 de outubro de 2020 seria realizada em Cartagena das Índias, na Colômbia, a 3ª Convenção Internacional de Historiadores e Numismáticos. Entretanto, em virtude da pandemia de coronavírus, o evento foi cancelado e será realizado agora entre os dias 1 a 5 de dezembro de 2021. Convidamos a todos a participarem desse importante evento, que é um dos maiores da América Latina, tendo como objetivo a discussão de pesquisas numismáticas e a promoção da ciência numismática a nível internacional. A 1ª edição foi realizada em Potosí, no ano de 2016 e a 2ª edição em Arequipa, em 2018.



Envie seu artigo para ser publicado na SNB

A SNB convida a todos os interessados para enviarem artigos para serem publicados em nosso Boletim. Os textos devem ser de autoria própria, com indicação de referências bibliográficas, quando necessário, e podem conter imagens, tabelas e gráficos. Seu conteúdo deve tratar sobre Numismática, englobando pesquisas, notícias, lançamentos e demais assuntos pertinentes ao tema. Para isso, os autores devem enviar seus textos para snb@snb.org.br ou snb@uol.com.br.

Livros que a SNB recomenda a seus associados

Boletim SNB



Números 47 ao 78 (consultar números disponíveis)

Valor: R\$ 5,00 (cada)

Autor: SNB

Ano: 1996 a 2020

Páginas: 100 (em média)



Revista Numismática

Anos I e II (fac-símile) – 5 volumes

Autor: SNB

Ano: 2016 a 2018

Páginas: 70 (em média)

Valor: R\$ 5,00 (cada)



RNB - Revista

Numismática Brasileira

Autor: SNB

Ano: 2019

Páginas: 103

Valor: R\$ 20,00



Livro das medalhas do Brasil

1596/2014 – 1ª edição

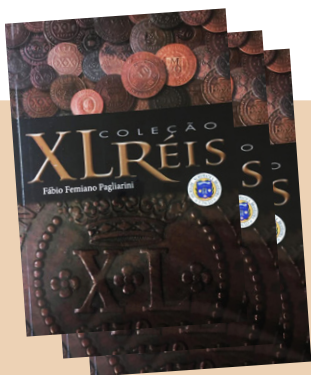
Autor: Claudio Amato

Ano: 2014

Páginas: 292

Valor: R\$ 80,00

Livros que a SNB recomenda a seus associados



Coleção XL Réis

Autor: Fábio Femiano Pagliarini

Ano: 2017

Páginas: 136

Valor: R\$ 20,00



Cédulas do Brasil – 1833/2019

Autores: Claudio Amato, Irlei Soares das Neves e Julio Schutz

Ano: 2019

Páginas: 200

Valor: 70,00



Catalogação das Coroas de cobre

Autor: Enio Garletti

Ano: 2015

Valor: 120,00



Catálogo Amigo

Autor: Mauricio Porto Moreira

Ano: 2020

Páginas: 596

Valor: 75,00

Para reservas, entrar em contato com a Secretaria da SNB

Rua 24 de maio, 247 - 2º andar - São Paulo - SP

Tel.(11) 3222.3534 e 3333-7004 e-mail:snb@snb.org.br

Livros que a SNB recomenda a seus associados



Catálogo descritivo dos patações da Casa da Moeda do Rio 1809-1934

2 volumes (reedição)

Autor: Lupércio Gonçalves Ferreira

Ano: 2017 Páginas: 652

Valor: R\$ 50,00

Outros itens disponíveis na secretaria da SNB



Medalha do XXI Congresso Brasileiro de Numismática Matarazzo – 2017

Bronze: R\$ 100,00

Alumínio (prova): R\$ 180,00

Associado da SNB que indicar novo membro terá desconto na anuidade



Para quem indicou

O desconto será de 10% do valor pago de anuidade para cada novo efetivado

Podendo ser cumulativa até uma anuidade completa. Válida para a anuidade de 2022.

Para o novo associado

Valor da anuidade R\$ 330,00
Grátis a carteira de associado e o último boletim da SNB

- ✓ O sócio recebe dois boletins anuais
- ✓ Tem acesso irrestrito no site da SNB
- ✓ Acesso a exposições permanentes
- ✓ Acesso a encontros semanais e congressos
- ✓ Descontos em material produzido pela SNB

Para se associar:

Preencher a proposta de sócio, enviar cópia autenticada do RG, CPF e comprovante de residência, envio de 1 foto 3x4 colorida atual. Recolhimento da taxa de inscrição anual, citar o sócio que fez a indicação

Sociedade Numismática Brasileira

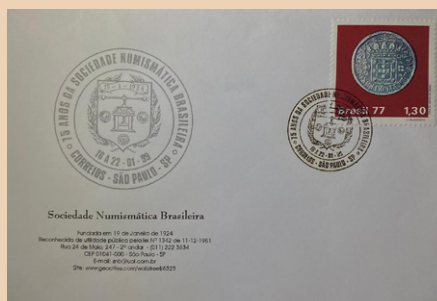
Rua 24 de Maio nº 247 - 2º andar - São Paulo - SP - CEP 01041-001

Maiores informações: snb@snb.org.br ou snb@uol.com.br



Outros itens disponíveis na secretaria da SNB

Envelope com selo comemorativo dos 75 anos da Sociedade Numismática Brasileira - 1999.
Valor: R\$ 5,00



Envelope com selo comemorativo dos 75 anos da Sociedade Numismática Brasileira - 1999
Valor: 5,00



Envelope com selo comemorativo do II Congresso Latino-Americano de Numismática - 2004
Valor: R\$ 5,00



Envelope com selo comemorativo do II Congresso Latino-Americano de Numismática - 2004
Valor: 5,00



Envelope comemorativo do IV Congresso Latino-Americano de Numismática - 2006
Valor: 5,00





Notas informativas

Novos Sócios

3756/1120	Eduardo de Oliveira Luz Rodrigues
3757/1120	Ademar Leal Lisboa Júnior
3758/1120	Arno Goecks
3759/1120	Jaime Renzo Gallegos Begazo
3761/0121	José Edson de Azevedo
3762/0121	Fernanda Maria Sanches
3763/0121	Luiz Carlos Souza Manganello
3764/0321	Alcione Carvalho da Vitoria
3765/0321	Luis Arthur Liao
3766/0321	Everton Villaron de Souza
3767/0321	Marco Antonio da Silva Freire
3768/0321	Edison Hideki Oshiro
3769/0321	Gabriel Zanotto
3770/0321	Bruno de Vasconcelos Pereira da Silva
3771/0321	Marcelo Brum de Avila
3772/0321	Marcio Henrique Mamoni
3773/0421	Jayme Nascimento Silva
3774/0421	Svend Germann
3775/0421	Luciano Chesini
3776/0421	Antonio Euclides Marcello
3777/0421	Honores Mambrini
3778/0421	João Carlos Antunes de Castro

Reintegração não efetivada:

1341/0681	Antônio Carlos Bonin
-----------	----------------------

Afastamentos (art.43º):

3701/0819 Willy Vukan
3460/0614 José Edson Bertin
3117/0705 Esmeraldo Nicolau Pereira
3149/0306 Francisco Carlos de Moraes Salles
3369/0312 Deborah Chien Ying Huang

Falecimentos:

0042/1264 Lafaiete Cintra
0179/0177 Herbert Zimath Junior
0345/0482 Wanderley Luis de Paula Moretto
0375/0283 Milton de Lima Pessoa
0439/0784 Mario Nunes de Figueiredo
0545/1086 Creusa Kerry de Mello Catropa
1231/1094 Humberto Sergio Pires de Carvalho
3045/0304 Paulo Antonio de Souza Ferreira
3473/1014 Edmilson Jonhsen Collares

Doações:

1º Congresso Numismática de Portugal, 1980/2020 - 40 anos depois - Anno XLVIII - V série

24 fotos antigas/ informativo da Sociedade de Dezembro de 2002 - doados pelo associado Hans Freudenthal

Moedas Brasileiras diversas - doados por Sonia e Vera L, filhas do sr. Américo Angelico

A Transmigração da Família Real para o Brasil em 1807 - Braga 2009 - Dr. Marcus de Noronha da Costa - sócio correspondente do Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo

Catálogo Amigo Moedas Brasileiras 1643-2020 - 3ª edição 2021

Desafios para a regulação de criptomoedas como meio de pagamento e a desestatização do dinheiro na sociedade da informação - doado por Bruno Pellizzari

Livro Papel Moeda - Coleção Santander Brasil - coleção de cédulas; bilhetes bancários; bônus e vales

Medalha em homenagem aos formandos do curso fundamentos de Numismática - IFPB 2020

Medalha 75 Anos da Vitória na 2ª Guerra Mundial com diploma - Coronel Julio Cezar Fidalgo Zary - Comandante do 2º Batalhão da Polícia do Exército

Moedas de A a Z - Vol. 1 - O Manual do Colecionador - César Tâmega e Jean Vicente



J. MESQUITA
numismática & filatelia



ESCANEIE-ME

Participe de nossos leilões semanais
www.JMESQUITALEILOES.com.br

TEL (21) 3176-3959 - CEL (11) 95133-7000
RUA 7 DE SETEMBRO, 88 - LOJA X - CENTRO - RIO DE JANEIRO / RJ



J. MESQUITA
numismática & filatelia



www.JMESQUITALEILOES.com.br



RUA 24 DE MAIO, 247 - SALA 51 - CENTRO - SÃO PAULO/SP



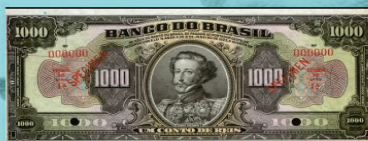
MRF COLEÇÕES

GROUP



Perito em Cédulas e
Papel Moeda no Geral

Compro - Vendo - Troco - Avalio
Cédulas, Moedas e
Materiais de Numismática



 (11) 9 9406-8977
9 8871-4802

Marcio R. Fecchio
Diretor



m.fecchio@yahoo.com.br
clic_colecoes@yahoo.com.br

Art: Maurício P.M.

Silvio Alves

Cel.:  (11) 99655-0902 



E-mail: cedulasemoedas@hotmail.com

Rua 24 de Maio, 247 - 6º andar - Conj. 62 - Sala 1
São Paulo - SP - CEP: 01041-001

MNM

NUMISMÁTICA

ARTE & LEILÕES

www.mnmnumis.com.br
mnm.numis@gmail.com

Rua 24 de Maio, 247, CJ 31
República, São Paulo
01041-001 SP- Brasil

+55 (11) 4248 2153
+55 (11) 995 966 240



SALVADOR PORTELA

Numismata

- MOEDAS
- MEDALHAS
- CÉDULAS
- CATÁLOGOS

Tels.: (11) 9 9987 4871 | (11) 9 4103-4871

email: portela.salvador@gmail.com

Rua 24 de Maio, 247 - sala 247 - São Paulo - SP

LOJA DO COLECIONADOR

MOEDAS - CÉDULAS - SELOS - ARTIGOS NUMISMÁTICOS
GILBERTO BAILÃO

(61) 3328-1674 / 98286-1674 / 99802-1674



LOJADOCOLECIONADORBR.COM.BR



CAVALINI.BILAO@GMAIL.COM

SRTVN 702, BLOCO P, S/L 08/68,
ED. RÁDIO CENTER, ASA NORTE,
BRASÍLIA/DF CEP: 70719-900



NumismatiG

Leilões - Compra - Venda

Plataforma de leilões

www.numismatigleiloes.com.br

Aceito consignação.

Fone  **(11)98669-4677**



Loja do Colecionador



Compramos Coleções Fechadas
Compra - Venda - Avaliação

Moedas e Cédulas Nacionais e Estrangeiras

Material Numismático em Geral

Atacado e Varejo

Rivaldo T. Dantas

(11) 99745-5889  (11) 3361-3622

1º Andar - Loja

Rua 24 de Maio, 247 - República - CEP 01041-001 - São Paulo - Capital



www.ggcolecões.com.br
(71) 98878-1965
Salvador - Bahia

Numismática SALMITO

Avalia, coleciona
compra e vende: moedas,
cédulas, selos e postais

WhatsApp (81) 99978-4381 | (81) 3225-1854

email: fsalmito@hotmail.com

Rua Matias de Albuquerque, 223 - Sl. 303
Centro - Recife - PE



Cultura Paulista
Numismática | Leilões
by Jorge Bruns

www.cpnnumismatica.com.br
cpnumismatica@gmail.com
(11) 98704-6024

Rua 24 de Maio, 247, Cj. 72, Sala 4
República- São PauloSP



NUMISMÁTICA
MENEGHETTI

www.numismaticameneghetti.com.br

Emerson Meneghetti
Compro - Vendo - Avalio
CÉDULAS e MOEDAS

email: numismata203@gmail.com

WhatsApp 51 9854.9965
Phone 51 3470.6836

Facebook - Mercadolivre
Cachoeirinha - RS

MOEDAMETAL

NUMISMÁTICA

Moedas gregas,
romanas,
estrangeiras
e do Brasil



(11) 95993 5201 - Paulo C. Fim

www.moedametal.com.br



Gilberto Tenor

Compro Ordens, Condecorações,
Medalhas, Moedas exóticas, Livros
e objetos relativos à numismática
e a Revolução de 1932.

(15) 99651.0213

GRANDES IDOLOS DO ESPORTE

Acesse:
loja.casadamoeda.gov.br

 /casadamoedadobrasiloficial

 /casadamoedabrasil



Ø 40mm

ROBERT SCHEIDT - VELA
BRONZE DOURADO | PRATA | BRONZE



CUPRONÍQUEL
Ø 30mm



CASA DA MOEDA
DO BRASIL

**MEMORÁBILIA
DO ESPORTE**
HERÓIS • MOMENTOS • HISTÓRIA

YOUNES NUMISMÁTICA LEILÕES

coleciona, avalia, compra e vende
(moedas, células e medalhas)

Email: younes.numis@gmail.com
tel: 21 99316-1560 Rio de Janeiro



MOEDAS GRÁTIS

Brincadeira, mas é quase isso.

alethonumismatica.com



NUMISMÁTICA
São Paulo
LEILÕES

www.
numismaticasp
.com.br

Nova plataforma
de leilões com peças
para todos os bolsos

numismaticasaopaulo@gmail.com

Leilões semanais
www.
tpleiloes
.com.br



conheça nossa loja virtual
de venda de livros
www.tpnumis.com.br

SEDE PRÓPRIA

Rua 24 de Maio, 247 - Cj. 82
República - São Paulo/SP
Fone: (11) 3362-1040
tpleiloes@gmail.com



📷 @tpleiloes

📘 Tenor & Pellizzari Leilões

**Compramos coleções
e aceitamos consignações.
Consulte-nos para condições.**

- Cédulas
- Moedas
- Medalhas
- Catálogos
- Material numismático e filatélico, nacional e importado da marca



Rua 24 de Maio, 247 - Cj. 44 - São Paulo - SP
Fone: (11) 3333-0669 - email: camato@claudioamato.com.br

Escritório aberto de segunda a sexta-feira das 10 às 17 hs.

www.claudioamato.com.br



[stdk.collection](https://www.instagram.com/stdk.collection)



NUMISMÁTICA NEVES

IRLEI SOARES DAS NEVES

Avaliação, compra e venda

Moedas Brasileiras e Estrangeiras de ouro, prata, cobre e diversos metais

Cédulas Brasileiras e Estrangeiras (Grande Estoque)

Material Numismático em Geral

Apólices de dívida Pública Estadual e Federal

Oncas de Prata Pura

Prata Peso

Medalhas

Condecorações

Cédulas do Índio

Defeitos

Modelos



Solicite uma lista de preços ou nos envie sua mancolista

Mil Réis

Cruzeiros

Reais

Casais Perfeitos

Números Bonitos

Bancos particulares



Visitem nosso Loja Virtual: www.numismaticaneves.com.br

Emails: irlei@terra.com.br | irlei@numismaticaneves.com.br

ENDEREÇO: Rua Tupis, 25 - Sobre Loja 213 (Galeria do Othon Palace Hotel)
Centro - Belo Horizonte - Minas Gerais - CEP 30.190-900

TELEFONES: (31) 3222-3715 / 3224-0244

CELULAR E WHATSAPPS: (31) 99992-8930 (Marcelo) e (31) 99982-7827 (Irlei)



TONYAN SOEIRO

Filatelia - Numismática

COMPRA E VENDA
Moedas - Cédulas
materiais Numismáticos

Atende aos domingos no MASP

55 11 991666222

tksoeiro@globo.com

XAVIER COLEÇÕES



COMPRA E VENDA
Moedas e Cédulas
Nacionais e estrangeiras
Apólices - Selos Postais
marcas de Cigarros
Cartões Telefônicos
Acessórios

(11) 3223.3228

(11) 95385.3125

(11) 98044.8999

Xavier Coleções
xaviercolecões@yahoo.com.br

Visite nosso site
www.xaviercolecões.com.br

Mercado Livre:
xaviermoedas2012

Rua 24 de Maio, 247 - Sl. 54 - São Paulo - SP



Numismática Ruppenthal

Compra, Venda e Avaliação de
Moedas, Cédulas, Selos, Jóias, Relógios
e Material Numismático.

Tel: (51) 3228 - 3324 Cel: (51) 99897-6800
Cel: (51) 99986-8006

www.numismaticaruppenthal.com.br
Rua Gen. Andrade Neves nº159 - sala 132- Porto Alegre

FRAJOPA COLEÇÕES

Francisco Paes

CÉDULAS NACIONAIS E ESTRANGEIRAS

Primeiras e últimas séries,
casais perfeitos, modelos,
specimens e números especiais.

frajopa@terra.com.br



RODRIGO FONSECA
Numis

(11) 94719-2451



TN MOEDAS

Numismática



Moedas, Cédulas e Materiais Numismático

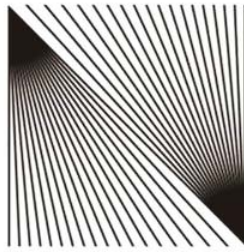


(61) 99236-9263
(61) 3033-7773

thiagonark@hotmail.com

SRTVN Qd. 702 Conjunto P SobreLoja 35
Ed. Brasília Rádio Center - Asa Norte / DF

www.tnmoedas.com.br



NUMISMÁTICA
NESS

❖ COMPRA ❖ VENDE ❖ AVALIA

CÉDULAS E MOEDAS

nacionais (do Mil Réis ao Real) e estrangeiros

CATÁLOGOS

nacionais e estrangeiros

MATERIAL NUMISMÁTICO

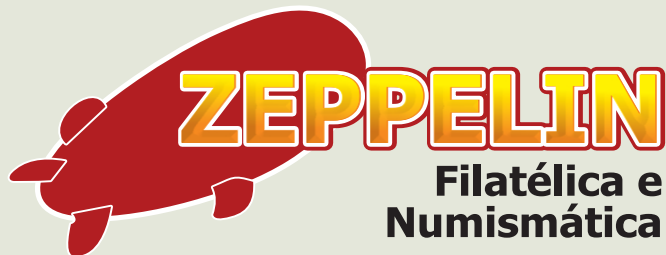
álbuns, folhas, envelopes individuais, lupas, etc.



Av. Dom Joaquim, 1515 - Sala 912
96020-260 - Três Vendas - Pelotas - RS
Fone: 53 3227 3004
Email: numismaticaness@gmail.com



www.numismaticaness.com.br



**Cédulas
moedas
Selos
colecionáveis**

www.filatelicazeppelin.com.br

173.000 lotes disponíveis

**Paulo Ricardo Junges
(desde 1974) no comércio
filatélico e numismático brasileiro**

**Fone: (51) 3224-3910
(51) 3224-5331**



CESÃO NUMIS
leilões online

**MOEDAS E CÉDULAS ANTIGAS •
MATERIAL NUMISMÁTICO •
MINIATURAS •**

**LEILÃO DO
CESÃO** Toda semana no
whatsapp.
Solicite sua inclusão!



César Numis Tupã



cesao_numis_leiloes

César



(19) 98178-6801

Tupã-SP

www.numismaticatupa.com.br

FERNANDO GARCIA LIZARRAGA

AVALIA - COMPRA - VENDE



10.000 réis - 1847
(D. Pedro Almirante)
Única peça conhecida
em platina dourada

MOEDAS DE OURO E PRATA DO BRASIL
CÉDULAS DE RÉIS
MOEDAS E MEDALHAS
CONDECORAÇÕES E COMENDAS
INVESTIMENTOS EM NUMISMÁTICA

PERITAGEM E AVALIAÇÕES DE COLEÇÕES
(MANDAR LISTA)

e-mail: gar.life@hotmail.com
☎ (11) 99632-6691



TUDO PARA SUA COLEÇÃO

- ÁLBUNS, FOLHAS E CLASSIFICADORES
- MOEDAS E CÉDULAS
 - NACIONAIS
 - ESTRANGEIRAS
- COMPRA E VENDA
- NUMISMÁTICA
- ACESSÓRIOS PARA SUA COLEÇÃO
- CATÁLOGOS



 (19) 3841-8402

 (19) 99729-2030

  /caravelascolecoes

 contato@caravelascolecoes.com.br

WWW.CARAVELASCOLECOES.COM.BR

Av. Bandeirantes, 965 - Pq. Cidade Nova
Mogi Guaçu/SP - CEP: 13845-440



SPP - Sociedade Philatélica Paulista

Largo do Paissandu, 51, 17º Andar - São Paulo - SP

sppaulista.com.br



LAURY NUMISMÁTICA

COMPRA VENDA AVALIAÇÃO

Cédulas e Moedas
Brasileiras e Estrangeiras

Material Numismático,

Livros e Catálogos
Nacionais e Estrangeiros



VISITE NOSSO SITE
www.laurymoedas.com.br

Rua 24 de Maio, 247 - 5º andar - Conjunto 52 - CEP 01041-001 - São Paulo - SP
Tel. (11) 3361.3362 - 3333.1042 - 99913.3337 - laurymoedas@laurymoedas.com.br



Compra e venda de moedas e cédulas

 @numismoderna

 facebook.com.br/numismaticamoderna

 (11) 97283-2558

Acesse nosso site e participe do nosso leilão :

www.modernaleiloes.com.br

Rua 24 de Maio, 247 - 4º andar - Conjunto 42 - Cep 01041-001
São Paulo- sp Tel (11) 97283-2558
numismaticamoderna@gmail.com



SOLAR OLINDA
LEILÕES ESPECIAIS

www.solarolinda.com.br

(41) 99242-7373 

solarolinda@uol.com.br

Rua João Domachoski, 132 - Sala L16
Mossunguê - Curitiba / PR - CEP 81200-150

Organizer

organize suas moedas com organizer



Álbuns para moedas
Álbuns para cédulas
Fichários
Envelopes para moedas
Envelopes para cédulas
Coin Holder
Coin Holder adesivo angular
Folhas para moedas
Folhas para cédulas
Folders
Blisters
Material numismático em geral

República do Brasil
1889 a 2025



Produtos 100% fabricados no Brasil





Ednilson Araújo

Numismática

Moedas graduadas pela NGC e PCGS
As principais graduadoras do Mundo



Participe dos nossos leilões no site:
www.ednilsonaraujoleiloes.com.br



WhatsApp || 96495-7002

Instagram Facebook #AcervoEdnilsonAraujo

Email: acervoednilsonaraujo@hotmail.com



**COMPRA
E VENDE**

Moedas, cédulas,
materiais numismáticos
e colecionáveis.

AVALIAMOS COLEÇÕES

FELIPE ROCHA

☎ 21 9 7169 0097
☎ 21 9 8169 0097
✉ hikingrocha@yahoo.com.br
📷 @rocha.numismatica

MARIANA CAMPOS
A sua reserva numismática

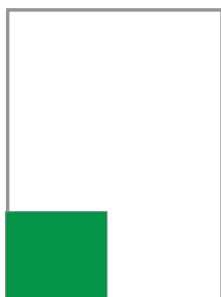
COMPRA E VENDE MOEDAS
ASSOCIADA À SOCIEDADE NUMISMÁTICA BRASILEIRA (SNB)

☎ (11) 96617-6213
📷 @MARICAMPOSNUMISMATICA
🌐 WWW.MARICAMPOSNUMISMATICA.COM.BR

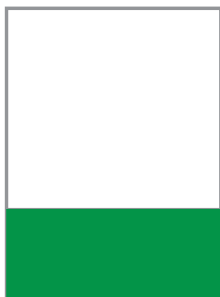


Anuncie no Boletim da SNB

A Sociedade Numismática Brasileira, entidade com 97 anos está disponibilizando para o próximo boletim de dezembro /2021, espaços publicitários em quatro formatos conforme abaixo. Os anúncios poderão ser reservados antecipadamente. A tiragem é de 1000 exemplares com distribuição gratuita para os associados. Os anúncios deverão vir prontos ou podemos indicar uma empresa que desenvolverá a arte.



7,5 cm X 7 cm
1/6 de pág.
R\$ 140,00*



1/3 de página
15 cm X 7 cm
R\$ 220,00*



1/2 de página
15 cm X 10,5 cm
R\$ 300,00*



1 página
15 cm X 21 cm
R\$ 500,00*

***Valores válidos para associados da SNB. Para não associado acrescentar 20% no valor.**

SOCIEDADE NUMISMÁTICA BRASILEIRA

Rua 24 de Maio nº 247 – 2º andar - São Paulo – SP - CEP 01041-001
Maiores informações: snb@snb.org.br ou snb@uol.com.br



Moedas e Cédulas

Nacionais e Estrangeiras

COMPRA - VENDA - AVALIAÇÃO
COMPRAMOS COLEÇÕES FECHADAS

SIGILO ABSOLUTO

**SERVIÇO DE GRADUAÇÃO
INTERNACIONAL**

**PERITAGEM E AVALIAÇÃO
DE COLEÇÕES**

CONSIGNAÇÃO

ONCE-TROY



 (11) 9 9966-5454  (31) 9 9205-2678

 numismatica54sp@gmail.com

Rua 24 de Maio, 247 - Cj 81 - 8º Andar
São Paulo/SP - Brasil
CEP: 01041-001

XXV

CONGRESSO BRASILEIRO DE NUMISMÁTICA

09 a 11 DE DEZEMBRO
2021

Novotel Jaraguá Conventions
Rua Martins Fontes, 71 - Centro - São Paulo - SP

- ➔ Exposições
- ➔ Palestras
- ➔ Lançamentos
- ➔ Homenagens
- ➔ Vendas sob ofertas
- ➔ Mesas de comercialização



Sede Social

Rua 24 de maio nº 247
2º andar - São Paulo - SP
Tel.: (11) 3222.3534 e 3333.7004
e-mail: snb@snb.org.br

ASSOCIE-SE www.snb.org.br



Seja associado da SNB

Venha fazer parte da mais antiga, importante e atuante instituição numismática do país.

A **Sociedade Numismática Brasileira**

conta com um dos maiores e mais importantes acervos de livros especializados na numária brasileira. Aberta diariamente, a SNB proporciona aos associados, encontros semanais com colecionadores e promove os já consagrados Congressos Brasileiros de Numismática. Os associados ainda recebem 2 publicações anuais do Boletim da SNB, acesso irrestrito no site da SNB, Além de descontos em publicações da entidade, conta também com a carteira social de identificação personalizada de associado.



Não perca a chance e associe-se já!

O valor de nossa contribuição anual para 2020 é de R\$ 330,00.

Para associar-se preencha a proposta que está em nosso site (<http://snb.org.br/portal/associados.htm>) e enviar junto com cópias autenticadas do RG, CPF, foto e comprovante de residência. Qualquer dúvida entre em contato com a secretaria pelo e-mail snb@snb.org.br



ISSN 0037-8704



0 037870 4



Rua 24 de Maio, 247 - 2º andar - São Paulo - Brasil - CEP 01041-001
Site: www.snb.org.br | email: snb@snb.org.br